UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

ALEXANDRE RODRIGUES DE SOUSA

**Percepção de ameaça terrorista nos jogos olímpicos:
um estudo de caso sobre a cidade-sede São Paulo
nas Olimpíadas Rio 2016**

São Paulo
2017

ALEXANDRE RODRIGUES DE SOUSA

**Percepção de ameaça terrorista nos jogos olímpicos:
um estudo de caso sobre a cidade-sede São Paulo
nas Olimpíadas Rio 2016**

Dissertação apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em
Relações Internacionais do Instituto
de Relações Internacionais da
Universidade de São Paulo, para a
obtenção do título de Mestre em
Ciências.

Orientador: Prof. Dr. Feliciano de
Sá Guimarães

Versão corrigida

A versão original se encontra disponível na Biblioteca do Instituto de Relações
Internacionais

São Paulo
2017

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação*

Instituto de Relações Internacionais da Universidade de São Paulo

SOUSA, Alexandre Rodrigues de

Percepção de ameaça terrorista nos jogos olímpicos: um estudo de caso sobre a cidade-sede São Paulo nas Olimpíadas Rio 2016 / Alexandre Rodrigues de Sousa. -- Orientador: Feliciano de Sá Guimarães. São Paulo: 2017. 120p.

Dissertação (mestrado). Universidade de São Paulo. Instituto de Relações Internacionais.

1. Segurança internacional. 2. Terrorismo internacional. 3. Ameaça terrorista. 4. Percepção. 5. Olimpíada. I. Guimarães, Feliciano de Sá. II. Título.

CDD 363.325

* Geração automática da ficha catalográfica: www.iri.usp.br/fichacatalografica

FOLHA DE APROVAÇÃO

Alexandre Rodrigues de Sousa

Percepção de ameaça terrorista nos jogos olímpicos: um estudo de caso sobre a cidade-sede São Paulo nas Olimpíadas Rio 2016

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais do Instituto de Relações Internacionais da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Mestre em Ciências.

Aprovado em 28 de setembro de 2017.

Banca Examinadora

Prof. Dr. Feliciano de Sá Guimarães (Orientador)
Instituto de Relações Internacionais da Universidade de São Paulo

Prof. Dra. Ana Paula de Moraes Teixeira
Centro de Estudos de Pessoal e Forte Duque de Caxias

Prof. Dr. Peterson Ferreira da Silva
Faculdades Integradas Rio Branco

Homologado pela Comissão de Pós-Graduação em 02 de outubro de 2017.

Aos pais, Raimundo e Nina, pelo amor e dedicação com que se entregaram à tarefa de educar os filhos.

Para minha esposa, Ariana, e nossa filha, Maria Laura, pelo amor que nos une e nos faz seguir adiante.

AGRADECIMENTOS

Ao Exmo. Sr. Gen. Ex. Décio Luis Schons, Comandante da Escola Superior de Guerra - e antigo Comandante do Comando de Defesa de Área São Paulo, por ocasião dos Jogos Olímpicos Rio 2016 - pelo incentivo, orientação e exemplo.

Ao Exmo. Sr. Gen. Div. Eduardo Diniz, Comandante da 2ª Divisão de Exército, sediada em São Paulo, pelo estímulo, orientação e exemplo.

Ao Coronel Carlos Eduardo Moraes Weber, Chefe do Estado-Maior do Comando da 2ª Divisão de Exército, pelo apoio à pesquisa e pelas experiências transmitidas.

À coordenadora do programa de pós-graduação do Instituto de Relações Internacionais da Universidade de São Paulo, Profª. Dra. Janina Onuki, pelo exemplo de dedicação, serenidade e rigor científico.

Ao meu orientador Prof. Dr. Feliciano de Sá Guimarães, pelo referencial - como pesquisador e acadêmico - e pela firmeza de propósitos na busca incansável do conhecimento.

Aos professores e funcionários do Instituto de Relações Internacionais da Universidade de São Paulo, pelo zelo com que conduzem as atividades acadêmicas a seu encargo e pela atenção que dedicam a cada um dos alunos.

A todos os profissionais que trabalharam para que os jogos olímpicos do Brasil transcorressem em um ambiente de paz e segurança.

Aos que contribuíram para a presente pesquisa.

Muito obrigado.

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Distribuição percentual (%) de instalações desportivas e meios de hospedagem utilizados por delegações internacionais durante as olimpíadas, por Estado da Federação - 2016.....	22
Gráfico 2 - Grau de percepção (%) dos elementos característicos do terrorismo, segundo políticos e representantes de instituições governamentais - 2004	33
Gráfico 3 - Grau de percepção (%) dos elementos característicos do terrorismo, segundo acadêmicos e representantes de organizações não governamentais - 2004	33
Gráfico 4 - Progressão cumulativa do número de concludentes do EPAT, no período de fevereiro a julho - 2016.....	46
Gráfico 5 - Distribuição de alunos (%) da turma-piloto por faixa etária - 2016	47
Gráfico 6 - Distribuição de alunos (%) da turma-piloto por gênero - 2016.....	48
Gráfico 7 - Distribuição de alunos (%) da turma-piloto por escolaridade - 2016	48
Gráfico 8 - Distribuição percentual (%) da percepção de elementos característicos do terrorismo pela turma-piloto - 2016	49
Gráfico 9 - Distribuição de frequência (%) segundo o grau de importância atribuída ao EPAT pela turma-piloto - 2016	49
Gráfico 10 - Distribuição de frequência (%) segundo a menção de qualidade atribuída ao EPAT pela turma-piloto - 2016	50
Gráfico 11 - Distribuição do grupo amostral (%) por faixa etária - 2016.....	51
Gráfico 12 - Distribuição do grupo amostral (%) por gênero - 2016	52
Gráfico 13 - Distribuição do grupo amostral (%) por religião - 2016.....	53
Gráfico 14 - Distribuição do grupo amostral (%) por escolaridade - 2016.....	53
Gráfico 15 - Distribuição dos concludentes do EPAT (%) por gênero - 2016.....	54
Gráfico 16 - Distribuição dos concludentes do EPAT (%) por faixa etária - 2016	55
Gráfico 17 - Nível de importância atribuída ao EPAT (%) pelos concludentes do estágio - 2016	55
Gráfico 18 - Nível de autoconfiança (%) atingido pelos concludentes do EPAT - 2016.....	56
Gráfico 19 - Grau de percepção (%) dos elementos característicos do terrorismo, segundo grupo amostral - 2016	57
Gráfico 20 - Distribuição percentual do grupo amostral (%), segundo a percepção de imunidade em relação à ameaça terrorista - 2016	58
Gráfico 21 - Percepção das causas da não imunidade (%) em relação à ameaça terrorista, segundo grupo amostral - 2016	58
Gráfico 22 - Percepção das causas da imunidade (%) em relação à ameaça terrorista, segundo grupo amostral - 2016	59
Gráfico 23 - Grau de percepção (%) dos elementos característicos do terrorismo, segundo grupo amostral, antes e depois do EPAT - 2016.....	59
Gráfico 24 - Taxa de variação (%) do grau de percepção dos elementos característicos do terrorismo pelo grupo amostral, antes e após EPAT - 2016	60

Gráfico 25 - Participação no EPAT (%), segundo concludentes da Pesquisa Percepção de Ameaças e Políticas Públicas - 2016.....	61
Gráfico 26 - Distribuição dos concludentes (%) da Pesquisa Percepção de Ameaças e Políticas Públicas, segundo a participação no EPAT, por faixa etária - 2016	62
Gráfico 27 - Distribuição dos concludentes (%) da Pesquisa Percepção de Ameaças e Políticas Públicas, segundo a participação no EPAT, por escolaridade - 2016	62
Gráfico 28 - Distribuição de frequência dos concludentes da Pesquisa Percepção de Ameaças e Políticas Públicas (%), segundo o grau de eficácia atribuído ao EPAT - 2016...	63
Gráfico 29 - Percepção da necessidade (%) do caráter permanente para políticas públicas de prevenção ao terrorismo - 2016	64
Gráfico 30 - Percepção (%) comparada de ameaças à segurança pública, segundo concludentes da Pesquisa Percepção de Ameaças e Políticas Públicas - 2016	64
Gráfico 31 - Percepção da posição da ameaça terrorista (%) no rol de ameaças à segurança pública, segundo a participação no EPAT - 2016.....	65
Gráfico 32 - Percepção dos impactos (%) do terrorismo - 2016	65
Gráfico 33 - Percepção dos impactos (%) do terrorismo, segundo concludentes da Pesquisa Percepção de Ameaças e Políticas Públicas, por participação no EPAT - 2016	66
Gráfico 34 - Percepção da natureza (%) do terrorismo, segundo concludentes da Pesquisa Percepção de Ameaças e Políticas Públicas - 2016	66
Gráfico 35 - Grau de percepção (%) das famílias brasileiras em relação aos vetores de ameaça à segurança pública no território nacional, por região geográfica - 2011	75
Gráfico 36 - Elementos do terrorismo (%) em perspectiva comparada, segundo o referencial teórico e dados empíricos	77
Gráfico 37 - Diferença (%) entre elementos característicos do terrorismo, segundo os níveis conceitual e empírico - 2016	81
Gráfico 38 - Nível de autoconfiança (%) atingido pelos concludentes do EPAT - 2016.....	86

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 - Grau de percepção (%) das famílias brasileiras em relação aos vetores de ameaça à segurança pública no território nacional, por região geográfica - 2011	15
Tabela 2 - Grau de percepção (%) dos elementos característicos do terrorismo, segundo consenso acadêmico - 1984	31
Tabela 3 - Composição do universo de pesquisa, por categorias de concludentes EPAT/SP, tipos e versões de formulários - 2016	45
Tabela 4 - Composição do grupo amostral, por categorias de concludentes EPAT/SP, tipos e versões de formulários - 2016	46
Tabela 5 - Data de criação, identificação e tipo dos coletores utilizados na aplicação do formulário tipo "A" digital - 2016	47
Tabela 6 - Resumo da base de dados originária do formulário tipo "A", impresso e digital, aplicado ao setor de turismo - 2016	57
Tabela 7 - Grau de percepção (%) dos elementos característicos do terrorismo, segundo o grupo amostral - 2016	57
Tabela 8 - Percepção (%) dos elementos característicos do terrorismo, segundo grupo amostral, antes e depois do EPAT - 2016	60
Tabela 9 - Resumo da base de dados originária do formulário tipo "B", digital, aplicado ao setor de turismo - 2016	61
Tabela 10 - Definição de elementos conceituais do terrorismo, a partir dos referenciais teóricos de Schmid, Rapoport, Crenshaw, Hoffman e Stepanova - 2016	68
Tabela 11 - Diferenças (%) entre amostra e referência - 2016	80

RESUMO

Esta pesquisa tem como objeto de estudo a percepção de ameaça terrorista em São Paulo, no contexto dos Jogos Olímpicos Rio 2016. Os objetivos da pesquisa foram caracterizar a percepção da população de São Paulo em relação à ameaça terrorista e dimensionar a efetividade do programa governamental de sensibilização contra ameaça terrorista concebido em proveito da segurança durante os jogos olímpicos. Ao longo de seis meses, de fevereiro a julho de 2016, o autor integrou a equipe do programa e participou da capacitação de 4.287 (quatro mil duzentos e oitenta e sete) profissionais dos setores de turismo, segurança pública e defesa. A pesquisa adota o método do estudo de caso e a base de dados é composta por 1.109 (um mil cento e nove) formulários de pesquisa. Com base em 13 (treze) características do terrorismo extraídas das obras de Alex Schmid, David Rapoport e Martha Crenshaw, o pesquisador investiga a percepção de ameaça terrorista no grupo amostral, obtendo como resultado os seguintes elementos: *fanatismo e/ou extremismo religioso (85,57%); violência física e/ou psicológica (62,23%); intimidação, medo e incerteza (60,90%); objetivos políticos (55,37%); uso das redes sociais (53,22%); planejamento (51,79%); estratégia (50,77%); indivíduos isolados (45,04%); grupos não estatais (37,56%); propaganda (36,34%); vítimas aleatoriamente escolhidas (35,41%); clandestinidade (33,98%); ação tática (17,60%)*. Quanto ao programa governamental de sensibilização contra ameaça terrorista, os resultados apontam um aumento de 34,31% (trinta e quatro vírgula trinta e um por cento) no índice de percepção dos concludentes do curso, indicando a efetividade do instrumento.

Palavras-chave: segurança internacional; terrorismo internacional; ameaça terrorista; percepção; olimpíada.

ABSTRACT

The object of this research is the perception of terrorist threat in São Paulo, in the context of the Olympic Games Rio 2016. The objectives of the research were to characterize the population's perception of the terrorist threat and to assess the effectiveness of the government's program of sensitization against terrorist threats designed to improve resilience during the Olympic Games. Over the course of six months, from February to July 2016, the author joined the program team and participated in the training of 4,287 (four thousand two hundred and eighty-seven) professionals in the tourism, public security and defense sectors. The research adopts the case study method and the database is made up of 1,109 (one thousand one hundred and nine) research forms. Based on (13) thirteen characteristics of terrorism extracted from the works of Alex Schmid, David Rapoport and Martha Crenshaw, the researcher investigates the perception of terrorist threat in the sample group, resulting in the following elements: *fanaticism and / or religious extremism* (85 , 57%); *physical and / or psychological violence* (62.23%); *intimidation, fear and uncertainty* (60.90%); *political objectives* (55.37%); *use of social networks* (53.22%); *planning* (51.79%); *strategy* (50.77%); *isolated individuals* (45.04%); *non-state groups* (37.56%); *advertising* (36.34%); *randomly selected victims* (35.41%); *clandestinely* (33.98%); *tactical action* (17.60%). As for the government's program to raise awareness against terrorist threats, the results indicate a 34.31% (thirty-four point thirty-one percent) increase in the perception of the conclusive students of the course, indicating the effectiveness of the instrument.

Keywords: international security; international terrorism; terrorism threat; perception; olympics.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
2. REFERENCIAL TEÓRICO	26
3. PROTOCOLO DO ESTUDO DE CASO.....	41
3.1. OBJETIVOS DO ESTUDO DE CASO.....	41
3.2. QUESTÕES ORIENTADORAS DO ESTUDO DE CASO.....	41
3.3. CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO	42
3.4. METODOLOGIA.....	42
3.4.1. Participantes	42
3.4.2. Instrumentos, aplicação e coleta	43
3.5. TURMA-PILOTO.....	44
4. RESULTADOS	45
4.1. APRESENTAÇÃO DE DADOS GERAIS	45
4.2. AVALIAÇÃO DA TURMA-PILOTO.....	47
4.3. PERFIL SÓCIO-DEMOGRÁFICO DO GRUPO AMOSTRAL	51
4.4. DADOS COLETADOS	54
5. ANÁLISE E DISCUSSÃO.....	67
5.1. CONCEITO DE TERRORISMO	67
5.2. PERCEPÇÃO DOS PARTICIPANTES	69
5.3. CONCEITO E PERCEPÇÃO : SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS	76
5.4. SENSIBILIZAÇÃO E MUDANÇAS DE PERCEPÇÃO.....	82
6. CONCLUSÃO.....	91
REFERÊNCIAS	94
ANEXO A – Pesquisa percepção de ameaça terrorista.....	109
ANEXO B – Pesquisa percepção e políticas públicas.....	111
ANEXO C – Roteiro do estudo de caso	115

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como objeto de estudo a percepção de ameaça terrorista nos Jogos Olímpicos 2016, particularmente na cidade de São Paulo que - juntamente com Belo Horizonte, Salvador, Manaus, Brasília e Rio de Janeiro - foi sede das Olimpíadas no Brasil. O objetivo do trabalho é analisar a percepção de ameaça terrorista em São Paulo, no contexto dos Jogos Olímpicos Rio 2016.

Segundo Guttman (2002), poucos são os fenômenos que despertam tanto interesse na sociedade internacional quanto os Jogos Olímpicos. Quer sob o aspecto cultural, econômico, político, social - ou mesmo militar - as Olimpíadas modernas alcançaram tamanha complexidade que, para o geógrafo Martin Müller, da Universidade de Zurique, elas pertencem a uma nova categoria intitulada giga-eventos. A classificação leva em conta não apenas o número de espectadores, ou o custo total do empreendimento, mas sobretudo seu caráter multidimensional e seus impactos sobre a população e o ambiente (MÜLLER, 2015).

Estudos anteriores sobre Jogos Olímpicos - realizados durante os preparativos das Olimpíadas de Sydney, Austrália, em 2000 - revelaram que o terrorismo é frequentemente percebido como a maior ameaça à segurança de eventos dessa natureza (CASHMAN; HUGHES, 1999). Uma pesquisa realizada no Japão, sobre outro torneio mundial - a Copa do Mundo de 2002 - revelou a influência significativa do ataque terrorista sofrido pelos Estados Unidos, no dia 11 de Setembro de 2001, sobre o nível de percepção de ameaça em relação a grandes eventos (TAYLOR; TOOHEY, 2006). Na Grã-Bretanha, Goodwin, Wilson e Gaines Jr. (2005) analisaram a correlação existente entre variáveis sócio-demográficas como idade, gênero e localização com a percepção de ameaça terrorista, com o foco na construção de estratégias de prevenção e desenvolvimento da capacidade de resiliência. Até o presente momento, não há registro de estudos anteriores que tenham explorado estritamente o objeto desta pesquisa, qual seja, a percepção de ameaça terrorista, no contexto dos Jogos Olímpicos 2016, em São Paulo.

Segundo Myers (2014), especialista em psicologia social, a percepção¹ é a base do comportamento humano. De acordo com o autor, são as interpretações da

¹ A percepção é objeto de estudo de diferentes disciplinas das ciências humanas e sociais, a exemplo da filosofia, comunicação e antropologia. O foco na abordagem da psicologia social foi uma opção do autor em função do alinhamento deste trabalho com estudos dessa disciplina, em matéria de terrorismo.

realidade - não a realidade em si - que moldam o comportamento individual e a vida em sociedade. Essas interpretações são as percepções e estão intimamente ligadas ao arcabouço cognitivo de cada indivíduo. Em grande medida, perceber e compreender são processos distintos, mas diretamente relacionados à construção do conhecimento. Isso corrobora o pensamento de Bowditch e Buono (1992), para quem a percepção pode ser entendida como o modo segundo o qual são interpretadas as sensações decorrentes do estímulo físico dos sentidos ou, ainda, a crença - que varia de pessoa a pessoa - baseada em impressões, percepções, conhecimento.

Ao mesmo tempo, o conceito de percepção difere do de opinião pública. Segundo o entendimento de Figueiredo e Cervellini (1995), a opinião pública tem origem em um processo de discussão coletiva, refere-se a tema de relevância pública e é expressa publicamente, "seja por sujeitos individuais em situações diversas, seja em manifestações coletivas" (NOVELLI, 2012).

Assim, quer no nível individual, quer no nível sociopolítico, a percepção de ameaça², de acordo com Pyszczynski, Solomon e Greenberg (2003), resulta da interpretação subjetiva das capacidades e das intenções de um ator - de qualquer natureza - que, sob a ótica do perceptor (aquele que percebe), constitui-se possível vetor de ameaça. Para Keohane e Wallander (2002), a percepção da ameaça se consolida quando os atores potencialmente capazes de afetar a segurança – de Estados, instituições, empresas ou indivíduos – são assim percebidos como tal.

Por essa razão, a percepção de ameaça constitui-se uma variável decisiva no delineamento de políticas públicas de segurança e defesa, particularmente no contexto de crises internacionais. Portanto, permanece válido o argumento utilizado por Cohen (1979) em *Threat Perception in International Crisis*, segundo o qual a percepção de uma ameaça é o elemento que instrui a natureza e a intensidade das medidas – ou contramedidas – de segurança e defesa adotadas no curso de uma crise de segurança internacional.

No Brasil, em 2011, o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) realizou um estudo domiciliar e presencial destinado a captar a percepção das famílias acerca de ameaças e políticas públicas. Após analisar os dados de mais de 4.000 (quatro mil) famílias em 212 (duzentos e doze) municípios brasileiros, os

² Percepção de ameaça é um conceito composto recorrente nos estudos de segurança.

pesquisadores concluíram que, em uma lista com 6 (seis) possíveis ameaças à segurança - crime organizado, desastre ambiental ou climático, guerra com potência estrangeira, terrorismo, guerra com país vizinho ou epidemias - o terrorismo ocupava a última posição, com menos de 30% dos votos. Em primeiro lugar, com mais da metade, figurava o crime organizado.³

Tabela 1 - Grau de percepção (%) das famílias brasileiras em relação aos vetores de ameaça à segurança pública no território nacional, por região geográfica - 2011

	Centro-Oeste	Nordeste	Norte	Sudeste	Sul	BRASIL
Crime organizado	53,7%	50,1%	63,1%	58,0%	46,3%	54,2%
Desastre ambiental ou climático	46,3%	36,2%	54,0%	39,2%	29,4%	38,6%
Guerra com potência estrangeira	28,9%	39,5%	29,2%	33,5%	34,6%	34,7%
Guerra com país vizinho	27,8%	35,0%	29,5%	33,6%	31,5%	33,0%
Epidemias	34,8%	33,3%	47,6%	29,2%	17,3%	30,5%
Terrorismo	38,5%	39,5%	32,2%	25,5%	15,5%	29,5%
Outros	0,4%	1,1%	1,3%	0,9%	0,2%	0,8%
Nenhuma das anteriores	2,2%	3,4%	1,3%	2,1%	4,2%	2,7%
Não sabe/não respondeu	0,4%	0,4%	0,0%	0,2%	0,2%	0,3%

Fonte: IPEA, 2011. Disponível em: < goo.gl/3YH88B >. Acesso em: 14 out. 2016.

Dessa maneira, a pesquisa do IPEA sobre ameaças e políticas públicas, realizada cinco anos antes das Olimpíadas de 2016, evidencia números que indicam baixo grau de percepção da população brasileira em relação ao terrorismo (29,5%) - enquanto ameaça à segurança - particularmente quando comparada com a percepção de ameaça correspondente ao crime organizado (54,2%).

Embora calcada em elementos subjetivos, a pesquisa acima revelou traços singulares do panorama da segurança pública brasileira e trouxe à tona diversos questionamentos referentes à capacidade do Brasil de sediar os jogos mundiais. Segundo Mesquita (2012), o terrorismo é uma das principais ameaças à segurança internacional da atualidade. Para Neirotti (2006), Taylor e Toohey (2006) o simbolismo, o caráter sociopolítico-cultural e o apelo midiático dos grandes eventos desportivos os transformam em alvos potenciais do terrorismo internacional contemporâneo. Diante desse quadro - e dos números apontados pelo IPEA - indagava-se à época de que modo um país com baixa percepção do terrorismo como uma ameaça à sua própria segurança (INSTITUTO DE PESQUISA

³ Disponível em: < goo.gl/3YH88B >. Acesso em: 14/10/2016.

ECONÔMICA APLICADA, 2011) poderia proporcionar um ambiente seguro e pacífico⁴ para toda a comunidade internacional, em um evento da magnitude de uma olimpíada.

Em um breve retrospecto histórico em busca de registros de ataques terroristas em eventos olímpicos, observa-se que o atentado realizado pelo grupo árabe Setembro Negro contra a delegação israelense, em 1972, durante as Olimpíadas de Munique, culminou com a morte de 11 (onze) atletas e entrou para a história como um dos piores ataques terroristas já realizados durante jogos olímpicos (FRATTINI, 2008). Inevitável e propositadamente, a estrutura de mídia montada no local para cobertura do evento esportivo foi utilizada ardilosamente pelos terroristas para a transmissão das imagens do terror em curso. Estima-se que cerca de 800 (oitocentos) milhões de espectadores tenham acompanhado pela televisão – uma audiência global, sobretudo considerando-se os recursos de telemática disponíveis nos idos anos 1970 (SCHMID; DE GRAAF, 1982).

Durante a década de 1980 não foram registradas alterações significativas no que tange ao objeto deste estudo mas, em 1996, nas Olimpíadas de Atlanta, Estados Unidos, a explosão de uma bomba no *Centennial Olympic Park* matou 2 (duas) pessoas e feriu outras 111 (cento e onze) pessoas. O atentado foi realizado por um ativista americano de extrema-direita, Eric Rudolph que alegou, em juízo, ter realizado o ataque por ser contrário ao aborto e ao homossexualismo (WOLOSZYN, 2010).

Já na atual década, em 2013, outro atentado contra um evento desportivo teve como palco os Estados Unidos. Em 15 de abril, durante a Maratona de Boston, uma das maiores corridas de rua do mundo, a explosão de 2 (duas) bombas caseiras matou 3 (três) pessoas e feriu outras 264 (duzentos e sessenta e quatro). Os irmãos Dzhokhar e Tamerlan Tsarnaev, de origem chechena, foram identificados e presos. O extremismo islâmico foi a motivação dos terroristas, que em juízo se declararam auto-radicalizados (WOLOSZYN, 2010).

De acordo com Lei (2007), Taylor e Toohey (2008), como consequência desses e outros ataques a eventos desportivos, os investimentos na segurança de grandes eventos tem recebido cada vez mais atenção por parte de países e estados anfitriões, particularmente no que tange a medidas antiterrorismo. Nesse sentido, os

⁴ Conforme preconizado no Plano Estratégico de Segurança Integrada para os Jogos Olímpicos e Paralímpicos Rio 2016. Disponível em: < goo.gl/TxFFvL >. Acesso em: 10/02/2016.

jogos olímpicos realizados a partir de 1972 - Montreal (1976), Moscou (1980), Los Angeles (1984), Seul (1988), Barcelona (1992), Atlanta (1996), Sydney (2000), Atenas (2004), Pequim (2008), Londres (2012) e Rio de Janeiro (2016) - registraram um aumento gradual nos investimentos em segurança, ao mesmo tempo em que testemunharam a evolução da complexidade das estruturas de proteção e das medidas de prevenção e combate ao terrorismo (PRATES, 2016).

E se de alguma forma os acontecimentos que marcaram o 11 de Setembro de 2001 influenciaram as diretrizes governamentais no tocante ao aspecto segurança dos Jogos Olímpicos, os registros dão conta de que mesmo antes daquele ano já havia uma forte tendência à expansão da estrutura de segurança dos eventos. Por exemplo, em relação ao planejamento dos Jogos Olímpicos de Sydney, Austrália, em 2000, registrou Thompson (1996, p.7)

A Olimpíada de Sydney será a maior operação de segurança da Austrália desde a Segunda Guerra Mundial. Ela demandará um esforço muito maior do que qualquer outra operação de segurança nos 55 anos anteriores. Será não apenas a maior, mas também a mais complexa operação de segurança em tempos de paz na história da Austrália (THOMPSON, 1996, p.7, tradução nossa).

Contudo, não resta dúvida de que o atentado de 11 de setembro de 2001 aumentou o nível de percepção de ameaça associado a grandes eventos (TAYLOR; TOOHEY, 2003). Os Jogos da *Commonwealth* - comunidade britânica, constituída por 53 países de língua inglesa - realizados em Manchester, em 2002, as Olimpíadas de Atenas, em 2004, e de Pequim, em 2008, ampliaram significativamente os investimentos em segurança e implementaram medidas de prevenção antiterrorismo mais rigorosas. (TAYLOR; TOOHEY, 2007; BOO; GU, 2010). Segundo Lei (2007), no caso da Olimpíada de Pequim, o aumento orçamentário por conta de medidas extras de segurança foram estimados em US\$ 2 bilhões.

Segundo Prates (2016), no caso das Olimpíadas de Londres, em 2012, as autoridades do Reino Unido classificaram o evento como de alto risco, desde o início. Esse aspecto foi fundamental para a elaboração de planos preventivos e de contingência em todos os níveis, integrando todos os atores envolvidos no planejamento e na execução das operações de segurança. Pouco antes do início dos Jogos, dados da inteligência britânica indicavam a possibilidade de ataques suicidas - não contra as instalações olímpicas, que estavam extremamente

protegidas - mas sim sobre áreas de grandes concentrações de público, onde a atuação das forças de segurança era sensivelmente mais complexa.

A despeito disso, o trabalho integrado entre as agências e a campanha de informação pública conduzida pelas autoridades britânicas mostraram-se eficientes para a prevenção e mitigação de potenciais ameaças terroristas. As Olimpíadas de Londres terminaram em segurança, sem a ocorrência de nenhum evento terrorista e com índices de percepção de segurança superiores a 90%, durante os jogos (PRATES, 2016).

No cenário internacional, entre 2012 e 2016, ataques terroristas tornaram-se cada vez mais frequentes e violentos, notadamente em países como Síria, Iraque, Turquia, França e Alemanha. No mesmo período, o grupo fundamentalista *Islamic State of Iraq and Syria* (ISIS) ou *Islamic State of Iraq and the Levant* (ISIL) ganhou notoriedade e trouxe o terrorismo para a ordem do dia, influenciando a opinião pública e a percepção de ameaças em escala global (NEUMANN, 2016).

No Brasil, o tema ganhou evidência em janeiro de 2016, após a divulgação do caso Adlène Hicheur, um cientista franco-argelino, professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), condenado na França por planejar atentados terroristas. De acordo com o material divulgado pela Justiça francesa, Adlène tinha conexões com o grupo terrorista *Al Qaeda* e, por essa razão, vinha sendo investigado pela Polícia Federal (NETTO, 2016).

Outro fato que marcou o início de 2016 foi a divulgação de uma mensagem veiculada na rede social *Twitter*, na qual o francês Maxime Hauchard, integrante do ISIS, desferiu ameaça direta contra o Brasil. De acordo com a Agência Brasileira de Inteligência (ABIN), a mensagem era autêntica e teria sido produzida após os atentados de Paris, em novembro de 2015. De acordo com autoridades e especialistas, apesar da inexistência de um histórico de terrorismo no país, aquele foi o primeiro registro de ameaça proveniente de um grupo ou indivíduo associado ao terrorismo internacional (RODRIGUES, 2016).

Todos esses fatos, juntamente com a crescente cobertura midiática das Olimpíadas, contribuíram para o incremento gradual da percepção de ameaça no Brasil, particularmente associada a uma ação terrorista.

Por seu turno, visando à preservação de um ambiente seguro e pacífico durante os Jogos Olímpicos 2016, e para garantir a integridade da população, de turistas e de atletas nas cidades-sede dos jogos, o governo federal destinou cerca

de R\$ 350 milhões em investimentos nos três principais eixos de atuação - segurança pública, defesa e inteligência - a cargo, respectivamente do Ministério da Justiça, Ministério da Defesa e Agência Brasileira de Inteligência (ABIN).⁵

Ao todo, 85 mil profissionais - 47 mil do setor de Segurança Pública e 38 mil militares das Forças Armadas - foram mobilizados em proveito da segurança dos jogos. Os grandes eventos realizados no país no período de 2007 a 2014 favoreceram a aquisição de uma expertise por parte das diversas unidades - constantemente empregadas - e favoreceu a integração interagências. Nesse sentido, os Jogos Pan Americanos de 2007, a Copa das Confederações e a Jornada Mundial da Juventude, em 2013, a visita do Papa Francisco no mesmo ano e a Copa do Mundo FIFA 2014 foram eventos que contribuíram decisivamente para o desenvolvimento de habilidades específicas no nível tático e para a conformação de um *know how* por parte de todos os órgãos envolvidos.⁶

Em termos de estruturas e instalações, a gestão da segurança e do ordenamento urbano apoiou-se nos Centros Integrados de Comando e Controle Regionais (CICC-R) e nos Comandos de Defesa de Área (CDA). No nível regional, esses foram os órgãos que reuniram e integraram os meios de segurança e defesa empregados em cada uma das cidades-sede (SÃO PAULO, 2015).

Em São Paulo, a assinatura de uma carta de intenções pelo Governo estadual, em 2008, marcou o início do apoio do Estado aos Jogos Olímpicos Rio 2016. No ano seguinte, a Lei Nr 12.035, de 1º de outubro de 2009, instituiu o Ato Olímpico no âmbito da administração pública federal, visando a garantir as condições necessárias para a realização dos Jogos no Brasil (BRASIL, 2009).

Em 08 de julho de 2015, com o Decreto Nº 61.361, a Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo instituiu o Comitê Paulista das Olimpíadas 2016, “com o objetivo de coordenar e articular as ações preparatórias para a realização dos jogos olímpicos no Estado de São Paulo e o Comitê Paulista do Esporte Olímpico, com o objetivo de desenvolver políticas públicas para o esporte e o paradesporto no Estado de São Paulo”(SÃO PAULO, 2015).

A participação de São Paulo nos Jogos Olímpicos Rio 2016 foi oficializada em 30 de setembro de 2015. O contrato celebrado entre o Governo do Estado, a Prefeitura da Cidade de São Paulo e o Comitê Olímpico Brasileiro, estabeleceu

⁵ Disponível em: < <https://goo.gl/ts8RPk>>. Acesso em: 14 out. 2016.

⁶ Disponível em: < <https://goo.gl/ji4erH>>. Acesso em: 14 out. 2016.

compromissos recíprocos para a realização dos jogos, principalmente nas áreas de segurança pública, mobilidade urbana e saúde.

Além de todas as medidas de prevenção estabelecidas desde 2014 - e dos investimentos em pessoal e estrutura - a segurança dos Jogos Olímpicos Rio 2016 atuou ainda no espectro informacional, por meio de uma campanha direcionada aos profissionais dos setores de infraestrutura e de serviços - direta ou indiretamente ligados ao público no período dos jogos. Essa campanha teve início no dia 18 de fevereiro de 2016, em São Paulo, com a abertura dos trabalhos do programa de sensibilização contra ameaça terrorista, promovido pelos Ministérios da Defesa, Justiça e ABIN.⁷

O programa teve como ação principal a realização do Estágio de Percepção de Ameaças Terroristas (EPAT), que foi ministrado por especialistas das áreas de segurança e defesa para funcionários - de todos os níveis - dos hotéis, aeroportos, transportes públicos, além de voluntários, agentes de segurança, policiais civis, militares e membros das Forças Armadas. A integração nos três níveis governamentais – federal, estadual e municipal – e o foco voltado para o incremento da segurança e prevenção contra a ameaça terrorista alcançou resultados expressivos em São Paulo e nas demais cidades-sede. Somente na capital paulista, 4.287 (quatro mil duzentos e oitenta e sete) profissionais participaram do estágio.

Em março de 2016 foi publicada a lei federal 13.260, também chamada lei antiterrorismo, regulamentando o inciso XLIII do artigo 5º da Constituição, que considera a prática do terrorismo "crime inafiançável e insuscetível de graça ou anistia". De acordo com o instituto legal (BRASIL, 2016, p.1)

Art. 2º O terrorismo consiste na prática por um ou mais indivíduos dos atos previstos neste artigo, por razões de xenofobia, discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia e religião, quando cometidos com a finalidade de provocar terror social ou generalizado, expondo a perigo pessoa, patrimônio, a paz pública ou a incolumidade pública. (BRASIL, 2016, p.1)

Além do uso - ou da ameaça de uso - de explosivos para causar danos, a lei também classifica como atos de terrorismo, entre outras possibilidades, as ações de sabotagens contra portos, aeroportos, estações ferroviárias ou rodoviárias, estádios esportivos e outras instalações públicas. De acordo com a lei (BRASIL, 2016, p.1)

⁷ Portal da Defesa. Rio 2016: Defesa, Justiça e ABIN iniciam ações de sensibilização da população contra ameaças terroristas. Disponível em: <<https://goo.gl/9jdVJD>>. Acesso em 18 fev. 2016.

§ 1º São atos de terrorismo:

I - usar ou ameaçar usar, transportar, guardar, guardar, portar ou trazer consigo explosivos, gases tóxicos, venenos, conteúdos biológicos, químicos, nucleares ou outros meios capazes de causar danos ou promover destruição em massa;

[...]

IV - sabotar o funcionamento ou apoderar-se, com violência, grave ameaça a pessoa ou servindo-se de mecanismos cibernéticos, do controle total ou parcial, ainda que de modo temporário, de meio de comunicação ou de transporte, de portos, aeroportos, estações ferroviárias ou rodoviárias, hospitais, casas de saúde, escolas, estádios esportivos, instalações públicas ou locais onde funcionem serviços públicos essenciais, instalações de geração ou transmissão de energia, instalações militares, instalações de exploração, refino e processamento de petróleo e gás e instituições bancárias e sua rede de atendimento;

V - atentar contra a vida ou a integridade física de pessoa. (BRASIL, 2016, p.1)

Com base nesse instituto, a Polícia Federal deflagrou, em julho de 2016, a Operação Hashtag. Resultante da integração de forças de segurança e defesa - Polícia Federal, ABIN e Forças Armadas - e contando ainda com a colaboração de agências internacionais, a primeira fase da operação culminou com a prisão preventiva de 10 (dez) brasileiros suspeitos de envolvimento com o terrorismo internacional. De acordo com denúncia apresentada pelo Ministério Público Federal, o grupo se dedicava a promover a organização terrorista Estado Islâmico, por intermédio das redes sociais e *e-mails*⁸.

Na fase final dos preparativos, às vésperas da abertura da Olimpíada, 28 (vinte e oito) países instalaram parte de suas delegações em cidades do Estado de São Paulo: África do Sul, Alemanha, Argélia, Argentina, Austrália, Brasil, Camarões, Canadá, Catar, China, Colômbia, Coreia do Sul, Egito, Emirados Árabes, Eslovênia, França, Índia, Grã-Bretanha, Indonésia, Iraque, Israel, Itália, Japão, Nigéria, Rússia, Tunísia, Uzbequistão e Zimbábue.

No período de 03 a 19 de agosto de 2016, o estádio do Itaquera sediou 10 (dez) partidas de futebol olímpico. Ali competiram seleções masculinas e femininas do Canadá, Austrália, Zimbábue, Alemanha, Colômbia, Nigéria, África do sul, Iraque, China e Brasil.⁹

⁸ Ação Penal Nº 5046863-67.2016.4.04.7000/PR, disponível em: <<https://eproc.ifpr.jus.br/>>. Acesso em: 18 ago. 2017.

⁹ COMITÊ ORGANIZADOR DOS JOGOS RIO-2016. São Paulo se prepara para receber as delegações dos Jogos Olímpicos. Disponível em: <<https://goo.gl/18mmyf>>. Acesso em: 19 ago. 2016.

Gráfico 1 - Distribuição percentual (%) de instalações desportivas e meios de hospedagem utilizados por delegações internacionais durante as olimpíadas, por Estado da Federação - 2016

Fonte: Comitê Organizador dos Jogos, 2016.

Além do futebol, das delegações estrangeiras e dos turistas, a capital paulista também desempenhou papel significativo na logística dos jogos. O aeroporto de Guarulhos¹⁰ e o porto de Santos¹¹, maiores terminais de passageiros e de cargas do país, situados no estado de São Paulo, responderam por mais de 50% dos fluxos de passageiros e de cargas relativos às Olimpíadas.

De acordo com o Comitê Organizador dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos Rio 2016, representantes de 207 países participaram do megaevento, incluindo atletas, comissões técnicas e representantes de instituições públicas e privadas. O Rio de Janeiro, cidade olímpica, foi o palco da maior parte das provas, que atraíram mais de 1 milhão de turistas nacionais e estrangeiros.

Desse modo, os fatos e dados apresentados, quais sejam: o aumento do número de ataques terroristas em escala global; a ameaça terrorista em eventos olímpicos; a estreia do Brasil como anfitrião dos jogos mundiais; a ausência de um histórico de atentados dessa natureza no território brasileiro; o baixo índice de percepção de ameaça terrorista pela população brasileira (INSTITUTO DE

¹⁰ Maior aeroporto do Brasil e o mais movimentado da América Latina em número de passageiros transportados. Disponível em: < <https://goo.gl/enQGsa>>. Acesso em: 14 out. 2016.

¹¹ Porto de Santos, localizado nos municípios de Santos e Guarujá, no estado de São Paulo, é o principal porto brasileiro. Disponível em: < <https://goo.gl/X1sQiG>>. Acesso em: 14 out. 2016.

PESQUISA ECONÔMICA APLICADA, 2011); o aumento significativo do número de visitantes internacionais; e a realização, por órgãos federais, de uma campanha de sensibilização da população para o risco de possíveis ameaças relacionadas ao terrorismo; todos esses argumentos conduzem ao seguinte questionamento:

No contexto dos Jogos Olímpicos Rio 2016, qual a percepção da população de São Paulo em relação à ameaça terrorista, ou seja, como a população daquela cidade-sede compreendeu o conceito de ameaça terrorista? Em que medida a campanha promovida pelos órgãos governamentais - responsáveis pela segurança dos Jogos - contribuiu para a conformação de um ambiente favorável à prevenção e à diminuição das vulnerabilidades dos indivíduos, grupos, empresas e instituições face à ameaça terrorista?

Para responder às questões acima descritas, o método selecionado foi o estudo de caso. Esta escolha se justifica a partir da compreensão de que o objeto da pesquisa - a percepção de ameaça terrorista, em São Paulo, no contexto dos Jogos Olímpicos Rio 2016 - está inserido no contexto de um fenômeno contemporâneo, inédito e único: os Jogos Olímpicos Rio 2016. Apesar de se repetirem a cada quatro anos, há que se considerar que esta foi a primeira vez que o Brasil sediou uma Olimpíada - em mais de cem anos de existência dos jogos - e que não há evidências de que o evento venha a se repetir no curto prazo. Portanto contemporâneo, inédito e único (BENBASAT; GOLDSTEIN; MEAD, 1987; YIN, 2005).

O caráter exploratório da presente investigação é outro aspecto que justifica a opção pelo método de estudo de caso. A percepção de ameaça terrorista em jogos olímpicos é um fenômeno ainda pouco estudado e, no Brasil, pesquisas sobre esse tema são escassas. Portanto, para além de respostas às perguntas que orientam este caso pretende-se, a partir dos resultados contribuir para a formulação de novas hipóteses. (BONOMA, 1985; EISENHARDT, 1989; YIN, 1993; GIL, 2008).

Finalmente, a existência de variáveis comportamentais alheias ao controle da pesquisa e sobre as quais o pesquisador não pôde exercer nenhum tipo de controle ou manipulação também foi levada em consideração na escolha do método. Para Benbasat, Goldstein e Mead (1987) o estudo de caso é o modelo metodológico mais adequado para o tipo de ambiente de pesquisa descrito.

A fim de orientar o planejamento do estudo de caso – e como suporte para a análise do problema acima descrito – foram formuladas as seguintes questões orientadoras (MARTINS, 2007): (i) qual o conceito de terrorismo? (ii) de que modo os participantes da pesquisa perceberam a ameaça terrorista? (iii) Quais as semelhanças e diferenças entre o referencial teórico e os dados empíricos? (iv) qual o impacto do EPAT sobre a percepção de ameaça terrorista? Para fins metodológicos, é válido registrar que tanto as questões quanto suas respostas restringem-se aos limites desta pesquisa, descritos abaixo.

Em termos geográficos, somente foram considerados os dados relativos à cidade de São Paulo e àquelas relacionadas ao turismo e/ou ao suporte para delegações estrangeiras durante os Jogos Olímpicos, com destaque para Santos, Campinas, Guarulhos e Aparecida.

Em termos temporais, a pesquisa de campo limitou-se ao período de fevereiro a julho de 2016 – muito embora dados complementares tenham sido obtidos a partir de setembro de 2016, após o término das Paralimpíadas.

Com relação à população, a pesquisa foi centrada nos profissionais das atividades de transporte metroferroviário de passageiros, transporte rodoviário coletivo de passageiros, trens turísticos, transporte aéreo de passageiros, terminais rodoviários e ferroviários, gestão de portos e terminais e hotéis, que compõem as chamadas Atividades Características do Turismo (ACT).¹²

Ficaram de fora das análises os dados provenientes dos segmentos de segurança pública e defesa, em razão do enfoque profissional e da familiaridade com assuntos relacionados ao tema deste trabalho.

Ainda sobre o método, o presente estudo de caso foi sistematizado a partir de um protocolo específico (apresentado no capítulo 3), no qual constam todas as etapas da pesquisa. Ao longo de 06 (seis) meses – no período de fevereiro a julho de 2016 – o autor integrou a equipe de instrução do programa de sensibilização contra ameaça terrorista – cuja principal ação foi o Estágio de Percepção de Ameaça Terrorista (EPAT) – atividade realizada pelo Ministério da Defesa e outros órgãos, na cidade olímpica e nas cidades-sede do futebol. O programa foi direcionado para funcionários de hotéis, restaurantes, transportes públicos, centros

¹² De acordo com a Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (FIPE), o setor de turismo compreende três grandes grupos, o das Atividades Características do Turismo (ACT), o das Atividades Associadas ao Turismo (AAT) e o das Atividades Marginalmente Associadas ao Turismo (AMAT), dos quais o ACT é mais relevante e significativo.

comerciais, além de membros das forças armadas, policiais civis e militares. Como resultado, somente em São Paulo, 4.287 (quatro mil duzentos e oitenta e sete) profissionais concluíram o treinamento, dos quais 1.596 (mil quinhentos e noventa e seis) participaram da pesquisa, compondo a base de dados amostral. Além do formato *paper-based*, também foram aplicadas *online surveys*, diversificando as fontes de dados utilizadas.

Quanto à estrutura e organização, o texto é constituído por 06 (seis) capítulos. O primeiro é a introdução, que ambienta o leitor e apresenta o objeto de estudo, o problema e o contexto no qual se desenvolveu a pesquisa. O capítulo dois apresenta o referencial teórico. O terceiro capítulo aborda detalhadamente o protocolo do estudo de caso, enfocando finalidade, objetivos, questões orientadoras, cronograma, metodologia e turma-piloto. O capítulo seguinte, quarto, apresenta os dados coletados, os resultados obtidos a partir da turma-piloto, o perfil dos participantes e os resultados alcançados, cuja análise e discussão compõem o quinto capítulo. Finalmente, no sexto e último capítulo, são apresentadas a conclusão e as recomendações. Nos elementos pós-textuais, além das Referências, seguem em anexo os formulários de pesquisa e o roteiro do estudo de caso.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

A temática da percepção de ameaça terrorista em jogos olímpicos ou - mais abrangente - em grandes eventos está intimamente ligada a dois grandes setores, que atraem investimentos da ordem de bilhões de dólares (LEI, 2007) todos os anos: segurança e turismo. Assim, as produções no campo da segurança, em geral, referem-se a um elevado nível técnico em segurança física, como o desenvolvimento de novas tecnologias de vigilância e monitoramento, controles de acesso, etc. Já no setor de turismo, as pesquisas se dedicam, via de regra, a estabelecer ligações entre a percepção de segurança local e o afluxo de turistas. A partir dos objetivos específicos de cada setor, as pesquisas são extremamente técnicas e objetivas, fundamentadas em ferramentas e indicadores adequados para seus respectivos segmentos (WHISENANT, 2003)

Sendo assim, este trabalho não se insere propriamente naquelas linhas de pesquisa, notadamente porque, para além dos setores mencionados, tem seu foco na investigação - qualitativa e quantitativa - da percepção de ameaça terrorista no público doméstico, em decorrência de um acontecimento internacional, único e inédito no Brasil.

De todo modo, para fins da presente pesquisa, a temática da percepção de ameaça terrorista - associada a jogos olímpicos ou a grandes eventos - foi abordada a partir dos trabalhos de Norell (1998), Sönmez e Graefe (1998), Cashman e Hughes (1999), Taylor e Toohey (2003, 2007, 2008), Goodwin, Wilson e Gaines Jr.(2005), Neirotti e Hilliard (2006), Stevens (2011), Goodwill (2010), Boo e Gu (2010), para citar alguns dos mais relevantes, cujas contribuições foram lançadas no capítulo anterior, visando a uma melhor contextualização do objeto de estudo da presente pesquisa.

Também relevante foi o texto de Prates (2016), sobre os jogos olímpicos de Londres, em 2012. Com o foco centrado na macroestrutura de defesa e segurança - e não exclusivamente nos impactos sobre o turismo, por exemplo - o autor, especialista em contraterrorismo, desenvolveu sua pesquisa a partir de fontes oficiais e primárias. Sua contribuição maior fica por conta do relato objetivo de medidas adotadas pelo governo inglês por ocasião dos preparativos para os jogos,

não só em termos de inteligência e forças de segurança, mas também quanto à preparação da população.

As temáticas do risco e/ou percepção são tratadas também por Rogers (1983), Zuckerman (1994), Thompson (1996), Keohane e Wallander (2002), Pyszczyński, Solomon e Greenberg (2003), Nacos, Bloch-Elkon e Shapiro (2007), Leep (2008), Spencer (2008), Slovic (2010), Vidalis (2010), Groot, Drakos e Muller (2011), Mumpower (2014), Myers (2014), Jenkin (2016), Khalil (2016), Muller (2016), Walton (2016), cujos estudos serviram da mesma forma como fontes de consulta para o presente trabalho, particularmente do delineamento inicial e no aprofundamento de conceitos e temas essenciais para a pesquisa, com destaque para os estudos sobre percepção - no campo da Psicologia Social.

Sobre o método, foram particularmente relevantes os trabalhos Wilkinson (1998), Yin (1993, 2003, 2005) e de Qi, Gibson e Zhang (2009). A definição do método a ser aplicado contrapunha duas leituras de referência: um texto de Wilkinson, sobre grupos focais e os livros de Yin, que explora com profundidade o método do estudo de caso e suas aplicações. Nesse ponto, a leitura de Qi, Gibson e Zhang (2009) foi determinante, na medida em que os pesquisadores abordaram a temática da ameaça terrorista nos jogos olímpicos de Pequim utilizando o método do estudo de caso. Complementando as leituras sobre método, a concepção e o desenvolvimento dos instrumentos de medição utilizados nesta pesquisa buscaram seus referenciais em leituras de Gunther (2003), Guest, Bunce e Johnson (2006), Brandalise e Bertolini (2013), Dalmoro e Vieira (2013) para citar os principais.

Entretanto, considerando a complexidade do objeto, a pesquisa definiu como ponto focal a investigação sobre a ameaça terrorista em si - natureza e características - e sua percepção em São Paulo, em função do que aprofundou os estudos sobre o fenômeno terrorismo e sua definição, sem a qual dificilmente alcançaria os objetivos definidos.

Esse tema - o terrorismo - se tornou, ao longo dos últimos anos, um dos mais debatidos, tanto no ambiente acadêmico quanto no político (MESQUITA, 2012). Dentre as inúmeras formas como o fenômeno é estudado atualmente - seja sob o enfoque político, econômico, social, histórico, cultural - a questão conceitual do terrorismo é um tema frequente e bastante comum, independente da abordagem ou do enfoque. Assim, ainda que esta pesquisa não tenha como objetivo principal o debate sobre o fenômeno do terrorismo em si, a questão da definição do termo é

essencial para o desenvolvimento deste trabalho. Portanto, é com esse grupo - de acadêmicos, pesquisadores e especialistas que se dedicam ao estudo da definição do terrorismo - que esta pesquisa dialoga.

Mesquita (2012), ao abordar a temática do terrorismo e contraterrorismo, adverte já na introdução que trata-se de assunto controverso, difícil de ser definido e ao mesmo tempo extensivamente debatido. Sem se prender à questão conceitual, o autor apresenta os critérios que utiliza para classificar um ato de violência como terrorismo: 1) perpetrado por ator não estatal; 2) motivado por objetivos políticos, econômicos, religiosos ou sociais; e 3) com a intenção de intimidar a população, para além das vítimas do ataque propriamente dito.

De fato, já no final dos anos 70, Laqueur (1977), na obra *Terrorism*, referiu-se à dificuldade na definição de um conceito universalmente aceito para o termo terrorismo. Na ótica do historiador, tal fato estaria intimamente ligado às diferentes motivações e contextos associados a atos violentos. Segundo a definição proposta por Laqueur, o terrorismo consistiria no "uso ilegítimo da força com propósitos políticos, tendo como alvo pessoas inocentes."

Jenkins (1980), em *The study of terrorism: definitional problems*, também relatou as dificuldades encontradas pelos pesquisadores em função da lacuna existente no que diz respeito ao conceito de terrorismo. Assinalou o autor que a indefinição levava a erros de classificação que, em última análise, dificultavam os estudos na área.

Hoffman (1999), frequentemente citado por sua abordagem intitulada Novo Terrorismo, em *Inside Terrorism*, registrou que "a maior parte das pessoas tem uma vaga ideia ou impressão acerca de o que é terrorismo, mas lhes falta uma definição mais precisa, concreta e suficiente para explicar o fenômeno". Para o autor, objetivos políticos, medo, ameaças, atos ilegais violentos e ações perpetradas por atores não estatais são algumas das características geralmente descritas para apresentar o fenômeno.

Crenshaw (1990), ao analisar o terrorismo como produto de uma escolha estratégica, voltou ao tema da questão conceitual e registrou, mais uma vez, a falta de uma definição consensual como sendo um dos maiores obstáculos enfrentados por aqueles que se dedicam ao estudo do terrorismo. Em seu livro mais recente, *Countering Terrorism: No simple solutions*, a autora aprofunda a discussão e afirma que as dificuldades encontradas na definição do termo não prejudicam apenas o

desenvolvimento de pesquisas na área mas também de políticas antiterrorismo eficazes (CRENSHAW, 2017).

Sinai (2008), em sua crítica à indefinição conceitual, chama a atenção para o caráter mutante do terrorismo que, na visão do autor, constitui-se elemento fundamental para a compreensão do fenômeno e tem de ser levado em conta na definição do termo. Para Sinai, as definições em uso de terrorismo são em geral ambíguas, o que prejudica tanto o desenvolvimento do tema no âmbito acadêmico quanto o debate político no campo da segurança internacional (SINAI, 2008).

Seguindo a mesma linha de raciocínio de Bueno de Mesquita, Taylor e Toohey (2007), para tratarem de terrorismo em eventos esportivos, não se deixam deter pela lacuna na definição do termo. Destacam que, a despeito do longo debate sobre terrorismo e contraterrorismo no campo conceitual, os estudos sobre eventos esportivos e terrorismo têm sido, via de regra, orientados para o campo da segurança e das medidas de ordem prática (WHISENANT, 2003).

A influência do atentado de 11 de Setembro e seus reflexos sobre a percepção de risco foi estudada em relação à Copa do Mundo FIFA de 2002, realizada no Japão e na Coreia do Sul (TOOHEY, 2003), os Jogos Olímpicos de Inverno de 2002, nos Estados Unidos (ATKINSON; YOUNG, 2002) e o Copa do Mundo de Rugby de 2003, sediada na Austrália (TAYLOR; TOOHEY, 2006).

Há que se destacar contudo que, de modo geral, os países que foram sede de olimpíadas nos últimos anos, particularmente entre 2000 e 2012 - Grécia (2004), China (2008) e Reino Unido (2012) - ou possuem, em seu histórico recente, o registro de atentados terroristas ou possuem uma legislação anterior e consolidada sobre o tema. Tais aspectos favorecem o estabelecimento de uma correlação entre objeto e significado, o que viabiliza pesquisas sobre percepção de ameaça terrorista no nível local (TAYLOR; TOOHEY, 2006).

No Brasil, conforme anteriormente registrado, o terrorismo é definido pela Lei Nr 13.260, de 16 de março de 2016. É recente, portanto, e não há evidências de que se trate de instituto legal de pleno domínio e entendimento da população em geral. Mais provável é que, tal como afirma Myers (2014), o senso comum acerca do fenômeno terrorismo esteja calcado nas impressões e interpretações individuais, ao invés de naquilo que a lei define.

Por outro lado, a inexistência de atentados terroristas no histórico recente do país (BRASIL, 2016) - ao contrário do que se verifica ao longo das últimas duas

décadas, no Oriente Médio, na Europa, na América do Norte (START, 2016) - ao mesmo tempo em que se constitui um estado de segurança absolutamente desejável, confere ainda maior peso para os veículos de comunicação e para a conformação de uma opinião pública que, conforme argumentam Figueiredo e Cervellini (1995), tem origem em um processo de discussão coletiva e não em estímulos e/ou sensações individuais (BOWDITCH; BUONO, 1992), provocados pelo impacto - que é um dos aspectos definidos por Bueno de Mesquita (2012) - do terrorismo. De acordo com Bloom (2016), regiões afetadas pelo terrorismo tendem a percebê-lo de modo diverso daquele como o fenômeno é percebido em regiões pouco ou não afetadas, o que torna o mapeamento da percepção da população local um dado relevante.

Por exemplo, no caso do atropelamento em massa que culminou com a morte de pelo menos 84 pessoas que assistiam às celebrações do Dia da Bastilha, em 14 de julho de 2016, na cidade de Nice, litoral sul da França, a questão da percepção e seus reflexos ficou evidente. Em 2015, a França havia registrado dois atentados de ampla repercussão internacional: o ataque à redação do jornal *Charlie Hebdo*, em janeiro, que culminou com a morte de 17 vítimas e os ataques contra o *Stade de France*, a casa de shows *Bataclan* e restaurantes, na cidade de Paris, em novembro, que deixaram mais de 100 mortos e dezenas de feridos. Além disso, três meses antes do ataque a Nice, pelo menos 32 pessoas foram mortas em um ataque coordenado que teve como alvos o metrô e o aeroporto de Bruxelas, na Bélgica, situada a 300 km da capital francesa. A reivindicação de autoria desses atentados e/ou as evidências materiais colhidas no curso das investigações associaram esses ataques ao grupo Estado Islâmico. Não por acaso, o então presidente francês François Hollande, em comunicado oficial, classificou o ataque a Nice como um ato terrorista, antes mesmo do surgimento de evidências da ligação do motorista tunisiano Mohamed Bouhlel com organizações terroristas o que, na visão de Bloom (2016), é problemático.

Sob esse enfoque - e sem perder de vista todas as considerações anteriores no que tange à inexistência de uma definição consensual acerca do terrorismo - torna-se necessária para o presente estudo uma abordagem conceitual com reconhecida validade no meio acadêmico e que viabilize, ao mesmo tempo, a instrumentalização da pesquisa.

Dessa maneira, ganha relevo a obra do professor de Relações Internacionais, diretor do Centro de Estudos do Terrorismo e Violência Política (CSTPV) da Universidade St. Andrews e antigo encarregado do Departamento de Prevenção ao Terrorismo das Nações Unidas, o suíço Alex P. Schmid.

De acordo com o autor, a questão da definição do terrorismo está intimamente ligada ao modelo ou estrutura segundo a qual o fenômeno é analisado. A depender da lente do analista, alguns aspectos - político, social, religioso - tendem a prevalecer sobre os demais (SCHMID, 2011).

Em 1984, compilando os dados de questionários respondidos por 50 especialistas, Schmid publicou o primeiro consenso acadêmico sobre a definição de terrorismo. Em sua edição inicial, a tabela era composta por 22 elementos, conforme abaixo.

Tabela 2 - Grau de percepção (%) dos elementos característicos do terrorismo, segundo consenso acadêmico - 1984

<i>Element</i>	<i>Frequency (%)</i>
1 Violence, force	83.5
2 Political	65
3 Fear, terror emphasized	51
4 Threat	47
5 (Psychological) effects and (anticipated) reactions	41.5
6 Victim–target differentiation	37.5
7 Purposive, planned, systematic tactic	32
8 Method of combat, strategy, tactic	30.5
9 Extra-normality, in breach of accepted rules, without humanitarian constraints	30
10 Coercion, extortion, induction of compliance	28
11 Publicity aspect	21.5
12 Arbitrariness; impersonal, random character, indiscrimination	21
13 Civilians, non-combatants, neutrals, outsiders as victims	17.5
14 Intimidation	17
15 Innocence of victims emphasized	15.5
16 Group, movement, organization as perpetrator	14
17 Symbolic aspect, demonstration to others	13.5
18 Incalculability, unpredictability, unexpectedness of occurrence of violence	9
19 Clandestine, covert nature	9
20 Repetitiveness; serial or campaign character of violence	7
21 Criminal	6
22 Demands made on third parties	4

Fonte: *Political Terrorism: A Research Guide to Concepts*, Alex P. Schmid, 1984

O segundo consenso acadêmico foi estabelecido em 1988. Da mesma forma que o primeiro, tomou como referência a percepção de 50 especialistas na área, que listaram os 16 elementos - 6 a menos que a listagem anterior - definidores do termo. A seguinte definição emergiu do protocolo:

Terrorism is an anxiety-inspiring method of repeated violent action, employed by (semi-) clandestine individual, group or state actors, for idiosyncratic, criminal, or political reasons, whereby – in contrast to assassination – the direct targets of violence are not the main targets. The immediate human victims of violence are generally chosen randomly (targets of opportunity) or selectively (representative or symbolic targets) from a target population, and serve as message generators. Threat- and violence-based communication processes between terrorist (organization), (imperiled) victims, and main targets are used to manipulate the main target (audiences), turning it into a target of terror, a target of demands, or a target of attention, depending on whether intimidation, coercion, or propaganda is primarily sought. (SCHMID, 1988, p.28)

A definição acima foi bem recebida, tanto no ambiente acadêmico quanto fora dele (SCHMID, 2011). Válido registrar que os consensos acadêmicos não são propriamente uma teoria, mas antes um instrumento que visa a fundamentar estudos subsequentes. A partir da descrição dos elementos - definidos por especialistas - os consensos nivelam em um mesmo patamar o significado de um termo complexo, controverso e ainda sem definição.

Tomando por base os elementos definidos em 1984, Alex Schmid realizou, em 2004, um estudo comparativo entre as percepções predominantes nos meios acadêmico e governamental. Para tanto, o autor elencou tão somente os 10 (dez) elementos de maior frequência nos consensos anteriores aplicando-os, separadamente, em cada um dos grupos pré-definidos. Os elementos selecionados para a pesquisa foram:

1) the demonstrative use of violence against human beings; 2) the threat of violence; 3) the deliberate production of terror or fear in a target group; 4) the targeting of civilians, non-combatants and innocents; 5) the purpose of intimidation, coercion and/or propaganda; 6) the fact that it is a method, tactic or strategy of waging conflict; 7) the importance of communicating the act(s) of violence to larger audiences; 8) the illegal, criminal and immoral nature of the act(s) of violence; 9) the predominantly political character of the act; 10) its use as a tool of psychological warfare to mobilize or immobilize sectors of the public (SCHMID, 2011, p.74).

Para ilustrar as dificuldades encontradas no campo da definição do termo terrorismo, o gráfico 2 apresenta os resultados obtidos na esfera governamental. Ao todo, representantes de 88 (oitenta e oito) instituições governamentais e organizações internacionais participaram do estudo.

Sob a ótica desse grupo, portanto, os dados evidenciam o destaque para o enquadramento do terrorismo como uma prática ilegal (85,0%), ao mesmo tempo em que reconhecem o impacto do terror sobre a população (78,0%) e o caráter

coercitivo direcionado contra o ente governamental (53,0%). Chamam a atenção os índices referentes aos aspectos tático, estratégico e psicológico (0,0%), bem como comunicação (5,0%) (SCHMID, 2011).

Gráfico 2 - Grau de percepção (%) dos elementos característicos do terrorismo, segundo políticos e representantes de instituições governamentais - 2004

Fonte: *The Routledge Handbook of Terrorism Research*, Alex P. Schmid, 2011

Gráfico 3 - Grau de percepção (%) dos elementos característicos do terrorismo, segundo acadêmicos e representantes de organizações não governamentais - 2004

Fonte: *The Routledge Handbook of Terrorism Research*, Alex P. Schmid, 2011

Por outro lado, os resultados provenientes de um grupo de 165 (cento e sessenta e cinco) acadêmicos e representantes de organizações não

governamentais, em relação aos mesmos elementos levam em consideração o aspecto político (68,0%), o terror (59,0%) e a ameaça (42,0%).

Com base no gráfico 3, o que se observa é o destaque para o caráter político (68,0%) em primeiro plano, seguido pelo terror (59,0%) e pela ameaça (42,0%). Observa-se ainda que os aspectos tático, estratégico (35,0%) e psicológico (12,0%) ganham visibilidade, junto com o quesito comunicação (27,0%), ao mesmo tempo em que o caráter ilegal é reduzido de 85,0% para 30,0%.

É importante ressaltar que, na visão do autor, não é imperativa a ocorrência de todos os elementos em todos os atos classificados como terrorismo. É possível que um elemento esteja presente em um ato e em outro não, porém quando da análise a partir de um banco de dados é esperado que uma série de características - elementos - fique em evidência, definindo portanto, um padrão, uma similaridade (SCHMID, 2011).

A comparação entre os gráficos anteriormente apresentados, evidencia que governos, instituições internacionais, acadêmicos e organizações não governamentais analisam o terrorismo cada qual segundo suas próprias lentes. Em consequência, possuem visões distintas do fenômeno e, portanto, defendem diferentes conceitos de terrorismo (SCHMID, 2011).

Na busca pela identificação de elementos definidores do terrorismo, Weinberg, Pedahzur e Hirsch-Loeffler (2004), tomando como referência os arquivos existentes nos quatro principais jornais especializados na temática terrorismo, estudaram 73 definições diferentes do termo e ao término apresentaram uma versão de definição composta por cinco elementos: 1) tática; 2) politicamente motivada; 3) ameaça ou uso da força; 4) violência; 5) publicidade.

As principais críticas sofridas por Weinberg e demais pesquisadores do grupo, recaíram sobre o fato de não terem sido feitas considerações a respeito de elementos considerados chave na percepção do fenômeno, tais como: objetivo; natureza dos alvos; vítimas e perpetradores; terror, medo e motivação; aspectos legais e táticas empregadas (SCHMID, 2011).

O estágio atual em matéria de consenso acadêmico foi atingido por Schmid em 2011, com a publicação de *Handbook of Terrorism Research*. A obra atualiza o conceito elaborado ao longo das últimas três décadas, definindo o estado da arte na matéria. A versão de 2011 é constituída por 12 (doze) elementos, apresentados a seguir:

1. Terrorism refers, on the one hand, to a doctrine about the presumed effectiveness of a special form or tactic of fear-generating, coercive political violence and, on the other hand, to a conspiratorial practice of calculated, demonstrative, direct violent action without legal or moral restraints, targeting mainly civilians and non-combatants, performed for its propagandistic and psychological effects on various audiences and conflict parties;
2. Terrorism as a tactic is employed in three main contexts: (i) illegal state repression, (ii) propagandistic agitation by non-state actors in times of peace or outside zones of conflict and (iii) as an illicit tactic of irregular warfare employed by state and non-state actors;
3. The physical violence or threat thereof employed by terrorist actors involves single-phase acts of lethal violence (such as bombings and armed assaults), dual-phased life-threatening incidents (like kidnapping, hijacking and other forms of hostage-taking for coercive bargaining) as well as multi-phased sequences of actions (such as in 'disappearances' involving kidnapping, secret detention, torture and murder).
4. The publicized terrorist victimization initiates threat-based communication processes whereby, on the one hand, conditional demands are made to individuals, groups, governments, societies or sections thereof, and, on the other hand, the support of specific constituencies (based on ties of ethnicity, religion, political affiliation and the like) is sought by the terrorist perpetrators;
5. At the origin of terrorism stands terror – instilled fear, dread, panic or mere anxiety - spread among those identifying, or sharing similarities, with the direct victims, generated by some of the modalities of the terrorist act – its shocking brutality, lack of discrimination, dramatic or symbolic quality and disregard of the rules of warfare and the rules of punishment;
6. The main direct victims of terrorist attacks are in general not any armed forces but are usually civilians, non-combatants or other innocent and defenseless persons who bear no direct responsibility for the conflict that gave rise to acts of terrorism;
7. The direct victims are not the ultimate target (as in a classical assassination where victim and target coincide) but serve as message generators, more or less unwittingly helped by the news values of the mass media, to reach various audiences and conflict parties that identify either with the victims plight or the terrorists professed cause;
8. Sources of terrorist violence can be individual perpetrators, small groups, diffuse transnational networks as well as state actors or state-sponsored clandestine agents (such as death squads and hit teams);
9. While showing similarities with methods employed by organized crime as well as those found in war crimes, terrorist violence is predominantly political – usually in its motivation but nearly always in its societal repercussions;
10. The immediate intent of acts of terrorism is to terrorize, intimidate, antagonize, disorientate, destabilize, coerce, compel, demoralize or provoke a target population or conflict party in the hope of achieving from the resulting insecurity a favorable power outcome, e.g. obtaining publicity, extorting ransom money, submission to terrorist demands and/or mobilizing or immobilizing sectors of the public;

11. The motivations to engage in terrorism cover a broad range, including redress for alleged grievances, personal or vicarious revenge, collective punishment, revolution, national liberation and the promotion of diverse ideological, political, social, national or religious causes and objectives;

12: Acts of terrorism rarely stand alone but form part of a campaign of violence which alone can, due to the serial character of acts of violence and threats of more to come, create a pervasive climate of fear that enables the terrorists to manipulate the political process. (SCHMID, 2011, p.87).

Ao debate conceitual acerca do fenômeno terrorismo e ao consenso acadêmico iniciado por Schmid nos anos 1980 somaram-se, mais recentemente, novos estudos sobre o terrorismo contemporâneo. Particularmente importante para o quadro referencial da presente pesquisa é a obra do cientista político David Rapoport. Nos trabalhos *Fear and trembling: terrorism in three religious traditions* (1984), *The four waves of rebel terror and September 11* (2002) e *The four waves of modern terrorism* (2006) o autor faz uma abordagem histórica do terrorismo moderno, descrevendo assim a evolução do fenômeno ao longo dos últimos dois séculos.

Segundo Rapoport (2002) o terrorismo moderno surgiu no final do século XIX e sua ocorrência desde então pode ser dividida em quatro períodos - quatro ciclos de expansão e retração ou simplesmente quatro ondas, nas palavras do autor - que iniciam nos anos 1880 e alcançam os dias atuais.

A primeira onda, de 1880 até a década de 1920, teve início na Rússia e foi denominada pelo autor de *Anarchist Wave* - Onda Anarquista. Diversos escritores russos como Sergey Nechayev e Mikhail Bakunin teriam, segundo o autor, exercido grande influência sobre este primeiro momento do terrorismo moderno. No contexto da Rússia czarista, o terrorismo teria sido empregado para desestabilizar a autoridade estatal. Para os anarquistas, o terrorismo seria - na visão do autor - um instrumento eficaz para a conquista do poder político.

Segundo Rapoport (2002), além do Czar russo Alexandre II - assassinado por integrantes do grupo *Narodnaya Volya*, em 1881 - diversos outros Estados foram palco do terrorismo anarquista na chamada "Era de Ouro dos Assassinatos": mandatários de França, Áustria, Espanha, Itália, Estados Unidos, Portugal e Reino Unido também foram vítimas de atentados e assassinatos durante o período.

Dessa maneira, a primeira onda do terrorismo moderno caracteriza-se fundamentalmente pela forte motivação política, pelo caráter estratégico - como instrumento de conquista do poder por grupos revolucionários - e pela seleção

criteriosa de alvos, tais como reis, presidentes, imperadores e políticos do 1º escalão.

A segunda onda, intitulada *Anti-Colonial Wave* (Anticolonial) estendeu-se dos anos 1920 aos 1960. Compreendeu, portanto, as quatro décadas existentes entre o pós I Guerra Mundial e o processo de descolonização na África, na Ásia e no Oriente Médio.

As guerras de independência que se desenvolveram nos territórios conquistados pelas potências coloniais europeias apresentam como pano de fundo a luta pela autodeterminação. O processo foi influenciado por outros acontecimentos que marcaram o período, tais como o enfraquecimento da Europa no pós-II Guerra Mundial, a Revolução Chinesa de 1949 e o início da Guerra Fria (RAPOPORT, 2002).

Nesse cenário de luta pela independência, marcado pela assimetria (VISACRO, 2009) entre os lados oponentes, as ações violentas levadas a termo pelos nativos assumiam duas conotações antagônicas: para o colonizador, rechaçado dos territórios conquistados, tratava-se de um ato terrorista; para o nativo, um ato em defesa de seu próprio território realizado por "combatentes da liberdade". Ocorre, portanto, a resignificação do termo terrorismo por meio da linguagem (RAPOPORT, 2002).

Segundo Rapoport (2002), insere-se nessa fase a origem do grupo *Irish Republican Army* (IRA) que, na Europa, lutava pela separação de Irlanda do Norte do Reino Unido e sua anexação à República da Irlanda. Também as guerras da Indochina, do Quênia, da Palestina ou da Argélia que, segundo o autor, são casos clássicos nos quais se observa o terrorismo da segunda onda. Alguns dos traços marcantes das ações terroristas nesses conflitos são as ações violentas, dirigidas principalmente contra agentes públicos estrangeiros, interpretados, segundo o autor, como símbolo da dominação colonial; e a instrumentalização do terrorismo como uma técnica em proveito da guerra de guerrilha¹³.

A terceira onda do terrorismo moderno, na classificação de Rapoport (2002), é intitulada *New Left Wave* ou Nova Onda de Esquerda, de 1960 a 1980. Essa fase foi marcada pelo ativismo de grupos como IRA - cuja estreia se deu ainda nos

¹³ Forma de guerra irregular que compreende as operações de combate executadas em território sob controle do inimigo, por forças predominantemente locais, de um modo militar ou paramilitar, a fim de reduzir a eficiência do governo estabelecido ou do poder de ocupação nos campos político, econômico, psicossocial e militar (BRASIL, 2015).

moldes da segunda onda -, ETA e *Baader-Meinhof* que, no auge da Guerra Fria, fizeram intenso uso do terrorismo na barganha por seus objetivos políticos.

Segundo Rapoport (2002), a guerra do Vietnã (1964 - 1975) exerceu forte influência sobre a terceira onda, quer seja pelo aspecto assimétrico entre os contendores, notadamente os Estados Unidos e o Vietnã do Norte, quer seja pelo embate político-ideológico ali representado.

Com relação à natureza dos alvos, o terrorismo de terceira onda ficou caracterizado pelos sequestros e pela instrumentalização da imprensa como veículo de difusão e propaganda das ações perpetradas e, por extensão, de suas causas e motivações. Segundo Rapoport (2002), entre 1968 e 1982, foram registrados 409 (quatrocentos e nove) sequestros internacionais envolvendo 951 (novecentos e cinquenta e um) reféns.

O quarto período do terrorismo moderno, na visão do autor, teve início em 1979 e perdura até os nossos dias. Três acontecimentos – a Revolução Iraniana, a invasão do Afeganistão pela então União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) e o ataque a Meca, símbolo sagrado do islamismo, localizado na Arábia Saudita - marcaram a transição do terrorismo moderno para uma nova fase, intitulada *Religious Wave* ou Onda Religiosa.

Segundo Rapoport (2002), o terrorismo contemporâneo teria como traço fundamental o aspecto religioso, vale dizer, a associação de práticas terroristas ao extremismo religioso. Nesse sentido, a Revolução Iraniana de 1979, liderada pelo Aiatolá Ruhollah Khomeini teria exercido, na visão do autor, forte influência sobre o mundo árabe, em especial na conformação de grupos que, inspirados no exemplo iraniano, estariam dispostos a avançar na luta política a partir de referenciais religiosos ortodoxos e contrários à cultura e aos valores ocidentais.

Da mesma forma, a invasão do Afeganistão pela extinta URSS, também em 1979, teria exercido forte influência sobre a expansão do radicalismo islâmico. A fim de barrar o avanço soviético, guerrilheiros afegãos – os *mujahidins* – teriam recebido auxílio internacional de países como Arábia Saudita, Paquistão e Estados Unidos. Organizados, instruídos, armados e ideologicamente motivados, os “guerreiros santos” converter-se-iam mais tarde em adversários de seus antigos aliados, em especial os norte-americanos.

Muito embora não sejam os únicos exemplos de terrorismo com inspiração religiosa do período, o que se observa é que, de fato, ao longo das últimas três ou

quatro décadas, surgiram inúmeras organizações terroristas no Oriente Médio caracterizadas pelo extremismo religioso. Grupos como a *Brigada dos Mártires de Al Aqsa*, *Hamas*, *Al Fatah*, *Hezbollah*, *Al Islamiyya*, *Al Qaeda* e *Islamic State of Iraq and Syria* (ISIS), para citar alguns, materializam o que o autor define como a quarta onda do terrorismo moderno (RAPOPORT, 2002).

Para Kaplan (2010), entretanto, uma quinta onda já estaria em curso desde 1987. Em *Terrorist Groups and the New Tribalism: Terrorism's Fifth Wave*, o autor defende a tese de que o terrorismo contemporâneo apresenta algumas características que o distinguem daquele classificado por Rapoport (2002) como sendo de quarta geração. Para Kaplan, mais do que o aspecto religioso em si, o traço principal que diferencia grupos terroristas como o *Islamic State of Iraq and Syria* (ISIS) ou o ugandês e autointitulado cristão *Lord's Resistance Army* (LRA), por exemplo, é o radicalismo motivado por uma visão idealizada e utópica da sociedade.

Além desses aspectos, Kaplan (2011) lista uma série de elementos que diferenciariam a quinta onda: bases em locais isolados; visão preconceituosa e atitude radicalmente discriminatória; defesa do genocídio como instrumento de "limpeza étnica"; prática de sequestros, estupros e outras formas de violência física e sexual; autoritarismo extremo centrado no culto à figura do líder; extremismo religioso e fanatismo.

Alguns dos mais recentes estudos sobre o terrorismo enfocam o fenômeno sob o espectro dos conflitos assimétricos. Homer-Dixon, Keohane (2002), Sageman (2004) e Stepanova (2008), a partir da obra *The advent of Netwar* (ARQUILLA, 1998), argumentam que as inovações no campo das telecomunicações, da logística e no campo científico-militar - como, por exemplo, o desenvolvimento das armas inteligentes - impactaram as organizações tradicionais e hierarquicamente estruturadas, ao mesmo tempo em que garantem vantagens àquelas conectadas em rede. De acordo com essa corrente, organizações conectadas em rede são capazes de compartilhar informações muito mais rapidamente, o que viabiliza a descentralização e o emprego de indivíduos isolados. A dispersão aumenta a resiliência da organização, tornando-a menos vulnerável. Também por conta da pulverização, tornam-se adaptáveis e flexíveis, o que pode lhes garantir vantagens significativas em um conflito (ARQUILLA, 1998).

Em síntese, o que se constata a partir do presente referencial teórico é que apesar do esforço de inúmeros pesquisadores ao longo de mais de três décadas, o

conceito de terrorismo permanece polissêmico e em disputa o que, em grande medida, torna mais difícil as pesquisas nesse campo do conhecimento.

Entretanto, é possível fazer uma aproximação do fenômeno a partir de seus elementos componentes, já apontados pela literatura e utilizados por acadêmicos, instituições governamentais e formuladores de políticas públicas. Alguns desses elementos são amplamente reconhecidos como componentes característicos do terrorismo - a exemplo da "violência" e do "medo" - e são frequentemente citados pela grande maioria dos pesquisadores. Outros elementos são menos frequentes, mas igualmente defendidos por parte da comunidade acadêmica caso, por exemplo, do elemento "extremismo".

Assim sendo, o presente trabalho adota como fundamento conceitual os elementos descritos pelos autores referenciados nesta seção, destacadamente A. Schmid, D. Rapoport e M. Crenshaw. Por se tratar de uma investigação acerca da percepção da ameaça terrorista - e não de uma pesquisa sobre o conceito de terrorismo em si - os elementos componentes do terrorismo aqui empregados servem sobretudo como ponto de partida, uma vez que o foco da análise está centrado na percepção, ou seja, na maneira como esses - ou eventualmente outros - elementos são entendidos pelo grupo amostral investigado.

3. PROTOCOLO DO ESTUDO DE CASO

Este protocolo constituiu-se na base da presente pesquisa, cujo método adotado foi o estudo de caso. Datado de 3 de fevereiro e revisado em 14 de junho de 2016, o protocolo teve por finalidade regular as atividades relativas à pesquisa de percepção da ameaça terrorista na cidade-sede São Paulo, no contexto dos Jogos Olímpicos Rio 2016, evento que ocorreu no período de 1º de fevereiro a 29 de julho de 2016.

3.1. OBJETIVOS DO ESTUDO DE CASO

Este estudo de caso está calcado em três objetivos fundamentais: o primeiro é analisar a percepção de ameaça terrorista na cidade-sede São Paulo, no contexto dos Jogos Olímpicos Rio 2016. O segundo é levantar indicadores relativos ao programa de sensibilização contra ameaça terrorista, realizado pelo governo federal. O terceiro é dar início à conformação de uma base de dados referentes ao tema, visando a pesquisas posteriores.

3.2. QUESTÕES ORIENTADORAS DO ESTUDO DE CASO

Conforme descrito anteriormente, o problema sobre o qual se assenta a presente pesquisa é:

No contexto dos Jogos Olímpicos Rio 2016, na cidade-sede São Paulo, qual a percepção da população em relação à ameaça terrorista, ou seja, como a população compreendeu o conceito de ameaça terrorista? Em que medida a campanha promovida pelos órgãos governamentais - responsáveis pela segurança dos Jogos - contribuiu para a conformação de um ambiente favorável à prevenção e à diminuição das vulnerabilidades dos indivíduos, grupos, empresas e instituições face à ameaça terrorista?

De acordo com Martins e Theóphilo (2007), o método do estudo de caso comporta questões orientadoras que se destinam a organizar o processo investigativo da pesquisa. No presente estudo, também já apresentadas anteriormente, as referidas questões orientadoras são descritas a seguir:

(i) Qual o conceito de terrorismo? Que elementos poderiam sustentar uma caracterização do fenômeno sob o enfoque acadêmico? (ii) De que modo os participantes da pesquisa perceberam o fenômeno? Que elementos caracterizaram o terrorismo na ótica da população? (iii) Quais as semelhanças e diferenças entre o referencial teórico e os dados empíricos, ou seja, entre o conceito de terrorismo e a percepção social do fenômeno? (iv) qual o impacto do EPAT sobre a percepção de ameaça terrorista?

3.3. CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO

O cronograma de execução está descrito no Anexo "C" - Roteiro do estudo de caso, que traz com detalhes todos os aspectos relativos à aplicação do presente protocolo. De maneira geral, este estudo de caso foi realizado no período de 1º de fevereiro a 29 de julho de 2016. Com relação ao financiamento, os custos com recursos gráficos, plataforma de pesquisa *online* e logística em geral, ficaram a cargo do pesquisador.

3.4. METODOLOGIA

3.4.1. Participantes

A amostra da presente pesquisa constituiu-se com base nos participantes do programa de sensibilização contra ameaça terrorista, realizado no âmbito do Comando de Defesa de Área São Paulo. Além dos setores de segurança e defesa, o setor de turismo foi um dos focos do programa. De acordo com a Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (FIPE), o setor de turismo compreende Atividades Características do Turismo (ACT), Atividades Associadas ao Turismo (AAT) e Atividades Marginalmente Associadas ao Turismo (AMAT).

O primeiro grupo - das Atividades Características do Turismo (ACT) - é o principal e mais representativo do setor, compreendendo: transporte metroferroviário de passageiros, transporte rodoviário coletivo de passageiros, trens turísticos, transporte aéreo de passageiros, terminais rodoviários e ferroviários, gestão de portos e terminais, hotéis e similares, dentre outros. Sendo assim, considerando-se que o foco do programa eram os profissionais que direta ou indiretamente teriam contato com o público durante as Olimpíadas - e tomando por base a classificação

da FIPE - a categoria Atividades Características do Turismo (ACT) foi identificada como o público-alvo principal deste estudo de caso.

De acordo com dados do Observatório do Turismo e Eventos da Cidade de São Paulo, em 2014, as Atividades Características do Turismo respondiam por 99.090 (noventa e nove mil e noventa) postos de trabalho formais e diretos.

3.4.2. Instrumentos, aplicação e coleta

Uma das principais medidas do programa de sensibilização contra ameaça terrorista no âmbito do Comando de Defesa de Área São Paulo, foi o Estágio de Percepção de Ameaça Terrorista (EPAT). Com uma carga horária de 8 (oito) horas-aula, o estágio estava centrado na abordagem da temática do terrorismo com o foco na identificação de ameaças e na difusão de medidas de segurança de ordem prática. O objetivo central era sensibilizar as pessoas - através da informação e do conhecimento - elucidando os riscos inerentes à ameaça terrorista sem, contudo, criar pânico (BRASIL, 2016).

Assim, para acompanhar o desenvolvimento das atividades do estágio e as possíveis alterações na percepção de ameaça da população, esta pesquisa utilizou 2 (dois) formulários - Ficha Modelo "A" e Ficha Modelo "B" - aplicados em duas versões distintas: versão impressa (*paper-based*) e versão digital (*online*).

A Ficha Modelo "A" - Pesquisa Percepção de Ameaça Terrorista (Anexo "A") foi aplicada nas duas versões - *paper-based* e *online*. A versão impressa foi usada diretamente na realização dos estágios. O questionário foi aplicado antes e depois de cada sessão do curso, o que possibilitou a aferição dos resultados alcançados.

Além da aplicação no estágio, a Ficha Modelo "A" também foi utilizada na versão *online*, via plataforma *Survey Monkey*. Explorando as redes sociais, *weblinks* e convites por e-mail, o formulário eletrônico diversificou as fontes e ampliou a base de dados, principalmente junto aos setores prioritários, em constante contato com o público.

A Ficha Modelo "A" constituiu-se de três partes: 1) apresentação - seção na qual o pesquisador se apresentava e discorria sobre a estrutura do formulário, ao mesmo tempo em que convidava o leitor a participar da pesquisa; 2) perfil - seção por meio da qual buscavam-se as características sócio-demográficas da amostra, tais como idade, gênero e escolaridade; e 3) percepção - seção principal, por meio da qual foram coletados os dados constantes do resultado da pesquisa.

Com relação aos procedimentos de aplicação e coleta, muito embora estivesse inserido no contexto de um curso, o preenchimento do formulário tinha caráter voluntário e a preservação dos dados pessoais e/ou institucionais dos participantes da pesquisa foi um compromisso assumido pelo pesquisador.

Na prática, cada respondente preenchia um mesmo modelo de formulário (Ficha Modelo "A") duas vezes - antes do início e após o término do estágio - levando, em média, de 5 a 10 minutos. Os participantes do estágio que colaboravam com a pesquisa recebiam um certificado de participação.

A Ficha Modelo "B"- Pesquisa Percepção de ameaças e políticas públicas (Anexo "B") foi aplicada exclusivamente na versão *online*. Por meio desse instrumento foi possível levantar indicadores da percepção do terrorismo - como ameaça isolada ou em perspectiva, comparada com outros vetores de ameaça (INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA, 2011).

3.5. TURMA-PILOTO

A fim de avaliar o modelo de aplicação da presente pesquisa e verificar a necessidade ou não de ajustes e/ou correções, as primeiras sessões do estágio – e da pesquisa – foram consideradas a turma-piloto. Desse modo, foi possível realizar os ajustes de tempo, da sequência das ações, do material didático e dos meios de instrução empregados. Em especial, foi possível avaliar e fazer os ajustes necessários nos formulários utilizados na pesquisa.

Os dados coletados na turma-piloto estão apresentados nos resultados deste estudo, para fins de registro. Contudo, não integram a base de dados considerada na análise final, justamente por se tratar de dados coletados por instrumentos que ainda estavam em fase de desenvolvimento.

4. RESULTADOS

4.1. APRESENTAÇÃO DE DADOS GERAIS

A coleta de dados foi iniciada no dia 19 de fevereiro e encerrou no dia 29 de julho de 2016 – acompanhando as atividades do programa de sensibilização contra ameaça terrorista, no âmbito do Comando de Defesa de Área São Paulo – de acordo com o estabelecido no protocolo do estudo de caso.

Ao todo, 4.287 (quatro mil duzentos e oitenta e sete) pessoas - profissionais dos setores de turismo, segurança e defesa - concluíram o Estágio de Percepção de Ameaça Terrorista (EPAT), em São Paulo.

Tabela 3 - Composição do universo de pesquisa, por categorias de concludentes EPAT/SP, tipos e versões de formulários - 2016

<i>Concludentes EPAT/SP</i>		<i>Formulários</i>			
<i>categorias</i>	<i>total</i>	<i>Tipo "A"</i> <i>impresso</i>	<i>Tipo "A"</i> <i>digital</i>	<i>Tipo "B"</i> <i>digital</i>	<i>total</i>
setores segurança e defesa	1.554	160	208	66	434
setor turismo	2.680	450	564	95	1.109
turma-piloto	53	53	-	-	53
<i>total</i>	<i>4.287</i>	<i>663</i>	<i>772</i>	<i>161</i>	<i>1.596</i>

Fonte: o autor, Protocolo do Estudo de Caso - 2016.

A base de dados bruta da presente pesquisa é constituída por 1.596 (mil quinhentos e noventa e seis) formulários, dos tipos "A" e "B", nas versões impressa e digital.

Com relação aos tipos de formulários, 1.435 (mil quatrocentos e trinta e cinco) são do tipo Ficha Modelo "A" (Anexo "A") e 161 (cento e sessenta e um) são do tipo Ficha Modelo "B" (Anexo "B").

Quanto às versões, os formulários impressos (*paper-based*) somam 663 (seiscentos e sessenta e três), todos do tipo Ficha Modelo "A". Na versão digital (*online*), a base de dados conta com 933 (novecentos e trinta e três) formulários, sendo 772 (setecentos e setenta e dois) do tipo Modelo "A" e 161 (cento e sessenta e um) do tipo Modelo "B".

Para os efeitos desta pesquisa, de acordo com o protocolo estabelecido, os dados provenientes da turma-piloto e dos setores de segurança e defesa não foram considerados. As chamadas Atividades Características do Turismo (ACT) - tal como descrito no item 3.4.1 Participantes - são a base do grupo amostral. A tabela seguinte sintetiza os dados da categoria:

Tabela 4 - Composição do grupo amostral, por categorias de concludentes EPAT/SP, tipos e versões de formulários - 2016

<i>Concludentes EPAT/SP</i>		<i>Formulários</i>			
<i>categorias</i>	<i>total</i>	<i>Tipo "A"</i> <i>impresso</i>	<i>Tipo "A"</i> <i>digital</i>	<i>Tipo "B"</i> <i>digital</i>	<i>total</i>
setor turismo	2.680	450	564	95	1.109
	100%				41,38%

Fonte: o autor, Protocolo do Estudo de Caso - 2016.

A coleta de dados *online* ocorreu no período de 30 de abril a 29 de julho de 2016. Ao todo, 28 coletores digitais foram utilizados na divulgação e recolhimento dos 772 formulários do tipo Ficha Modelo "A" aplicados *online*, via plataforma *Survey Monkey*. O gráfico Nr 4 e a tabela Nr 5 compilam os dados referentes a essa coleta.

Gráfico 4 - Progressão cumulativa do número de concludentes do EPAT, no período de fevereiro a julho - 2016

Fonte: o autor, Protocolo do Estudo de Caso - 2016.

Tabela 5 - Data de criação, identificação e tipo dos coletores utilizados na aplicação do formulário tipo "A" digital - 2016

criação	ID coletor	tipo	criação	ID coletor	tipo
30/04/16	84941652	Web Link	10/06/16	87067291	Web Link
30/04/16	84942276	Web Link	11/06/16	87111404	Email
03/05/16	85052632	Web Link	11/06/16	87111667	Web Link
03/05/16	85052770	Web Link	12/06/16	87121533	Social Media Post
04/05/16	85132570	Web Link	12/06/16	87123022	Web Link
04/05/16	85147216	Web Link	15/06/16	87328141	Email
10/05/16	85477422	Web Link	18/06/16	87457774	Web Link
28/05/16	86431858	Web Link	23/06/16	95303092	Web Link
04/06/16	86743722	Web Link	24/06/16	95303280	Web Link
09/06/16	86983109	Email	26/06/16	95307579	Web Link
09/06/16	86984390	Web Link	29/06/16	95308179	Web Link
10/06/16	87066042	Web Link	02/07/16	88112859	Web Link
10/06/16	87066034	Web Link	03/07/16	95308189	Web Link
10/06/16	87067299	Web Link	16/07/16	88718716	Web Link

Fonte: o autor, Protocolo do Estudo de Caso - 2016.

4.2. AVALIAÇÃO DA TURMA-PILOTO

Dando prosseguimento ao protocolo do estudo de caso, o período de 19 de fevereiro a 13 de abril de 2016 foi destinado à aplicação, correção e ajustes da pesquisa. A seguir, são apresentados os resultados obtidos na turma-piloto. A atividade contou com um efetivo de 53 (cinquenta e três) participantes, todos enquadrados nas Atividades Características do Turismo (ACT), sediados na região metropolitana de São Paulo e envolvidos nas atividades relativas aos Jogos Olímpicos 2016. O foco da atividade foi a avaliação inicial tanto do estágio aplicado, quanto do formulário de pesquisa.

Gráfico 5 - Distribuição de alunos (%) da turma-piloto por faixa etária - 2016

Fonte: o autor, Protocolo do Estudo de Caso, turma-piloto - 2016.

Em uma análise inicial do perfil dos participantes, observou-se que 88,68% (oitenta e oito vírgula sessenta e oito por cento) dos participantes da turma-piloto concentravam-se nas faixas etárias de 31 a 60 anos de idade, com destaque para a faixa de 41 a 50, um indicador de maturidade do grupo.

Quanto ao gênero, a turma-piloto apresentou um predomínio do público masculino, representado por 81,13% (oitenta e um vírgula treze por cento) do total - o que se constataria, mais tarde, ser uma tendência também no grupo amostral.

Gráfico 6 - Distribuição de alunos (%) da turma-piloto por gênero - 2016

Fonte: o autor, Protocolo do Estudo de Caso, turma-piloto - 2016.

Gráfico 7 - Distribuição de alunos (%) da turma-piloto por escolaridade - 2016

Fonte: o autor, Protocolo do Estudo de Caso, turma-piloto - 2016.

No aspecto escolaridade, 83,02% (oitenta e três vírgula zero dois por cento) dos participantes haviam cursado o ensino superior, o que se constitui um indicador de escolaridade bastante elevado.

Gráfico 8 - Distribuição percentual (%) da percepção de elementos característicos do terrorismo pela turma-piloto - 2016

Em relação à associação entre os elementos propostos e a percepção de ameaça terrorista, o resultado apontou a *violência* em 1º lugar, com o índice de 41,51% (quarenta e um vírgula cinquenta e um por cento), seguida dos elementos *medo* (16,98%), *estratégia* (13,21%), *política* (11,32%), *vítima* (9,43%), *propaganda* (5,66%) e *clandestinidade* (1,89%).

Gráfico 9 - Distribuição de frequência (%) segundo o grau de importância atribuída ao EPAT pela turma-piloto - 2016

Fonte: o autor, turma-piloto, Pesquisa de Opinião sobre o EPAT - 2016.

Quanto à avaliação, 80,77% (oitenta vírgula setenta e sete por cento) do grupo considerou o estágio EPAT muito importante e 94,23% (noventa e quatro vírgula vinte e três por cento) atribuíram menção “ótima” ou “excelente” para a atividade. Além disso, muitas sugestões foram apresentadas no sentido de se estender o programa de sensibilização contra ameaça terrorista, por meio de outras ações para além do estágio EPAT. A fim de atender às demandas de empresas e instituições interessadas em oferecer a capacitação para o maior número possível de funcionários, a carga horária do estágio - inicialmente prevista para 8 (oito) horas-aula, foi reduzida para 5 (cinco) horas-aula, buscando-se uma melhor adequação ao horário comercial e aos turnos de trabalho.

Gráfico 10 - Distribuição de frequência (%) segundo a menção de qualidade atribuída ao EPAT pela turma-piloto - 2016

Fonte: o autor, turma-piloto, Pesquisa de Opinião sobre o EPAT - 2016.

Como resultado da avaliação da turma-piloto, constatou-se que o formato de aplicação do estágio já havia atingido um nível satisfatório, seja pela importância atribuída, seja pelas menções – particularmente em se tratando de um público maduro e com elevado nível de escolaridade.

Por outro lado, no quesito percepção, o *output* alcançado evidenciou a necessidade de aperfeiçoamentos no formulário. Em relação ao rol de elementos propostos, foram acrescentados 6 (seis) novos, todos com fundamentação no referencial

teórico – *tática* (SCHMID, 2011), *ação de grupos não estatais* (HOFFMAN, 1999), *fanatismo e/ou extremismo religioso* (RAPOPORT, 2002), *uso de imprensa* (SCHMID, 2011) e *das redes sociais* (STEPANOVA, 2008), *planejamento e coordenação* (SCHMID, 2011), *ação de indivíduos isolados* (CRENSHAW, 2007).

Além disso, o modo e as opções de seleção também sofreram alterações. Enquanto no questionário aplicado na turma-piloto o respondente podia marcar uma e apenas uma opção em um rol de 7 (sete) elementos, no formulário definitivo facultou-se ao participante assinalar tantos elementos quantos fossem percebidos como característicos do terrorismo em uma lista, agora com 13 (treze) elementos.

Eliminando-se o dilema de atribuir prioridade aos elementos identificados como fatores do terrorismo, ampliou-se e aprofundou-se o espectro da percepção do fenômeno sob o prisma cognitivo (MYERS, 2014). Com essas modificações, o formulário definitivo ficou pronto para aplicação.

4.3. PERFIL SÓCIO-DEMOGRÁFICO DO GRUPO AMOSTRAL

Os dados apresentados a seguir têm como base 1.109 (mil cento e nove) formulários respondidos no período de 14 de abril a 29 de julho de 2016. De acordo com o protocolo do estudo de caso, o grupo amostral foi constituído por integrantes das Atividades Características do Turismo (ACT), sediados na região metropolitana de São Paulo e, em sua maioria, envolvidos nas atividades relativas aos jogos olímpicos 2016.

Gráfico 11 - Distribuição do grupo amostral (%) por faixa etária - 2016

Fonte: o autor, grupo amostral, Pesquisa Percepção de Ameaça Terrorista - 2016.

Inicialmente, com relação à idade dos participantes da pesquisa, observou-se uma distribuição normal dentro das categorias. A faixa etária de 35 a 44 anos concentrou o maior grupo, com uma frequência de 26,24% (vinte e seis vírgula vinte e quatro por cento), muito próxima das faixas de 25 a 34 anos, com 24,47% (vinte e quatro vírgula quarenta e sete por cento) e de 45 a 54 anos, com 23,40% (vinte e três vírgula quarenta por cento). A faixa de idade até 24 anos apresentou uma frequência de 11,70% (onze vírgula setenta por cento), de 55 a 64 anos, 9,04% (nove vírgula zero quatro por cento) e, acima de 65 anos, 4,26% (quatro vírgula vinte e seis por cento). Não responderam a pergunta 0,89% (zero vírgula oitenta e nove por cento) do grupo, o que equivale a 10 (dez) participantes.

Gráfico 12 - Distribuição do grupo amostral (%) por gênero - 2016

Fonte: o autor, grupo amostral, Pesquisa Percepção de Ameaça Terrorista - 2016.

Quanto ao gênero, tal como ocorreu com a turma-piloto, o grupo amostral apresentou um predomínio do público masculino, representado por 66,31% (sessenta e seis vírgula trinta e um por cento) do total.

No que tange ao aspecto religião, observou-se que 42,73% (quarenta e dois vírgula setenta e três por cento) deixaram de responder à pergunta, percentual maior que os 32,09% (trinta e dois vírgula zero nove por cento) que se declararam católicos e que compuseram o maior extrato religioso. O segundo maior grupo

representado foi composto por evangélicos, com 11,52% (onze vírgula cinquenta e dois por cento), seguido pelos espíritas, 10,11% (dez vírgula onze por cento).

Gráfico 13 - Distribuição do grupo amostral (%) por religião - 2016

Fonte: o autor, grupo amostral, Pesquisa Percepção de Ameaça Terrorista - 2016.

No aspecto escolaridade, o grupo era composto majoritariamente por profissionais que haviam cursado ensino superior, com 82,44% (oitenta e dois vírgula quarenta e quatro por cento), dos quais 29,96% (vinte e nove vírgula noventa e seis por cento) cursaram, no mínimo, pós-graduação em nível de especialização, um indicador de perfil sócio-demográfico bastante elevado.

Gráfico 14 - Distribuição do grupo amostral (%) por escolaridade - 2016

Fonte: o autor, grupo amostral, Pesquisa Percepção de Ameaça Terrorista - 2016.

4.4.DADOS COLETADOS

O protocolo do estudo de caso descrito no capítulo 3, apresenta 3 (três) instrumentos que foram utilizados na presente pesquisa: 1) o Estágio de Percepção de Ameaça Terrorista (EPAT); 2) o formulário Ficha Modelo "A"; e 3) o formulário Ficha Modelo "B".

Durante os preparativos para os Jogos Olímpicos Rio 2016, no âmbito do Comando de Defesa de Área São Paulo, 2.680 (dois mil seiscentos e oitenta) profissionais do setor de turismo concluíram o Estágio de Percepção de Ameaça Terrorista (EPAT).

Gráfico 15 - Distribuição dos concludentes do EPAT (%) por gênero - 2016

Fonte: o autor, concludentes do EPAT, Pesquisa de Opinião sobre o EPAT - 2016.

Desse total, 2.039 (dois mil e trinta e nove) pessoas - portanto 76,08% (setenta e seis vírgula zero oito por cento) - responderam pesquisa de opinião referente à atividade.

O perfil sócio-demográfico, os termos das perguntas e as respectivas respostas são apresentados nos gráficos a seguir.

Gráfico 16 - Distribuição dos concludentes do EPAT (%) por faixa etária - 2016

Fonte: o autor, concludentes do EPAT, Pesquisa de Opinião sobre o EPAT - 2016.

Gráfico 17 - Nível de importância atribuída ao EPAT (%) pelos concludentes do estágio - 2016

Fonte: o autor, concludentes do EPAT, Pesquisa de Opinião sobre o EPAT - 2016.

O gráfico Nr 17 sintetiza as respostas dos participantes à seguinte pergunta: "Em sua opinião, qual a importância do estágio para a segurança dos jogos olímpicos?" Do total de 2.039 (dois mil e trinta e nove) respondentes, 87,84% (oitenta e sete vírgula oitenta e quatro por cento) disseram que o estágio é muito

importante, 12,16% (doze vírgula dezesseis por cento) classificaram a atividade como importante. As opções "pouco importante" ou "sem importância" não obtiveram nenhuma resposta.

Gráfico 18 - Nível de autoconfiança (%) atingido pelos concludentes do EPAT - 2016

Fonte: o autor, concludentes do EPAT, Pesquisa de Opinião sobre o EPAT - 2016.

O gráfico Nr 18 apresenta as respostas da pergunta: "O(A) Sr(a) se sente confiante e capaz de perceber uma atitude ou material suspeito e informar ao responsável por sua equipe e/ou a uma autoridade policial?" Do total de 2.039 (dois mil e trinta e nove) respondentes, 28,6% (vinte e oito vírgula seis por cento) disseram que se sentem plenamente capacitados, 56,2% (cinquenta e seis vírgula dois por cento) responderam que se sentem capacitados e 15,2% (quinze vírgula dois por cento) declararam-se parcialmente capacitados. Nenhum respondente julgou-se incapaz de realizar as atividades propostas.

O segundo instrumento de coleta de dados utilizado neste estudo de caso foi o formulário Ficha Modelo "A" (Anexo "A"), nas versões impresso e digital. A tabela Nr 6 a seguir sintetiza os dados numéricos relativos às quantidades de formulários existentes na base de dados.

Tabela 6 - Resumo da base de dados originária do formulário tipo "A", impresso e digital, aplicado ao setor de turismo - 2016

<i>Concludentes EPAT/SP</i>		<i>Formulários</i>		
	<i>total</i>	<i>Tipo "A"</i> <i>impresso</i>	<i>Tipo "A"</i> <i>digital</i>	<i>total</i>
setor turismo	2.680	450	564	1.014
	100%			37,83%

Fonte: o autor, grupo amostral, Formulário tipo "A" - 2016.

Tabela 7 - Grau de percepção (%) dos elementos característicos do terrorismo, segundo o grupo amostral - 2016

<i>Elemento (N=977)</i>	<i>freq</i>	<i>freq (%)</i>
1 fanatismo e/ou extremismo religioso	836	85,57%
2 violência física e/ou psicológica	608	62,23%
3 intimidação, medo e incerteza	595	60,90%
4 objetivos políticos	541	55,37%
5 uso das redes sociais	520	53,22%
6 planejamento	506	51,79%
7 estratégia	496	50,77%
8 ação de indivíduos isolados	440	45,04%
9 ação de grupos não estatais	367	37,56%
10 propaganda	355	36,34%
11 aleatoriedade na escolha de vítimas	346	35,41%
12 atividade clandestina	332	33,98%
13 tática	172	17,60%
nr (não responderam)	37	3,65%

Fonte: o autor, grupo amostral, Formulário tipo "A", item 10 - 2016.

Gráfico 19 - Grau de percepção (%) dos elementos característicos do terrorismo, segundo grupo amostral - 2016

Fonte: o autor, grupo amostral, Formulário tipo "A", item 10 - 2016.

Com base no formulário Ficha Modelo "A" - versões impressa e digital -, a tabela Nr 7 e o gráfico Nr 19 sintetizam as respostas de 977 (novecentos e setenta e sete) estagiários à seguinte pergunta: "Em sua opinião, que elemento(s) caracteriza(m) o terrorismo? Assinale a(s) alternativa(s) que julgar verdadeira(s)."

Ainda com base no formulário Ficha Modelo "A" - versão *online* somente - os gráficos Nr 20, 21 e 22 apresentam as respostas de 493 (quatrocentos e noventa e três) pessoas à seguinte pergunta: "Em sua opinião, o Brasil está imune a um ataque terrorista? Assinale a(s) alternativa(s) que julgar verdadeira(s)."

Gráfico 20 - Distribuição percentual do grupo amostral (%), segundo a percepção de imunidade em relação à ameaça terrorista - 2016

Fonte: o autor, grupo amostral, Formulário tipo "A", item 9 - 2016.

Gráfico 21 - Percepção das causas da não imunidade (%) em relação à ameaça terrorista, segundo grupo amostral - 2016

Fonte: o autor, grupo amostral, Formulário tipo "A", item 9 - 2016.

Gráfico 22 - Percepção das causas da imunidade (%) em relação à ameaça terrorista, segundo grupo amostral - 2016

Fonte: o autor, grupo amostral, Formulário tipo "A", item 9 - 2016.

O gráfico Nr 23 e a tabela Nr 8 a seguir foram elaborados a partir dos formulários Ficha Modelo "A" - versão impressa somente - preenchidos por 450 (quatrocentos e cinquenta) concludentes do EPAT. Conforme o protocolo, os formulários foram preenchidos antes do início e após o término do estágio. A pergunta formulada foi: "Em sua opinião, que elemento(s) caracteriza(m) o terrorismo? Assinale a(s) alternativa(s) que julgar verdadeira(s)."

Gráfico 23 - Grau de percepção (%) dos elementos característicos do terrorismo, segundo grupo amostral, antes e depois do EPAT - 2016

Fonte: o autor, grupo amostral, Formulário tipo "A", item 10 - 2016.

Tabela 8 - Percepção (%) dos elementos característicos do terrorismo, segundo grupo amostral, antes e depois do EPAT - 2016

<i>Elementos (N=450)</i>	<i>antes_epat (f%)</i>	<i>após_epat (F%)</i>	<i>dif (F%)</i>
1 fanatismo e/ou extremismo religioso	65,33%	91,78%	26,45%
2 objetivos políticos	36,89%	69,11%	32,22%
3 violência física e/ou psicológica	22,22%	63,78%	41,56%
4 uso das redes sociais	17,56%	62,44%	44,88%
5 intimidação, medo e incerteza	16,67%	60,44%	43,77%
6 estratégia	15,33%	55,78%	40,45%
7 ação de indivíduos isolados	11,33%	54,67%	43,34%
8 planejamento	13,33%	48,67%	35,34%
9 propaganda	8,00%	41,56%	33,56%
10 aleatoriedade na escolha de vítimas	6,44%	38,89%	32,45%
11 ação de grupos não-estatais	11,56%	36,44%	24,88%
12 atividade clandestina	6,22%	31,33%	25,11%
13 tática	4,89%	26,89%	22,00%

Fonte: o autor, grupo amostral, Formulário tipo "A", item 10 - 2016.

O gráfico Nr 24 ilustra os dados apresentados na tabela 8. Apresenta os índices de percepção de cada elemento do terrorismo antes e após o estágio.

Gráfico 24 - Taxa de variação (%) do grau de percepção dos elementos característicos do terrorismo pelo grupo amostral, antes e após EPAT - 2016

Fonte: o autor, grupo amostral, Formulário tipo "A", item 10 - 2016.

O terceiro e último instrumento de coleta de dados utilizado neste estudo de caso foi a Pesquisa sobre Percepção de Ameaça e Políticas Públicas, que se constitui do formulário Ficha Modelo "B" (Anexo "B"), aplicado unicamente na versão digital. A tabela Nr 9 a seguir sintetiza os dados numéricos relativos às quantidades de formulários consolidados na base de dados.

Tabela 9 - Resumo da base de dados originária do formulário tipo "B", digital, aplicado ao setor de turismo - 2016

<i>Concludentes EPAT/SP</i>		<i>Formulários</i>	
	<i>total</i>	<i>Tipo "B"</i> <i>digital</i>	<i>total</i>
setor turismo	2.680	95	95
	100%		3,54%

Fonte: o autor, grupo amostral, Formulário tipo "B" - 2016.

Formulada com o intuito de classificar os respondentes da pesquisa em dois grupos distintos, a questão Nr 7 do formulário "B" perguntou: "Você concluiu o Estágio de Percepção da Ameaça Terrorista (EPAT)?"

Como resultado, foram obtidos os percentuais abaixo discriminados, ou seja, 42,53% (quarenta e dois vírgula cinquenta e três por cento) dos respondentes do formulário "B" responderam "SIM", participaram do EPAT, ao passo que 57,47% (cinquenta e sete vírgula quarenta e sete por cento) responderam "NÃO".

Gráfico 25 - Participação no EPAT (%), segundo concludentes da Pesquisa Percepção de Ameaças e Políticas Públicas - 2016

Fonte: o autor, grupo amostral, Formulário tipo "B" - 2016.

A partir da categorização descrita anteriormente, segue-se a apresentação do perfil sócio-demográfico organizada em dois blocos: o bloco da esquerda, identificado na base pela palavra "NÃO", consolida os dados do subgrupo que não participou do estágio EPAT; o bloco da direita, identificado pelo "SIM", reúne os dados do subgrupo que participou do EPAT.

Gráfico 26 - Distribuição dos concludentes (%) da Pesquisa Percepção de Ameaças e Políticas Públicas, segundo a participação no EPAT, por faixa etária - 2016

Fonte: o autor, grupo amostral, Formulário tipo "B" - 2016.

Gráfico 27 - Distribuição dos concludentes (%) da Pesquisa Percepção de Ameaças e Políticas Públicas, segundo a participação no EPAT, por escolaridade - 2016

Fonte: o autor, grupo amostral, Formulário tipo "B" - 2016.

O quesito faixa etária reveste-se de particular interesse para a análise dos dados procedentes do formulário "B". Em uma abordagem inicial, observa-se que nessa amostra o número de respondentes jovens - até 24 anos - no subgrupo NÃO (não realizaram o EPAT) é significativo, pois representam 42,86% (quarenta e dois vírgula oitenta e seis por cento) da categoria. Em termos de idade, o subgrupo apresenta um perfil bastante diverso dos demais que compõem a base da presente pesquisa, notadamente porque estão concentrados em uma categoria específica.

Gráfico 28 - Distribuição de frequência dos concludentes da Pesquisa Percepção de Ameaças e Políticas Públicas (%), segundo o grau de eficácia atribuído ao EPAT - 2016

Fonte: o autor, grupo amostral, Formulário tipo "B" - 2016.

O gráfico Nr 28 apresenta as respostas de todo o grupo à questão: "Dê sua opinião sobre a assertiva: O EPAT é uma medida preventiva eficaz na diminuição das vulnerabilidades dos indivíduos, propriedades e estabelecimentos face à ameaça terrorista." No conjunto, 51,11% concordam totalmente, 40,00% concordam parcialmente, 4,44% não discorda, nem concorda, 2,22% discorda parcialmente e outros 2,22% discordam totalmente.

O gráfico Nr 29 expõe as respostas - categorizadas - à pergunta: "Em sua opinião, ações preventivas contra a ameaça terrorista devem assumir um caráter permanente no Brasil?" Considerando-se a média do grupo como um todo, 90,59% responderam sim para o caráter permanente, 5,88% responderam não para o caráter permanente e 3,53% apresentaram outras respostas.

Gráfico 29 - Percepção da necessidade (%) do caráter permanente para políticas públicas de prevenção ao terrorismo - 2016

Fonte: o autor, grupo amostral, Formulário tipo "B" - 2016.

O gráfico Nr 30 traz as respostas do grupo para a pergunta: "Ordene os elementos abaixo de acordo com o grau de ameaça percebido". Os resultados, colocados de acordo com a média ponderada, apresentam a violência e o crime organizado em 1º lugar (principal ameaça reconhecida pela população), o terrorismo em 2º lugar, as doenças e epidemias em 3º lugar, os desastres ambientais em 4º lugar e as guerras em 5º lugar.

Gráfico 30 - Percepção (%) comparada de ameaças à segurança pública, segundo concludentes da Pesquisa Percepção de Ameaças e Políticas Públicas - 2016

Fonte: o autor, grupo amostral, Formulário tipo "B" - 2016.

Ainda com referência à questão anterior - "Ordene os elementos abaixo de acordo com o grau de ameaça percebido" - levantando os dados exclusivamente relativos ao terrorismo e considerando a categorização já descrita anteriormente, os números que surgem são os apresentados no gráfico Nr 31. Segundo aqueles indicadores, o subgrupo que não participou do estágio classificou o terrorismo em 4º

lugar - penúltima ameaça percebida em meio ao rol com 5 alternativas - com um índice relativo de 28, 21% (vinte e oito vírgula vinte e um por cento). Por outro lado, o subgrupo que participou do estágio classificou o terrorismo em 1º lugar, com um índice relativo de 27,78% (vinte e sete vírgula setenta e oito por cento).

Gráfico 31 - Percepção da posição da ameaça terrorista (%) no rol de ameaças à segurança pública, segundo a participação no EPAT - 2016

Fonte: o autor, grupo amostral, Formulário tipo "B" - 2016.

Gráfico 32 - Percepção dos impactos (%) do terrorismo - 2016

Fonte: o autor, grupo amostral, Formulário tipo "B" - 2016.

O gráfico Nr 32 reúne os dados referentes à seguinte pergunta: "Ataques terroristas têm acontecido, com relativa frequência, em diversas partes do mundo. De acordo com sua percepção, como se classificam os IMPACTOS do terrorismo?". Em resposta, 56,63% julgaram os impactos muito severos, 26,51% variáveis, 14,46% severos, 2,41% alegaram desconhecimento.

Gráfico 33 - Percepção dos impactos (%) do terrorismo, segundo concludentes da Pesquisa Percepção de Ameaças e Políticas Públicas, por participação no EPAT - 2016

Fonte: o autor, grupo amostral, Formulário tipo "B" - 2016.

O gráfico Nr 33 aborda a mesma questão anterior, investigando a percepção de impacto do terrorismo. Nas respostas, observou-se que os dois subgrupos classificam de maneiras distintas os impactos do terrorismo, o que pode ser ilustrado pelos índices de 69,44% dos que concluíram o estágio e julgaram muito severos os impactos do terrorismo, contra 47,83% do subgrupo oposto.

O gráfico Nr 34 apresenta os dados referentes à questão: "De acordo com sua percepção, como você classifica o fenômeno Terrorismo? Assinale a(s) alternativa(s) que julgar adequada(s)". Como resposta, o caráter psicossocial foi o mais apontado, com 79,76%, seguido do aspecto político, com 54,76%, econômico, 21,43% e militar, 19,05%.

Gráfico 34 - Percepção da natureza (%) do terrorismo, segundo concludentes da Pesquisa Percepção de Ameaças e Políticas Públicas - 2016

Fonte: o autor, grupo amostral, Formulário tipo "B" - 2016.

5. ANÁLISE E DISCUSSÃO

A partir dos fundamentos teóricos apresentados nos capítulos 1 e 2, e com foco no objeto da pesquisa - a percepção da ameaça terrorista em São Paulo durante os jogos olímpicos 2016 - os resultados anteriormente apresentados foram analisados.

A estrutura de análise teve como base as questões orientadoras do presente estudo de caso. São elas: (i) qual o conceito de terrorismo? (ii) de que modo os participantes da pesquisa perceberam a ameaça terrorista? (iii) Quais as semelhanças e diferenças entre o referencial teórico e os dados empíricos? (iv) qual o impacto do EPAT sobre a percepção de ameaça terrorista?

5.1. CONCEITO DE TERRORISMO

Inicialmente, com relação ao conceito de terrorismo ou de ameaça terrorista não há, até o presente momento - de acordo com o referencial teórico - uma definição universalmente aceita. Por razões políticas, econômicas, sociais ou culturais, nenhuma organização internacional - nem mesmo a Organização das Nações Unidas - foi capaz de estabelecer o dito conceito.

Entretanto, inúmeros pesquisadores e acadêmicos têm se debruçado sobre o tema. Laqueur (1977), Jenkins (1980), Schmid e De Graaf (1982), Schmid e Jongman (1984, 1988), Rapoport (1984, 2002), Crenshaw (1990, 1995, 2007, 2010), Arquilla (1998, 2001), Hoffman (1999, 2003, 2008), Homer-Dixon, Keohane (2002), Sageman (2004), Weinberg, Pedahzur e Hirsch-Hoefler (2004), Sinai (2008), Stepanova (2008), Kaplan (2010), Schmid (1988, 2011, 2012), Mesquita (2012), Crenshaw e Lafree (2017) são alguns dos pesquisadores com sólidas contribuições para esse campo do conhecimento.

Em especial, merece destaque o trabalho do Prof. Alex Schmid que há três décadas se dedica à construção de um consenso acadêmico sobre os elementos característicos do fenômeno. Em sua primeira versão, de 1984, o consenso acadêmico de Schmid era composto por 22 (vinte e dois) elementos, tal como descrito na tabela Nr 2 (pág.31).

A versão de 2011 do consenso acadêmico de Schmid é a mais recente editada pelo pesquisador. A lista, transcrita na (pág.35), no capítulo do referencial

teórico, é composta por 12 (doze) elementos que pretende-se sejam a base para uma possível definição fenômeno terrorismo.

Tabela 10 - Definição de elementos conceituais do terrorismo, a partir dos referenciais teóricos de Schmid, Rapoport, Crenshaw, Hoffman e Stepanova - 2016

	Consenso acadêmico 1984	Consenso acadêmico 2011 e outras referências	Elementos conceituais do terrorismo
1	-	Rapoport (2002)	fanatismo e/ou extremismo religioso
2	1 violence, force (83,5%) 5 <i>psychological effects and reactions</i> 18 <i>incalculability, unpredictability, unexpectedness of occurrence of violence</i> 20 <i>repetitiveness, serial or campaign of violence</i>	Schmid (2011)	violência física e/ou psicológica
3	3 fear, terror emphasize (51,0%) 4 <i>threat</i> 14 <i>intimidation</i> 18 <i>incalculability, unpredictability</i>	Schmid (2011)	intimidação, medo e incerteza
4	2 Political (65,0%) 6 <i>victim-target differentiation</i> 22 <i>demands made on third parties</i>	Schmid (2011)	objetivos políticos
5	-	Stepanova (2008)	uso das redes sociais
6	7 purposive, planned, systematic tactic (32,0%)	Schmid (2011)	planejamento
7	8 method of combat, strategy, tactic (30,5%) 9 <i>extra-normality, in breach of accepted rules</i> 10 <i>coercion, extortion, induction of compliance</i>	Schmid (2011)	estratégia
8	-	Crenshaw (2007)	ação de indivíduos isolados
9	16 Group, movement, organization as perpetrator (14,0%)	Hoffman (1999)	ação de grupos não estatais
10	11 publicity aspect (21,5%) 17 <i>symbolic aspect, demonstration to others</i>	Schmid (2011)	propaganda
11	12 Arbitrariness (21,0%) 13 <i>civilians, non-combatants, outsiders as victims</i> 15 <i>innocence of victims emphasized</i>	Schmid (2011)	aleatoriedade na escolha de vítimas
12	19 clandestine, cover nature (9,0%) 21 <i>criminal</i>	Schmid (2011)	atividade clandestina
13	8 method of combat, strategy, tactic (30,5%)	Schmid (2011)	tática

Fonte: o autor, Protocolo do Estudo de Caso - 2016.

Assim sendo, para responder a questão sobre o conceito de terrorismo o presente estudo adotou como referencial a última versão do consenso acadêmico - a edição de 2011 - e considerou ainda a contribuição de alguns outros autores,

particularmente Rapoport (2002), que aborda a questão do extremismo religioso, Hoffman (1999) que trata de grupos não estatais, Stepanova (2008) que explora o usos das redes sociais e Crenshaw (2007), com suas considerações sobre indivíduos isolados ou os chamados lobos solitários.

Os percentuais descritos por Schmid em 1984, por ocasião do primeiro consenso acadêmico, foram igualmente considerados porque são uma das poucas fontes que abordam o tema dessa maneira. Por certo que, passadas três décadas, os números ali lançados dificilmente retratarão a realidade atual. Porém, na falta de outros dados, estão sendo registrados e serão utilizados mais adiante apenas a título de referência.

Portanto, para fins do presente estudo, à luz do referencial teórico adotado, na ausência de um conceito universalmente aceito para terrorismo e, por extensão, para o termo ameaça terrorista, foram elencados os seguintes elementos como definidores do fenômeno: *fanatismo e/ou extremismo religioso; violência física e/ou psicológica; intimidação, medo e incerteza; objetivos políticos; uso das redes sociais; planejamento; estratégia; ação de indivíduos isolados; ação de grupos não estatais; propaganda; aleatoriedade na escolha de vítimas; atividade clandestina e tática.*

5.2. PERCEPÇÃO DOS PARTICIPANTES

Para responder à questão referente ao modo como os participantes da pesquisa perceberam a ameaça terrorista tornou-se necessário analisar criticamente os dados coletados. As fontes listadas abaixo trouxeram dados esclarecedores sobre a questão: a tabela 7 (pág.58), o gráfico 30 (pág.65), o gráfico 32 (pág.66), os gráficos 20, 21 e 22 (pág. 59 e 60) o gráfico 34 (pág.67).

A tabela 7 foi elaborada com base em 977 (novecentos e setenta e sete) respostas, o que equivale a 88,09% (oitenta e oito vírgula zero nove por cento) do grupo amostral. Cada elemento listado apresenta uma frequência e um percentual relativo.

Os números evidenciam a associação entre cada elemento isoladamente e o conceito de terrorismo. Quanto maior o índice, maior o significado do elemento perante o grupo amostral. No caso em tela, o fanatismo e/ou extremismo religioso se configura no principal elemento do terrorismo reconhecido pela população de São Paulo, no período deste estudo.

Tabela 7 - Grau de percepção (%) dos elementos característicos do terrorismo, segundo o grupo amostral - 2016

Elemento (N=977)	freq	freq (%)
1 fanatismo e/ou extremismo religioso	836	85,57%
2 violência física e/ou psicológica	608	62,23%
3 intimidação, medo e incerteza	595	60,90%
4 objetivos políticos	541	55,37%
5 uso das redes sociais	520	53,22%
6 planejamento	506	51,79%
7 estratégia	496	50,77%
8 ação de indivíduos isolados	440	45,04%
9 ação de grupos não-estatais	367	37,56%
10 propaganda	355	36,34%
11 aleatoriedade na escolha de vítimas	346	35,41%
12 atividade clandestina	332	33,98%
13 tática	172	17,60%
nr (não responderam)	37	3,65%

Fonte: o autor, grupo amostral, Formulário tipo "A", item 10 - 2016.

Os gráficos 20, 21 e 22, que apresentam os dados referentes à percepção de risco e imunidade, trouxeram novos indícios acerca da percepção de ameaça terrorista em São Paulo nos jogos olímpicos.

Gráfico 20 - Distribuição percentual do grupo amostral (%), segundo a percepção de imunidade em relação à ameaça terrorista - 2016

Fonte: o autor, grupo amostral, Formulário tipo "A", item 9 - 2016.

De acordo com os dados, 94,34% de um total de 493 respondentes consideravam que o Brasil – no tempo da pesquisa – não estava imune a ataques terroristas; 70,18% julgavam que nenhum lugar está imune a esse tipo de ataque; 58,42% acreditavam que o Brasil poderia se tornar um palco do terrorismo ao sediar eventos internacionais; 32,45% reconheciam que brasileiros poderiam ser recrutados por grupos extremistas internacionais; e 28,40% reputavam a insegurança do país à sua crescente inserção global.

Gráfico 21 - Percepção das causas da não imunidade (%) em relação à ameaça terrorista, segundo grupo amostral - 2016

Fonte: o autor, grupo amostral, Formulário tipo "A", item 9 - 2016.

Por outro lado, 5,66% dos respondentes julgavam que sim, o Brasil estava imune a ataques terroristas; 3,65% atribuíam tal condição à ausência de um histórico de terrorismo no país; 3,25% entendiam que no Brasil não havia extremistas; 2,64% assumiam que terroristas não tinham interesses no país; e 1,83% atribuíam sua sensação de segurança ao fato de o Brasil estar geograficamente distante das regiões do globo onde normalmente se concentram os ataques terroristas.

Desse modo, a expressiva diferença entre os números, no universo participante, indica o predomínio da percepção de que o Brasil, assim como qualquer outro lugar do mundo (70,18%), não estava imune a ataques terroristas (94,34%) e que o fato de sediar um megaevento como as Olimpíadas poderia transformar o país em um palco do terrorismo internacional (58,42%).

Gráfico 22 - Percepção das causas da imunidade (%) em relação à ameaça terrorista, segundo grupo amostral - 2016

Fonte: o autor, grupo amostral, Formulário tipo "A", item 9 - 2016.

Muito embora não se disponha de pesquisas anteriores que dimensionem a percepção de ameaça terrorista em São Paulo, esses dados encontram amparo nos argumentos de Taylor e Toohey (2006), Neirotti e Hilliard (2006), segundo os quais a realização das olimpíadas está intimamente relacionada a um aumento na percepção de ameaça terrorista, sobretudo no pós 11 de Setembro e em função da crescente complexidade e visibilidade do evento.

Gráfico 32 - Percepção dos impactos (%) do terrorismo - 2016

Fonte: o autor, grupo amostral, Formulário tipo "B" - 2016.

Outra fonte de dados referente à percepção da população é o gráfico 32, que aborda os impactos do terrorismo. Elaborado a partir das respostas de 83 participantes, o gráfico indica que 71,09% (setenta e um vírgula zero nove por cento) dos respondentes descreveu os impactos do terrorismo como severos ou muito severos. Essa percepção é interessante, notadamente pelo fato de ser o terrorismo uma ameaça pouco comum, não apenas em São Paulo, mas no Brasil como um todo. Portanto, em que pese a amostra relativamente pequena (N=83), o que esse resultado sugere é que a população está atenta ao fenômeno, muito embora não lhe seja comum, o que está de acordo com Neumann (2016), que argumenta que muito embora o terrorismo seja um fenômeno cujos efeitos cinéticos tenham um impacto limitado a um determinado local, seus efeitos psicológicos não reconhecem fronteiras e criam a percepção de ameaças em escala global (NEUMANN, 2016).

Gráfico 34 - Percepção da natureza (%) do terrorismo, segundo concludentes da Pesquisa Percepção de Ameaças e Políticas Públicas - 2016

Fonte: o autor, grupo amostral, Formulário tipo "B" - 2016.

A compreensão da natureza do fenômeno terrorismo pela população de São Paulo, durante o período deste estudo, é referenciada no gráfico 34. De acordo com os dados ali condensados, 79,76% (setenta e nove vírgula setenta e seis por cento) dos respondentes identifica o terrorismo como um fenômeno complexo, de múltiplas facetas, cuja natureza é predominantemente psicossocial, com uma forte componente política, 54,76% (cinquenta e quatro vírgula setenta e seis por cento).

Gráfico 3 - Grau de percepção (%) dos elementos característicos do terrorismo, segundo acadêmicos e representantes de organizações não governamentais - 2004

Fonte: *The Routledge Handbook of Terrorism Research*, Alex P. Schmid, 2011

Essa é outra informação que, apesar de pouco representativa do ponto de vista do número de respondentes, sugere que o grupo amostral possui um entendimento alinhado com as mais recentes referências teóricas: Rapoport (2004), Schmid (2011), Crenshaw (2017), Mesquita (2012) para citar alguns poucos.

Além disso, a noção evidenciada pelo grupo amostral encontra abrigo na percepção dos acadêmicos e dos representantes de organizações não governamentais entrevistados por Schmid em 2004, que identificam o traço político como uma das principais características do fenômeno, conforme gráfico 3.

Gráfico 30 - Percepção (%) comparada de ameaças à segurança pública, segundo concludentes da Pesquisa Percepção de Ameaças e Políticas Públicas - 2016

Fonte: o autor, grupo amostral, Formulário tipo "B" - 2016.

Outros indicadores podem ser encontrados no gráfico 30. Elaborado com base em 82 (oitenta e dois) formulários, ele apresenta a percepção que os participantes tem em relação ao terrorismo quando comparado a outras ameaças.

O resultado obtido em 2016 apontou o terrorismo em 2º lugar. Antes porém, em 2011, segundo pesquisa promovida pelo IPEA, o terrorismo havia sido classificado na 6ª posição.

A observação encontra abrigo na argumentação de Cashman e Hughes (1999), além de Taylor e Toohey (2003), autores segundo os quais, em mega eventos como as olimpíadas, é frequente a percepção do terrorismo como a principal ameaça.

No caso do Reino Unido, por exemplo, o próprio governo elevou o nível de risco do evento, dando ampla visibilidade dessa medida e instruindo a população para os riscos inerentes (PRATES, 2016).

Gráfico 35 - Grau de percepção (%) das famílias brasileiras em relação aos vetores de ameaça à segurança pública no território nacional, por região geográfica - 2011

Fonte: adaptado de Pesquisa IPEA, 2011.

Apesar disso, dadas as diferenças entre as bases de dados dos dois levantamentos - 4.000 famílias, coletados em 212 municípios brasileiros (INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA, 2011) - fica evidente que os dados do gráfico 30 refletem fundamentalmente a percepção do grupo amostral, sem base suficiente para estabelecer a comparação pretendida com os dados do IPEA. Representam, de todo modo, o comportamento descrito pela literatura.

De modo sintético, os dados anteriormente analisados sugerem que em São Paulo, por ocasião dos jogos olímpicos 2016, a ameaça terrorista foi percebida como um fenômeno predominantemente psicossocial, com uma forte componente política, que figurava dentre as principais ameaças à segurança pública e cujos impactos seriam em geral muito severos.

Na visão do grupo amostral o Brasil, assim como qualquer outro lugar do mundo, não estava imune a ataques terroristas e o fato de sediar um megaevento como as Olimpíadas poderia ter transformado o país em um palco do terrorismo internacional.

Dentro dos limites da pesquisa, os elementos que melhor definem o significado conceitual do terrorismo, à época, na percepção do grupo amostral são: *fanatismo e/ou extremismo religioso (85,57%); violência física e/ou psicológica (62,23%); intimidação, medo e incerteza (60,90%); objetivos políticos (55,37%); uso das redes sociais (53,22%); planejamento (51,79%); estratégia (50,77%); indivíduos isolados (45,04%); grupos não estatais (37,56%); propaganda (36,34%); vítimas aleatoriamente escolhidas (35,41%); clandestinidade (33,98%) e ação tática (17,60%).*

5.3. CONCEITO E PERCEPÇÃO : SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS

Os dados analisados até o momento dão conta de que, muito embora São Paulo - e o Brasil - não possuam um histórico de terrorismo e esteja distante geograficamente do epicentro do fenômeno (BRASIL, 2016), o grupo amostral possuía uma visão aparentemente acurada acerca desse tipo específico de ameaça.

Para visualizar graficamente os indicadores de percepção do grupo - e considerando a escassez de outros dados sobre percepção de ameaça terrorista no Brasil - foram utilizadas, apenas como uma referência, as frequências e percentuais obtidos no primeiro consenso acadêmico de Schmid (1984). Em se tratando de dados obtidos há três décadas passadas, seria pouco provável que retratassem a realidade atual mas, ainda que limitadas - no tempo, no espaço, no contexto - serviram como uma referência.

Dessa maneira, o estudo inicial do gráfico 36 evidencia alguns dados relevantes: Em primeiro lugar, três elementos figuram apenas na amostra. São eles ***fanatismo e/ou extremismo religioso, uso de redes sociais e ação de***

indivíduos isolados. Em segundo lugar, observa-se que a frequência do referencial é maior do que a da amostra em três outros elementos: **violência física e/ou psicológica, objetivos políticos e tática.** Em terceiro lugar, à exceção destes três últimos elementos, em todos os demais casos a frequência da amostra é superior à da referência.

Gráfico 36 - Elementos do terrorismo (%) em perspectiva comparada, segundo o referencial teórico e dados empíricos

Fonte: o autor, Pesquisa Percepção de Ameaça Terrorista - 2016

Com relação aos três elementos que figuram apenas na amostra, é válido registrar que embora todos tivessem amparo no referencial teórico - tal como apresentado na Tabela 10 (pág.70) - nenhum deles integrou a lista original de elementos de Schmid. Esse é um indício de que se trata de "novas características", surgidas, portanto, após 1984. De fato, **fanatismo e/ou extremismo religioso, uso de redes sociais e ação de indivíduos isolados** foram introduzidos com base em referenciais teóricos de Rapoport (2002), Crenshaw (2007) e Stepanova (2008), publicados duas décadas depois do consenso de Schmid e Jongman (1984).

Ao mesmo tempo, analisando-se apenas o aspecto **fanatismo e/ou extremismo religioso** fica evidente que não se trata apenas de mais um elemento, mas sim do principal elemento percebido pelo grupo amostral. Com uma frequência de **85,57%**, este quesito alcançou um índice ainda maior do que o elemento **violência física e/ou psicológica** que, por analogia, consta na listagem referencial com o índice de **83,50%**.

Assim sendo, o que esses números mostram é que de um total de 977 (novecentos e setenta e sete) profissionais do setor turismo do Estado de São Paulo que responderam à pergunta em tela, 836 (oitocentos e trinta e seis) identificaram o **fanatismo e/ou extremismo religioso** como um elemento característico do terrorismo, em 2016. Na década de 1980 - outro tempo, outro local, outro cenário - este elemento não constou da relação proposta pelos especialistas consultados por Alex Schmid.

Outrossim, o aspecto acima evidenciado encontra amparo na teoria de David Rapoport, segundo a qual o momento presente se insere na quarta onda do terrorismo moderno, caracterizado, sobretudo pelo extremismo religioso. Se em 1984 esse elemento não ressaltava aos olhos dos pesquisados tanto quanto hoje, resta intuitiva a ideia de que o **fanatismo e/ou extremismo religioso** vem se tornando, com o passar do tempo, um traço cada vez mais definido desse fenômeno.

Com relação ao **uso das redes sociais**, que também não figurava na lista de elementos de Schmid, tudo indica que esta é uma tendência irreversível, decorrente da própria evolução da ciência e da tecnologia a serviço da sociedade. Nesse sentido, os 53,22% dos participantes que identificaram aí um traço característico do terrorismo moderno, muito provavelmente o fizeram tomando como referência a grande quantidade de notícias que dão conta do uso, por terroristas, de

tecnologias cada vez mais sofisticadas em proveito de seus objetivos escusos.

O recrutamento de novos membros, o acompanhamento em tempo real de possíveis locais de ataque, o acesso a informações técnicas sobre armamentos, explosivos e agentes químicos, a comunicação remota, sigilosa, síncrona ou assíncrona, são apenas algumas das possibilidades criadas pela tecnologia atual a serviços das redes e que tornam a prevenção e o enfrentamento a este tipo de ameaça um desafio cada vez mais complexo (STEPANOVA, 2008).

A **ação de indivíduos isolados** é outro elemento que tampouco fazia parte do consenso acadêmico de Schmid. E nem poderia, uma vez que essa é uma tendência bastante recente, pouco comum nos anos 1980. Assim é que dos 977 profissionais de turismo participantes da pesquisa, 440 (45,04%) reconheceram aí um traço marcante – e ameaçador – do terrorismo contemporâneo. De fato nos últimos anos, essa foi uma tendência que aumentou exponencialmente, particularmente em função das novas arquiteturas do terrorismo e dos sucessivos ataques promovidos nos últimos tempos pelos chamados lobos solitários (CRENSHAW, 2007).

Observando-se agora a **violência física e/ou psicológica**, constata-se que o índice do referencial de Schmid (83,50%) é superior ao do grupo amostral (62,23%). Seriam necessárias novas investigações para apurar as razões que justificam o resultado. Intuitivamente, poder-se-iam apontar duas causas: a primeira, talvez o fato de haver, no histórico recente do país, o registro de ataques terroristas. O segundo, o provável contraste entre o terrorismo e a violência urbana – esta sim, reconhecida pelos brasileiros como fonte primária de violência e muitas vezes classificada, pela própria população, como terrorismo.

O uso do terrorismo para fins políticos é outro elemento no qual os números do referencial (65,0%) superam os da amostra (55,37%). Além da diferença em números absolutos, há uma diferença nas posições relativas: enquanto na tabela referencial os objetivos políticos eram percebidos como a segunda principal característica do terrorismo - atrás somente do uso da violência - no grupo amostral o caráter político do terrorismo figura em quarto lugar, sendo os três primeiros o medo, a violência e o extremismo. Essas diferenças sugerem que, sob a ótica do grupo amostral, o caráter político do fenômeno perdeu visibilidade diante do fanatismo e do impacto psicológico do terrorismo contemporâneo.

Entendido como a arte ou a técnica de manobrar tropas em um campo de

batalha a fim de garantir a máxima eficácia, o elemento **tática** também ganha relevo no consenso acadêmico de 1984 (30,50%) contra 17,60% do grupo amostral. Mais uma vez, seria necessária nova pesquisa para levantar as razões da diferença. É possível intuir que os atentados terroristas de três décadas atrás possuíam uma dimensão muito mais pontual e limitada no tempo e no espaço. Ao contrário, nos dias de hoje, o que se observa é a dimensão estratégica, muito mais ampla, do terrorismo contemporâneo. O atentado de novembro de 2015 em Paris, por exemplo, gerou reflexos sociais, políticos e econômicos que foram muito além das fronteiras da França.

Em todos os outros elementos considerados, os índices de percepção alcançados pelo grupo amostral de São Paulo foram maiores do que os do referencial teórico. Em ordem decrescente, **intimidação, medo e incerteza**, 60,90% do grupo amostral contra 51,0% do referencial; **planejamento**, 51,79% do grupo amostral versus 32,0%; **estratégia**, 50,77% da amostra contra 30,5% da referência; **propaganda**, 36,34% de São Paulo contra 21,5% do referencial; **aleatoriedade na escolha de vítimas**, 35,41% da amostra contra 17,5% da literatura; **ação de grupos não estatais**, 37,56% contra 14,0% da referência e **atividade clandestina**, 33,98% do grupo amostral versus 9,0% do referencial teórico.

Com base em todos os dados acima, é possível estabelecer uma medida de aproximação e/ou afastamento entre conceito (referencial) e percepção (amostra).

Tabela 11 - Diferenças (%) entre amostra e referência - 2016

elemento	percepção	conceito	diferença
fanatismo e/ou extremismo religioso	85,57%	0,00%	85,57%
uso das redes sociais	53,22%	0,00%	53,22%
ação de indivíduos isolados	45,04%	0,00%	45,04%
atividade clandestina	33,98%	9,00%	24,98%
ação de grupos não-estatais	37,56%	14,00%	23,56%
violência física e/ou psicológica	62,23%	83,50%	21,27%
estratégia	50,77%	30,50%	20,27%
planejamento	51,79%	32,00%	19,79%
aleatoriedade na escolha de vítimas	35,41%	17,50%	17,91%
propaganda	36,34%	21,50%	14,84%
tática	17,60%	30,50%	12,90%
intimidação, medo e incerteza	60,90%	51,00%	9,90%
objetivos políticos	55,37%	65,00%	9,63%

Fonte: o autor, Pesquisa Percepção de Ameaça Terrorista - 2016

A tabela 11 apresenta, na última coluna da direita, o módulo da diferença entre conceito e percepção.

Os elementos **fanatismo e/ou extremismo religioso (85,57%)**, **uso de redes sociais (53,22%)** e **ação de indivíduos isolados (45,04%)** são aqueles nos quais se observam as maiores distâncias entre amostra e referência. Isso se explica pelo fato de serem estes elementos novos, que não constavam na relação elaborada em 1984 por Schmid.

No outro extremo, os elementos **tática (12,90%)**, **intimidação, medo e incerteza (9,90%)** e **objetivos políticos (9,63%)** são aqueles nos quais se observam os menores afastamentos, vale dizer, são os elementos cujos índices apontam para uma convergência entre amostra e referência. Essa evidência pode ser interpretada como a manutenção desses elementos como traços característicos – perenes – do fenômeno em estudo.

Gráfico 37 - Diferença (%) entre elementos característicos do terrorismo, segundo os níveis conceitual e empírico - 2016

5.4. SENSIBILIZAÇÃO E MUDANÇAS DE PERCEPÇÃO

Para investigar os impactos do programa de sensibilização contra ameaça terrorista e de sua ação principal, o Estágio de Percepção de Ameaça Terrorista (EPAT), no âmbito do Comando de Defesa de Área São Paulo, foram analisados os dados constantes do capítulo anterior, com destaque para as tabela Nr 7 e 8, e os gráficos 19 a 33.

Analisando-se inicialmente os dados constantes da Tabela 8 e dos Gráficos 23 e 24, todos referentes à percepção de elementos do terrorismo por participantes do estágio EPAT, observa-se um significativo aumento nos indicadores pós-estágio. A Tabela 8 evidencia essa diferença nos índices de cada elemento, o que sugere um efeito incremental da ordem de 34,31% (média das diferenças) associado ao estágio.

Tabela 8 - Percepção (%) dos elementos característicos do terrorismo, segundo grupo amostral, antes e depois do EPAT - 2016

<i>Elementos (N=450)</i>	<i>antes_epat (f%)</i>	<i>após_epat (F%)</i>	<i>dif (F%)</i>
1 fanatismo e/ou extremismo religioso	65,33%	91,78%	26,45%
2 objetivos políticos	36,89%	69,11%	32,22%
3 violência física e/ou psicológica	22,22%	63,78%	41,56%
4 uso das redes sociais	17,56%	62,44%	44,88%
5 intimidação, medo e incerteza	16,67%	60,44%	43,77%
6 estratégia	15,33%	55,78%	40,45%
7 ação de indivíduos isolados	11,33%	54,67%	43,34%
8 planejamento	13,33%	48,67%	35,34%
9 propaganda	8,00%	41,56%	33,56%
10 aleatoriedade na escolha de vítimas	6,44%	38,89%	32,45%
11 ação de grupos não-estatais	11,56%	36,44%	24,88%
12 atividade clandestina	6,22%	31,33%	25,11%
13 tática	4,89%	26,89%	22,00%

Fonte: o autor, grupo amostral, Formulário tipo "A", item 10 - 2016.

O Gráfico 24, que apresenta em destaque as diferenças entre as percepções antes e depois do estágio, evidencia que todos os elementos apresentaram um aumento no nível de percepção, com destaque para os localizados mais próximos à origem do gráfico. Assim, elementos como o uso das redes sociais ou a ação de indivíduos isolados, que vinham sendo pouco percebidos, inverteram essa condição. Por outro lado, o elemento de maior apelo junto ao grupo amostral - o fanatismo e/ou

extremismo religioso - apresentou uma diferença de índices da ordem de 26,45%, portanto um incremento menor do que a média de 34,31%. Isso se explica a partir dos elevados índices iniciais de percepção, ou seja, no caso do fanatismo mencionado, o índice de percepção inicial era de 65,33% - o único, antes do estágio, superior a 50% - o que encontra suporte teórico na teoria das quatro ondas de Rapoport (2002).

Gráfico 24 - Taxa de variação (%) do grau de percepção dos elementos característicos do terrorismo pelo grupo amostral, antes e após EPAT - 2016

Fonte: o autor, grupo amostral, Formulário tipo "A", item 10 - 2016.

Alguns outros indicadores do impacto do estágio sobre a percepção de ameaça terrorista surgem a partir da análise integrada dos gráficos 24, 29, 30 e 32, todos referentes a uma amostra (N=87) composta por dois grupos distintos: 42,53% dos indivíduos haviam participado do EPAT e 57,47%, não (gráfico 25).

Gráfico 25 - Participação no EPAT (%), segundo concludentes da Pesquisa Percepção de Ameaças e Políticas Públicas - 2016

Fonte: o autor, grupo amostral, Formulário tipo "B" - 2016.

Analisando-se as respostas dos dois grupos, e considerando o gráfico 30, foi feita uma nova análise somente sobre a opção "terrorismo", apontada como a segunda maior ameaça percebida pelo grupo amostral, atrás somente de "violência urbana e crime organizado"(gráfico 31).

Gráfico 30 - Percepção (%) comparada de ameaças à segurança pública, segundo concludentes da Pesquisa Percepção de Ameaças e Políticas Públicas - 2016

Fonte: o autor, grupo amostral, Formulário tipo "B" - 2016.

Gráfico 31 - Percepção da posição da ameaça terrorista (%) no rol de ameaças à segurança pública, segundo a participação no EPAT - 2016

Fonte: o autor, grupo amostral, Formulário tipo "B" - 2016.

O resultado dessa segunda análise apontou que os integrantes do grupo que havia participado do EPAT atribuíram maior peso à ameaça terrorista do que o outro grupo, o que vai ao encontro dos argumentos de Cashman e Hughes (1999) e Taylor e Toohey (2003). De fato os índices atribuídos se concentraram em polos diametralmente opostos: para o grupo que concluiu o estágio a alternativa de maior frequência de respostas atribuiu ao terrorismo o 1º lugar dentre as ameaças. Para o outro grupo, o 4º lugar.

Gráfico 33 - Percepção dos impactos (%) do terrorismo, segundo concludentes da Pesquisa Percepção de Ameaças e Políticas Públicas, por participação no EPAT - 2016

Fonte: o autor, grupo amostral, Formulário tipo "B" - 2016.

Outro indicador pode ser encontrado no gráfico 33, cujos resultados categorizados evidenciam uma diferença nos índices relativos à percepção dos impactos causados pelo terrorismo. 69,44% dos concludentes do EPAT classificaram como muito severos os impactos provocados pelo terrorismo, contra apenas 47,83% do outro grupo, portanto uma diferença superior a 20%.

Gráfico 17 - Nível de importância atribuída ao EPAT (%) pelos concludentes do estágio - 2016

Fonte: o autor, concludentes do EPAT, Pesquisa de Opinião sobre o EPAT - 2016.

Gráfico 38 - Nível de autoconfiança (%) atingido pelos concludentes do EPAT - 2016

Fonte: o autor, concludentes do EPAT, Pesquisa de Opinião sobre o EPAT - 2016.

Ainda sobre o programa, os gráficos 17, 18, 28 e 29 trazem mais dados. Em pesquisa de opinião com 2.039 concludentes do estágio EPAT - todos pertencentes à categoria Atividades Características do Turismo - 87,8% classificaram a atividade como muito importante e 84,8% declararam-se autoconfiantes e capazes de perceber atitudes e/ou materiais suspeitos e colaborar com os agentes de segurança. De acordo com Prates (2016), este foi um dos aspectos relevantes na preparação para as Olimpíadas de Londres que contribuiu significativamente para a integração entre setores, serviços e agências, experiência que - a julgar pela avaliação do público participante - também se repetiu no caso brasileiro.

Gráfico 28 - Distribuição de frequência dos concludentes da Pesquisa Percepção de Ameaças e Políticas Públicas (%), segundo o grau de eficácia atribuído ao EPAT - 2016

Fonte: o autor, grupo amostral, Formulário tipo "B" - 2016.

Outro dado de destaque é o apresentado no gráfico 29, que se refere ao caráter permanente ou temporário de programas como o executado por ocasião das Olimpíadas. Do total de respondentes (N=84), 90,59% declararam ser favoráveis ao caráter permanente do programa, que deveria fazer parte do rol de políticas públicas de segurança do país, tal como no modelo inglês das Olimpíadas de Londres (PRATES, 2016). Observa-se ainda que tal posição é sustentada tanto por aqueles que participaram do EPAT, quanto pelos demais.

Gráfico 29 - Percepção da necessidade (%) do caráter permanente para políticas públicas de prevenção ao terrorismo - 2016

Fonte: o autor, grupo amostral, Formulário tipo "B" - 2016.

Encerrando esta análise cabem algumas considerações acerca de dois tópicos: a representatividade dos resultados alcançados e a comparação entre os dados indicadores da percepção do grupo amostral em relação ao referencial teórico.

À luz da Estatística, a população de referência para o presente estudo de caso são os profissionais alocados nas chamadas ACT (Atividades Características do Turismo) que, segundo dados oficiais do Observatório do Turismo e Eventos da Cidade de São Paulo¹⁴, somavam 99.090 (noventa e nove mil e noventa) em 2014.

Tabela 3 - Composição do universo de pesquisa - 2016.

Concludentes EPAT/SP		Formulários			
categorias	total	Tipo "A" impresso	Tipo "A" digital	Tipo "B" digital	total
setores segurança e defesa	1.554	160	208	66	434
setor turismo	2.680	450	564	95	1.109
turma-piloto	53	53	-	-	53
<i>total</i>	<i>4.287</i>	<i>663</i>	<i>772</i>	<i>161</i>	<i>1.596</i>

Fonte: o autor, Pesquisa Percepção de Ameaça Terrorista - 2016.

¹⁴ Disponível em: < www.observatoriodoturismo.com.br>. Acesso em: 14 out. 2016.

Aplicando-se a fórmula do cálculo amostral¹⁵ à população de referência, a um erro amostral de 5% (cinco por cento) e a um nível de confiança de 99% (noventa e nove por cento), alcançaríamos o resultado de 660 (seiscentos e sessenta) indivíduos, número equivalente ao tamanho mínimo da amostra a ser selecionada, o que estaria dentro do alcance dos números da pesquisa.

Entretanto, tal cálculo não se aplica a este estudo de caso pelo fato de que a amostra utilizada não é do tipo aleatória. Em outras palavras, nem todos os indivíduos que compõem a população de referência - 99.090 (noventa e nove mil e noventa) - tiveram a mesma chance de integrar a amostragem, o que inviabiliza a precisão de quaisquer inferências estatísticas sobre a cidade de São Paulo, o setor de turismo ou mesmo as ACT.

Na realidade, trata-se de uma amostra classificada como intencional (LEVIN, 2010), uma vez que foi selecionada não a partir da população total (99.090), mas tendo como base apenas o grupo de participantes do programa SAT que reuniu apenas 2.680 (dois mil seiscentos e oitenta) representantes. Sobre esse aspecto, o pesquisador não exerceu nenhum tipo de controle ou influência no que se refere à definição dos participantes do programa.

Contudo, tendo participado diretamente das atividades do programa, o pesquisador não pode se furtar ao registro de que, mesmo diante da limitação imposta pela norma estatística, os números apresentados reproduzem, em grande medida, a percepção experimentada ao longo dos seis meses de trabalho, nos mais diversos lugares da capital paulista. Servem, sob o olhar do autor, como indícios válidos, sobretudo considerando-se o tamanho da amostra (1.109) e a diversidade de sua composição.

Outro aspecto a ser considerado é a tendência à comparação entre os dados levantados no grupo amostral com aqueles que representam o referencial teórico. Por uma série de fatores diferenciais no tocante às pesquisas em si, tal comparação é inviável.

Primeiro, há que se considerar que o que aqui está sendo chamado de referencial teórico é na verdade um constructo¹⁶ da presente pesquisa que, ainda que baseado nos trabalhos de Schmid, Rapoport, Crenshaw, Hoffman e Stepanova

¹⁵ Disponível em: < <http://www.publicacoesdeturismo.com.br/calculoamostral/>>. Acesso em: 14 out. 2016.

¹⁶ Refere-se à Tabela 10 - Definição de elementos conceituais do terrorismo, a partir dos referenciais teóricos de Schmid, Rapoport, Crenshaw, Hoffman e Stepanova - 2016, p.69.

apresenta - o constructo - particularidades decorrentes de sua própria construção. Inicialmente, há que se considerar que a tabela do primeiro consenso acadêmico, de 1984, era formada por 22 (vinte e dois) elementos - não 13 (treze), como foi o caso da tabela elaborada para esta pesquisa e proposta para o grupo amostral. Em consequência, os elementos, as frequências e os percentuais extraídos daquela fonte - primeiro consenso de 1984 - foram agrupados em 13 (treze) subgrupos que, por sua vez, deram origem aos 13 (treze) elementos conceituais do terrorismo trabalhados na presente pesquisa.

Os fatores tempo e espaço são aspectos igualmente relevantes para a análise dos resultados alcançados. Os elementos característicos do terrorismo elencados na pesquisa classificados como referencial teórico ou resultado amostral são resultantes de análises distintas em momentos e lugares absolutamente distintos.

Os métodos de pesquisa não são iguais entre si e, por extensão, alguns fatores como problema, protocolo de pesquisa, participantes e instrumentos são diferentes também.

Outros aspectos diferenciadores do produto obtido no presente estudo de caso em relação às pesquisas utilizadas no referencial poderiam ser elencados, tais como os recursos informacionais utilizados ou os contextos políticos e socioeconômicos, para citar alguns.

Em síntese, referencial teórico e dados empíricos compõem dois quadros absolutamente distintos, separados no tempo, no espaço e no método. Uma vez que adotam fatores distintos, a comparação entre ambos se limita a aspectos qualitativos.

Contudo, a comparação entre os dados empíricos coletados antes e depois do estágio de percepção¹⁷ - que adotam os mesmos fatores - é absolutamente válida, não apenas sob o aspecto qualitativo, mas também quantitativo.

De fato, a comparação entre percepção inicial e percepção final em relação ao estágio considerado é, sem dúvida, uma das contribuições relevantes do presente trabalho. Tal conhecimento pode abrir caminho para novas pesquisas.

¹⁷ Refere-se à Gráfico 24 - Taxa de variação (%) do grau de percepção dos elementos característicos do terrorismo pelo grupo amostral, antes e após EPAT - 2016, p.69.

6. CONCLUSÃO

O estudo da percepção de ameaça terrorista em São Paulo durante os jogos olímpicos 2016, objeto desta pesquisa, foi um trabalho desenvolvido ao longo de seis meses, cujos passos foram cuidadosamente planejados e executados de acordo com o protocolo do estudo de caso.

Os objetivos que nortearam a pesquisa foram basicamente dois: em primeiro lugar, saber qual era a percepção da população de São Paulo sobre o tema ameaça terrorista, notadamente em um momento em que o país se preparava para realizar o maior evento desportivo do planeta, com a participação direta de São Paulo, que recebeu inúmeras delegações desportivas, representações diplomáticas e milhares de turistas do mundo todo. Isso sem mencionar os turistas nacionais e os 12 milhões de cidadãos paulistanos, cuja rotina foi direta ou indiretamente afetada pelos jogos. Em segundo lugar, diante do evento único, investigar de que modo o programa do governo sobre prevenção ao terrorismo seria acolhido pela população e que ganhos efetivos traria para o esforço de segurança na cidade de São Paulo.

Em São Paulo, 4.287 (quatro mil duzentos e oitenta e sete) profissionais dos setores de segurança, defesa e turismo concluíram o estágio de percepção de ameaça terrorista, dentre os quais 2.680 (dois mil seiscentos e oitenta) provenientes de áreas ligadas ao turismo da cidade de São Paulo. Desses 2.680 (dois mil seiscentos e oitenta), 1.109 (um mil cento e nove) participaram da pesquisa, realizada no período de fevereiro a julho de 2016. A amostra contemplou ampla gama de perfis, especialmente no que se refere à faixa etária, ao sexo, à religião e ao nível de escolaridade. Dentro dessas categorias, os estratos com maior frequência foram a faixa etária de 35 a 44 anos (26,24%), o sexo masculino (66,31%), a religião católica (32,09%) e o ensino superior (82,44%).

Com relação ao estágio de percepção de ameaça terrorista, a atividade foi muito bem acolhida pelo grupo amostral e trouxe resultados expressivos. Testes realizados com 450 (quatrocentos e cinquenta) participantes evidenciaram um aumento na percepção da ordem de 34,31% (trinta e quatro vírgula trinta e um por cento), o que pode ser considerado um indicador da efetividade do treinamento.

Além disso, em pesquisa de opinião que contou com a participação de 2.039 (dois mil e trinta e nove) respondentes, 87,8% (oitenta e sete por cento)

classificaram a atividade como muito importante e 84,8% (oitenta e quatro vírgula oito por cento) declararam-se autoconfiantes e capazes de por em prática os ensinamentos transmitidos durante a atividade. A adoção de um programa permanente voltado para a prevenção de ameaças terroristas foi defendida por 90,59% (noventa vírgula cinquenta e nove por cento) dos participantes.

Quanto ao conceito de terrorismo - essencial para esta pesquisa - optou-se por trabalhar com elementos definidores que - ainda que não adotados universalmente - têm o reconhecimento do *mainstream* acadêmico. Assim, com base na leitura de Schmid, Rapoport, Crenshaw, Hoffman e Stepanova foram elencados 13 (treze) elementos que caracterizam o fenômeno na visão dos especialistas.

Alinhados com essa visão, os resultados apresentados neste estudo sugerem que durante as Olimpíadas de 2016, em São Paulo - que recebeu grande número de delegações internacionais durante os jogos olímpicos - prevaleceu a percepção de que o terrorismo é um fenômeno eminentemente psicossocial (79,76%) e com forte componente político (54,76%). Mais do que isso, o terrorismo figura - na visão dos participantes - dentre as principais ameaças, com impactos severos ou muito severos (71,09%), ainda que o crime organizado continue sendo a principal ameaça percebida contra a segurança.

Além disso, restou pacificado o entendimento de que o Brasil, tanto quanto qualquer lugar do mundo (70,18%), não estava imune de atentados (94,34%) e o fato de sediar um megaevento como as Olimpíadas (58,42%) poderia ter transformado o país em um palco do terrorismo internacional.

Dentro dos limites da pesquisa, os elementos que definem o significado conceitual do terrorismo, na percepção do grupo amostral são: *fanatismo e/ou extremismo religioso* (85,57%); *violência física e/ou psicológica* (62,23%); *intimidação, medo e incerteza* (60,90%); *objetivos políticos* (55,37%); *uso das redes sociais* (53,22%); *planejamento* (51,79%); *estratégia* (50,77%); *indivíduos isolados* (45,04%); *grupos não estatais* (37,56%); *propaganda* (36,34%); *vítimas aleatoriamente escolhidas* (35,41%); *clandestinidade* (33,98%) e *ação tática* (17,60%).

Apesar dos números apresentados, limitações na composição do grupo amostral - alheias ao controle desta pesquisa - dificultam a sustentação de inferências estatísticas a partir dos resultados alcançados.

Portanto, de modo resumido, as evidências colhidas junto ao grupo amostral

dão conta de que prevaleceu a noção de que o Brasil não estava imune de atentados terroristas (94,34%), principalmente devido ao fato de sediar as olimpíadas (58,42%). Ao mesmo tempo, restava a noção de que ataques dessa natureza poderiam ocorrer em qualquer parte do mundo (70,18%), causando severos impactos (71,09%).

A adoção de um programa permanente voltado para a prevenção de ameaças terroristas contava - à época da pesquisa - com ampla adesão do público (90,59%). Os resultados do estágio de percepção de ameaça terrorista evidenciaram o reconhecimento público de sua importância (87,8%) e sua eficácia tanto no campo cognitivo quanto no domínio afetivo (84,8%).

Por fim, complementando todos os dados anteriormente mencionados e como estímulo ao debate e a novas pesquisas, formulou-se a síntese a seguir, com base na percepção dos 1.109 (um mil cento e nove) participantes da presente pesquisa. Para os integrantes do setor de turismo da cidade de São Paulo, durante os Jogos Olímpicos 2016, o conceito de terrorismo resultante da percepção do fenômeno pode ser sintetizado:

Violência física e/ou psicológica (62,23%) motivada por objetivos políticos (55,37%), fanatismo e/ou extremismo religioso (85,57%), com o propósito de causar intimidação, medo e incerteza (60,90%) em vítimas aleatoriamente escolhidas (35,41%) por indivíduos isolados (45,04%) e/ou grupos não estatais (37,56%), no curso de uma ação tática (17,60%). O uso das redes sociais (53,22%) favorece a clandestinidade (33,98%), serve como plataforma de propaganda (36,34%) e está no centro do planejamento (51,79%) e da estratégia (50,77%) do terrorismo contemporâneo.

REFERÊNCIAS¹⁸

AGÊNCIA BRASILEIRA DE INTELIGÊNCIA (Brasil). **ABIN conclui 63 avaliações de riscos previstas para a Rio 2016**. Brasília, DF, 15 jul. 2016. Disponível em: <<http://www.abin.gov.br/abin-conclui-as-63-avaliacoes-de-riscos-previstas-para-a-rio-2016/>>. Acesso em: 15 jul. 2016.

AMBROS, C. C. **Ambiente Estratégico, Percepção de Ameaça e Desenho Institucional nos Sistemas de Inteligência**: Rede Nomológica e o Caso Brasileiro. In: SEMINÁRIO BRASILEIRO DE ESTUDOS ESTRATÉGICOS INTERNACIONAIS, 2012. Porto Alegre. Anais... Porto Alegre: SEBREEI, 2012, p.40-66.

ARQUILA, J.; RONFELDT, D. **The Advent of Netwar**. In: _____. Networks and Netwars: The Future of Terror, Crime, and Militancy. Santa Monica, CA: RAND, 2001.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **ABNT Catálogo**. Rio de Janeiro, 2015.

_____. **NBR 10520**: informação e documentação: citações em documentos: apresentação. Rio de Janeiro, 2002.

_____. **NBR 12225**: informação e documentação: lombada: apresentação. Rio de Janeiro, 2004.

_____. **NBR 14724**: informação e documentação: trabalhos acadêmicos: apresentação. Rio de Janeiro, 2011.

_____. **NBR 6023**: informação e documentação: referências: elaboração. Rio de Janeiro, 2002.

_____. **NBR 6024**: informação e documentação: numeração progressiva das seções de um documento. Rio de Janeiro, 2012.

_____. **NBR 6027**: informação e documentação: sumário: apresentação. Rio de Janeiro, 2012.

_____. **NBR 6028**: informação e documentação: resumo: apresentação. Rio de Janeiro, 2003.

ATKINSON, M.; YOUNG, K. Terror Games: media treatment of security issues at the 2002 Winter Olympic Games. **Olympika: The International Journal of Olympic Studies**, v.11, p.53-78, 2002.

BAKKER, E.; DE GRAAF, B. Preventing Lone Wolf Terrorism: some CT Approaches Addressed. **Perspectives on Terrorism**, v.5, n.5-6, 2011.

¹⁸ De acordo com a ABNT NBR 6023 2002.

BENBASAT, I.; GOLDSTEIN, D. K.; MEAD, M. The case research strategy in studies of information systems. **MIS Quarterly**, v.11, n.3, p.369-386, 1987.

BIRKE, S. How ISIS Rules. **The New York Review of Books**, February 5, 2015. Disponível em: <<http://www.nybooks.com/articles/2015/02/05/how-isis-rules/?pagination=false&printpage=true>> Acesso em: 12 mar. 2016.

BLOOM, M. Was the Nice attacker really an IS "lone wolf"? **The Conversation**, July, 17, 2016. Disponível em: <<http://theconversation.com/was-the-nice-attacker-really-an-is-lone-wolf-62585>> Acesso em: 18 ago. 2016.

BOO, S.; GU, H. Risk Perception of Mega-events. **Journal of Sport & Tourism**, v.15, 2010.

BONFIM, C.; MATOSO, F. PF prende 10 pessoas suspeitas de ligação com terrorismo. **G1 Globo.com**, Brasília, DF: 21 jul. 2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/politica/noticia/2016/07/ministro-da-justica-anuncia-acoes-antiterror-15-dias-da-olimpiada.html>>. Acesso em 21 jul. 2016.

BONIN, R.; GONÇALVES, E. Terrorismo à brasileira: Entre lobos e ratos. **Veja**, São Paulo, edição 2488, ano 49, n.30, p.78-83, 27 julho 2016.

BONOMA, T. V. Case research in marketing: opportunities problems, and a process. **Journal of Marketing Research**, v.22, n.2, p.199-208, 1985.

BOOTH, K.; WHEELER, J. **The Security Dilemma: Fear, Cooperation and Trust in World Politics**. Macmillan Education UK, 2007.

BOWDITCH, J. L.; BUONO, A. F. **Elementos de comportamento organizacional**. São Paulo: Pioneira, 1992.

BRANDALISE, L. T.; BERTOLINI, G. R. F. Instrumentos de medição de percepção e comportamento - uma revisão. **Rev. Ciênc. Empres. UNIPAR**, Umuarama, v.14, n.1, p.7-34, jan./jun. 2013.

BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado, 1988.

_____.Ministério da Defesa. Portaria Normativa nº 9/GAP/MD, de 13 de janeiro de 2016. **Aprova o Glossário das Forças Armadas** – MD35-G-01, 2015.

_____.Decreto nº 3.976, de 18 de outubro de 2001. Dispõe sobre a execução, no Território Nacional, da Resolução nº 1.373 do Conselho de Segurança das Nações Unidas. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 19 out. 2001.

_____.Decreto nº 8.793, de 29 de junho de 2016. Fixa a Política Nacional de Inteligência. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 30 jun. 2016.

_____.Lei nº 7.170, de 14 de dezembro de 1983. Define os crimes contra a segurança nacional, a ordem política e social, estabelece seu processo e julgamento e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 15 dez. 1983.

_____.Lei nº 8.072, de 25 de julho de 1990. Dispõe sobre os crimes hediondos, nos termos do art. 5º, inciso XLIII, da Constituição Federal, e determina outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 26 jul. 1990.

_____.Lei nº 12.035, de 1º de outubro de 2009. Institui o Ato Olímpico no âmbito da Administração Pública Federal. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 1º out. 2009.

_____.Lei nº 12.850, de 2 de agosto de 2013. Define organização criminosa e dispõe sobre a investigação criminal, os meios de obtenção da prova, infrações penais correlatas e o procedimento criminal; altera o Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 (Código Penal); revoga a Lei nº 9.034, de 3 de maio de 1995; e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 5 ago.2013. Edição extra.

_____.Lei nº 13.260, de 16 de março de 2016. Regulamenta o disposto no inciso XLIII do art. 5º da Constituição Federal, disciplinando o terrorismo, tratando de disposições investigatórias e processuais e reformulando o conceito de organização terrorista; e altera as Leis nºs 7.960, de 21 de dezembro de 1989, e 12.850, de 2 de agosto de 2013. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 17 mar. 2016. Seção 1, p. 1.

_____.Portaria Interministerial nº 1.678, de 30 de setembro de 2015. Aprova o Plano Estratégico de Segurança Integrada para os Jogos Olímpicos e Paralímpicos Rio 2016. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 09 out. 2015.

BRUCE, G. Definition of Terrorism: Social and Political Effects. **Journal of Military and Veterans' Health**, v.21, n.2, May 2013.

BUZAN, B. **Regions and powers**: the structure of international security. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

_____.; HANSEN, L. **A evolução dos estudos de segurança internacional**. São Paulo: Editora Unesp, 2012.

CASHMAN, R; HUGHES, A. **Staging the Olympics**: the events and its impacts. Sydney: UNSW, 1999.

CENTRO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DO EXÉRCITO. 2º Batalhão de Engenharia de Combate recebe sistema de desativação de artefatos explosivos. **Noticiário do Exército**, Pindamonhangaba, 18 maio 2016.

_____.A Atuação do Exército Brasileiro na Copa do Mundo FIFA Brasil 2014. **Revista Verde-Oliva**, Brasília-DF, n.226, dez. 2014.

_____.CDA São Paulo simula ação terrorista na Arena Corinthians. **Noticiário do Exército**, São Paulo, 28 jul. 2016.

_____.Centro de Coordenação de Defesa de Área monitora jogos de futebol em São Paulo. **Noticiário do Exército**, São Paulo, 08 ago. 2016.

_____.Comando de Defesa de Área de São Paulo realiza apronto operacional para os Jogos 2016. **Noticiário do Exército**, São Paulo, 20 jul. 2016.

_____.Comando de Defesa de Área de São Paulo realiza primeira reunião do Estado-Maior Conjunto. **Noticiário do Exército**, São Paulo, 23 maio 2016.

_____.Comando de Defesa de Área encerra atividades em São Paulo. **Noticiário do Exército**, São Paulo, 20 ago. 2016.

_____.Comando de Defesa de Área realiza simulação de ação terrorista em estação de metrô de São Paulo. **Noticiário do Exército**, São Paulo, 26 jul. 2016.

_____.Exército ministra Estágio de Sensibilização de Ameaça Terrorista em Santuário de Aparecida. **Noticiário do Exército**, São Paulo, 13 jun. 2016.

_____.O Exército Brasileiro nos 5º Jogos Mundiais Militares. **Revista Verde-Oliva**, Brasília-DF, n.213, dez. 2011.

_____.Oficiais do Exército ministram Estágio de Sensibilização de Ameaça Terrorista em Santos. **Noticiário do Exército**, São Paulo, 02 jun. 2016.

_____.Segurança e Defesa nos Jogos Olímpicos e Paralímpicos. **Revista Verde-Oliva**, Brasília-DF, n.235, dez. 2016.

_____.Tropas do Exército estão de prontidão em São Paulo. **Noticiário do Exército**, São Paulo, 12 ago. 2016.

CEPALUNI, G. Coalizões Internacionais: Revisão da Literatura e Proposta para uma Agenda de Pesquisa. **BIB**, São Paulo, n.69, p.5-22, 1º semestre de 2010.

COHEN, R. **Threat Perception in International Crisis**. Madison: University of Wisconsin Press, 1979.

COMER, J. S. et al. Media Use and Children's Perceptions of Societal Threat and Personal Vulnerability. **Journal of Clinical Child & Adolescent Psychology**, New York, v.37, n.3, p.622-630, 2008.

COMITÊ ORGANIZADOR DOS JOGOS RIO-2016. **São Paulo se prepara para receber as delegações dos Jogos Olímpicos**. Disponível em: <<http://www.saopaulo.sp.gov.br/spnoticias/ultimas-noticias/sp-e-oficializada-como-uma-das-sedes-do-futebol-nas-olimpiadas-2016>>. Acesso em: 14 out. 2016.

_____.**Seis cidades são confirmadas como sede do futebol olímpico**. Disponível em: <<http://www.saopaulo.sp.gov.br/spnoticias/ultimas-noticias/sp-e-oficializada-como-uma-das-sedes-do-futebol-nas-olimpiadas-2016>>. Acesso em: 14 out. 2016.

_____. **Rio-2016 aprova 172 instalações para aclimação de delegações.**

Disponível em: <<http://www.saopaulo.sp.gov.br/spnoticias/ultimas-noticias/sp-e-oficializada-como-uma-das-sedes-do-futebol-nas-olimpiadas-2016>>. Acesso em: 14 out. 2016.

CONDE, P. R. Potências vão se instalar em quatro clubes paulistanos antes da Rio-2016. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 31 jan. 2016. Disponível em:

<<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/olimpiada-no-rio/2016/01/1735443-potencias-vao-se-instalar-em-quatro-clubes-paulistanos-antes-da-rio-2016.shtml>>. Acesso em: 1º fev. 2016.

CONSELHO DA EUROPA. **Council of Europe Convention on the Prevention of Terrorism**, 2005, Varsóvia. Disponível em:

<<http://www.coe.int/en/web/conventions/search-on-treaties/-/conventions/treaty/196>> Acesso em: 11 mar. 2016.

COSHALL, J. T. The threat of terrorism as an intervention of international travel flows. **Journal of Travel Research**, v.42, n.1, p.4-12, 2003.

COUTINHO, L. A Rede: O Terror finca bases no Brasil. **Veja**, São Paulo, edição 2211, ano 44, n.14, p.89-96, 6 abril 2011.

CRENSHAW, M. Explaining suicide terrorism: A review essay. **Security Studies**, California, v. 16, n.1, p.133-162, jan./mar. 2007.

_____. **Explaining Terrorism: Causes, Processes, and Consequences**. New York: Routledge, 2010.

_____. **Terrorism in Context**. University Park, Pennsylvania: Penn State University Press, 1995.

_____. **The Logic of Terrorism: Terrorist Behaviour as a Product of Strategic Choice**. In: REICH, W. **Origins of Terrorism: Psychologies, Ideologies, Theologies, States of Mind**. Washington D.C.: Woodrow Wilson Center Press, 1990.

_____.;LAFREE, G. **Countering Terrorism: No simple solutions**. Washington D.C.: Brookings Institution Press, 2017.

DALMORO, M.; VIEIRA, K. M. Dilemas na construção de escalas tipo Likert: o número de itens e a disposição influenciam nos resultados? **Revista Gestão Organizacional**, v.6, Edição Especial, 2013.

DE LIMA, F. C. L. O Centro de Coordenação Tático Integrado de Curitiba - Copa do Mundo FIFA 2014: Um modelo de operação interagências. **Revista do Exército Brasileiro**, Rio de Janeiro, v.151, p.33-45, 2015.

DEMANT, P. **O mundo muçulmano**. São Paulo: Contexto, 2015.

DIAS, A. M. **Metamorfose do Terrorismo**. Coleção Meira Mattos, Rio de Janeiro, v. 9, n. 36, p. 733-743, set./dez. 2015.

DUNN, E.W.; MOORE, M.; NOSEK, B. A. The War of the Words: How Linguistics Differences in Reporting Shape Perceptions of Terrorism. **Analyses of Social Issues and Public Policy**, v. 5, n. 1, p. 67-86, 2005.

DUARTE, J. (Org.) et al. **Comunicação Pública**: Estado, Mercado, Sociedade e Interesse Público. São Paulo: Atlas, 2012.

EBRAHIM, Z. **O filho do terrorista: a história de uma escolha**. Tradução Renato Marques de Oliveira. São Paulo: Alaúde Editorial, 2015.

EISENHARDT, K. M. Building theories from case study research. **Academy of Management**, v.14, n. 4, p.532-550, 1989.

ENGERER, H. Security as a Public, Private or Club Good: Some Fundamental Considerations. **Defence and Peace Economics**. 2011. Disponível em: <<http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/10242694.2011.542333>>. Acesso em: 14 out. 2016.

FARBER, D. **What They Think of Us**: International Perceptions of the United States since 9/11. New Jersey: Princeton University Press, 2007.

FIGUEIREDO, R. CERVellini, S. Contribuições para o conceito de opinião pública. **Revista Opinião Pública**, Campinas, v.3, n.3, p112-119, 1995.

FONSECA, A. C.; TEIXEIRA, D.; CARVALHO, J. Qual Islã? **Veja**, São Paulo, edição 2216, ano 44, n.19, p.100-111, 11 maio 2011.

FRATTINI, E. **Mossad - Os carrascos do Kidon**. A Hist[oria do Temível Grupo de Operações Especiais de Israel. São Paulo: Seoman, 2008.

GADARIAN, S. K. **The Politics of Threat**: How Terrorism News Shapes Foreign Policy Attitudes. *The Journal of Politics*, California, v.72, n.2, p.469-483, 2010.

GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, J. C.(Org.); SCHAFFEL, S. L.; DURAN, D. **Ciências Militares em Foco**. Rio de Janeiro, RJ: CEP, 2010.

GONÇALVES, J. B.; REIS, M. V. **Terrorismo**: Conhecimento e Combate. Niterói, RJ: Impetus, 2017.

GOODWILL, A. et al. The Impact of Outcome Knowledge, Role, and Quality of Information on the Perceived Legitimacy of Lethal Force Decisions in Counter-Terrorism Operations. **Behavioral Sciences and the Law**, v. 28, n. 1, p. 337 - 350, 2010.

GOODWIN, R.; WILSON, M.; GAINES Jr., S. Terror threat perception and its consequences in contemporary Britain. **British Journal of Psychology**. n.96, p.389-406, 2005.

GROOT, O. J.; DRAKOS, K.; MÜLLER, C. How Rational is the Response of Individuals to the Threat of Terrorism in Europe? European Security Economics. **EUSECON Policy Briefing**, n.9, Berlin, 2011.

GUEST, G. BUNCE, A. JOHNSON, L. How many Interviews Are Enough? An Experiment with Data Saturation and Variability. **Field Methods**, v.18, n.1, p.59-82, 2006.

GUNTHER, H. Como Elaborar um Questionário. **Série: Planejamento de Pesquisa nas Ciências Sociais**. Brasília, DF: UnB, Laboratório de Psicologia Ambiental, n.1, 2003.

GUTTMANN, A. **The Olympics**: A History of the Modern Games. Champaign: University of Illinois Press, 2002.

HAY, A. (Ed.) **Brazil probes Olympics threats after group backs Islamic State**. Reuters, 2016. Disponível em: <<http://www.reuters.com/article/us-olympics-rio-islamic-state-idUSKCN0ZZ2V6>>. Acesso em: 21 jul. 2016.

HEILBRUN, K. et al. Risk Communication of Terrorist Acts, Natural Disasters, and Criminal Violence: Comparing the Processes of Understanding and Responding. **Behav. Sci. Law**, Philadelphia, n.28, p.717-729, 2010.

HOFFMAN, B. Al Qaeda, Trends in Terrorism and Future Potentialities: An Assessment. **Rand Corporation**, 2003. Disponível em: <<https://www.rand.org/pubs/papers/P8078.html>>. Acesso em: 14 fev. 2016.

_____. **Inside Terrorism**. New York: Columbia University Press, 1999.

_____. The Myth of Grass-Roots Terrorism: Why Osama Bin Laden Still Matters. **Foreign Affairs**, Florida, v. 87, n. 3, p.37-48, may/jun. 2008.

HOLMAN, T. 'Gonna Get Myself Connected': The Role of Facilitation in Foreign Fighter Mobilizations. **Perspectives on Terrorism Journal**, v. 10, n. 2, p. 23, 2016.

HOMER-DIXON, T. **The Rise of Complex Terrorism**. Foreign Policy, jan-feb. 2002.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Sistema de Indicadores de Percepção Social (SIPS): Defesa Nacional**. Brasília: Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República: IPEA, 2011. Disponível em: <<https://goo.gl/3YH88B>>. Acesso em: 14 out. 2016.

JENKIN, C. M. Risk Perception and Terrorism: Applying the Psychometric Paradigm. **Homeland Security Affairs Journal**, Washington D.C. v. 2, n. 2, p. 2-14, 2006. Disponível em: <<https://www.hsaj.org/articles/169>>. Acesso em: 28 jun. 2016.

JENKINS, B. **The study of terrorism**: definitional problems. Santa Monica, CA: The Rand Paper Series, 1980.

JORGE, Bernardo W. G. de A. Visões Acadêmicas sobre o Fenômeno do Terrorismo. In: PAINEL DE DEFESA, 6., 2016, São Paulo. **VI Painele de Defesa**. Comando Militar do Sudeste, 2016. Disponível em: <http://www.eb.mil.br/noticias/-/asset_publisher/jWOqZAEImyZg/content/comando-militar-do-sudeste-vi-painel-sobre-defesa/11425?inheritRedirect=false>. Acesso em: 27 jun. 2016.

KAPLAN, J. **Terrorist Groups and the New Tribalism: Terrorism's Fifth Wave**. New York: Routledge, 2010.

_____. **The New / Old Terrorism**. Phi Kappa Phi Forum, Los Angeles, v.91, n.3, p. 4-6, fall 2011.

KEOHANE, R. O. **The Globalization of Informal Violence, Theories of World Politics, and the "Liberalism & Fear"**. International Organization, 2002.

_____; WALLANDER, C. A. **Risk, Threat, and Security Institutions**. In: KEOHANE, R. O. **Power and Governance in a Partially Globalized World**. London and New York: Routledge, 2002.

KHALIL, L. Managing Public Perception of the Terrorism Threat. **The New York Times**. New York, 16 apr. 2014. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/roomfordebate/2014/04/16/living-in-the-grip-of-vigilance/managing-public-perception-of-the-terrorist-threat>>. Acesso em: 12 fev. 2016.

KNOFF, J. W. Doing a Literature Review. **Political Science & Politics**, v.39, n.1, January 2006. Disponível em:<https://my.nps.edu/documents/104100049/104162922/Doing_a_Literature_Review.pdf/8e356cb7-8320-4d82-8d29-11c85cc7c6ad>. Acesso em: 21 nov. 2016.

LAFREE, G. Using Open Source Data to Counter Common Myths about Terrorism. In: FORST, B.; GREENE, J.; LYNCH, J. **Criminologists on Terrorism and Homeland Security**. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

LAQUEUR, W. **Terrorism**. Boston: Little Brown, 1977.

_____. **The New Terrorism**. Oxford: Oxford University Press, 1999.

LEI, H. **Olympic budget raised to \$ 2 billion**. 2007. Disponível em:<http://www.chinadaily.com.cn/bizchina/2007-10/19/content_6191737.htm> Acesso em 14 de out. 2016.

LEPP, A.; GIBSON, H. Sensation seeking and tourism: Tourist role, perception of risk and destination choice. **Tourism Management**, v.29, n.4, p.740-750, 2008.

LEWIS, B. **A crise do Islã: Guerra Santa e Terror Profano**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2004.

LYNN II, J. A. Os Objetivos Terroristas de Medo e Indignação. **Military Review**, Kansas, v.68, n.5, p.2-13, sep./oct. 2013.

MACHADO, R. L. O Século XXI e as Novas Percepções de Ameaças à Segurança. **Revista da Escola de Guerra Naval**, Rio de Janeiro, 2008.

MARTINS, M. A. Rio inicia hoje a sua maior ação militar em grandes eventos. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 24 jul. 2016. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/esporte/olimpiada-no-rio/2016/07/1794738-rio-inicia-hoje-a-sua-maior-acao-militar-em-grandes-eventos.shtml>>. Acesso em: 24 jul. 2016.

MARTINS, G. A.; THEÓPHILO, C. R. **Metodologia da Investigação Científica para Ciências Sociais Aplicadas**. São Paulo: Atlas, 2007.

MESQUITA, B. B. **Principles of International Politics: People's Power, Preferences, and Perceptions**. California: CQ Press, 2014.

_____. **Terrorism and Counterterrorism**. In: Carlsnaes, W.; Risse, T.; Simmons, B. A. (Ed.) *Handbook of International Relations*. SAGE, p.635-655, 2012.

_____.; GIDDINGS, T. Terrorism and the Olympics. **National Consortium for the Study of Terrorism and Responses to Terrorism**, 2012. Disponível em: <http://www.start.umd.edu/start/publications/br/TerrorismAndOlympics.pdf>>. Acesso em: 11 fev. 2016.

MINISTÉRIO DA DEFESA (Brasil). **A ação da Defesa nos Jogos Olímpicos e Paralímpicos**: Ordem do Dia do Ministro de Estado da Defesa, Raul Jungmann, por ocasião do encerramento dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos Rio 2016. Brasília, DF, 20 set. 2016.

_____. **Forças Armadas manterão efetivo nos Jogos Paralímpicos no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, 22 ago. 2016. Disponível em: <http://www.defesa.gov.br/noticias/23714-forcas-armadas-manterao-efetivo-nos-jogos-paralimpicos-no-rio-de-janeiro>>. Acesso em: 22 ago. 2016.

_____. **Ministério da Defesa, Ministério da Justiça e Agência Brasileira de Inteligência iniciam ações de sensibilização da população contra ameaças terroristas**. Brasília, DF, 18 fev. 2016. Disponível em: <http://www.defesa.gov.br/noticias/18299-rio-2016-defesa-justica-e-abin-iniciam-acoes-de-sensibilizacao-da-populacao-contras-ameacas-terroristas>>. Acesso em: 18 fev. 2016.

_____. **Rio 2016: Defesa realiza campanha educativa para sensibilizar população sobre possíveis ameaças terroristas**. Brasília, DF, 28 jun. 2016. Disponível em: <http://www.defesa.gov.br/noticias/22120-rio-2016-defesa-realiza-campanha>>. Acesso em: 28 jun. 2016.

_____. **Rio 2016: Exercício vai simular ações de defesa química, biológica, radiológica e nuclear**. Brasília, DF, 10 mar. 2016. Disponível em: <http://www.defesa.gov.br/noticias/18823-rio-2016-exercicio-vai-simular-acoes-de-defesa-quimica-biologica-radiologica-e-nuclear>>. Acesso em: 10 mar.2016.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA (Brasil). **Cooperação internacional é destaque na segurança da Olimpíada**. Brasília, DF, 29 jun. 2016. Disponível em: <<http://www.justica.gov.br/noticias/cooperacao-internacional-e-destaque-na-seguranca-da-olimpiada>>. Acesso em: 29 jun. 2016.

_____. Portaria Interministerial nº 1.678, de 30 de setembro de 2015. Aprova o Plano Estratégico de Segurança Integrada para os Jogos Olímpicos e Paralímpicos Rio 2016. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 9 out. 2015. Seção 1, p. 34.

MOURA, M.; CISCATI, R. A matança como espetáculo: entramos numa nova fase do terrorismo, em que a divulgação nas redes sociais potencializa o medo e estimula uma epidemia de atentados. **Época**, São Paulo, edição 946, p.28-35, 1º agosto 2016.

MÜLLER, M. After Sochi 2014: costs and impacts of Russia's Olympic Games. **Eurasian Geography and Economics**, v.55, n.6, p.628-655, 2015. Disponível em: <<http://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/15387216.2015.1040432>>. Acesso em: 14 fev. 2016.

MUMPOWER, J. et al. Psychometric and demographic predictors of the perceived risk of terrorist threats and the willingness to pay for terrorism risk management programs. **Risk Analysis Journal**, Massachusetts, v. 33, n. 10, p. 1802-1811, 2013.

MYERS, D. G. **Psicologia Social**. Porto Alegre: McGraw-Hill, 2014.

NACOS, B.L.; BLOCH-ELKON, Y.; SHAPIRO, R. Y. Post-9/11 Terrorism Threats, News Coverage, and Public Perceptions in the United States. **International Journal of Conflict and Violence**, New York, v. 1, n. 2, p. 105-126, 2007.

NEIROTTI, L.; HILLIARD, T. Impact of Olympic spectator safety perception and security concerns on travel decisions. **Tourism Review International**, n.10, p. 269 – 284, 2006.

NETTO, A. **Físico deportado é vigiado na França**. Estado de São Paulo, São Paulo, 17 jul. 2016. Disponível em: <<http://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,fisico-deportado-e-vigiado-na-franca,10000063471>>. Acesso em 18 jul. 2016.

NEUMANN, V. **The Real Terrorist Threats to the Rio Olympics**. Foreign Policy Research Institute. Disponível em: <<http://www.fpri.org/article/2016/08/real-terrorist-threats-rio-olympics/>>. Acesso em: 29 nov. 2016.

NORELL, M. **Terror as a Threat**. In: Threat Perceptions in the Swedish Defence Establishment. Joint Study between the National Defence College and the Swedish Defence Research Agency. Stockholm, 1998.

NOVELLI, A. L. R. **Comunicação e opinião pública**. In: DUARTE, J. (Org.) et al. Comunicação Pública: Estado, Mercado, Sociedade e Interesse Público. São Paulo: Atlas, 2012.

OLIVIER, R. **Globalized Islam: The Search for a New Ummah**. New York: Columbia University Press, 2004.

ORGANIZAÇÃO DOS ESTADOS AMERICANOS. **CES/DEC 1/03, de 12 de novembro de 2003**. Conferência Especial sobre Segurança. Declaração sobre Segurança nas Américas. Cidade do México, 2003.

PORTAL DA DEFESA (Brasil). **Rio 2016: Defesa, Justiça e Abin iniciam ações de sensibilização da população contra ameaças terroristas**. Brasília, 2016. Disponível em: <<http://www.defesa.gov.br/noticias/18299-rio-2016-defesa-justica-e-abin-iniciam-acoes-de-sensibilizacao-da-populacao-contra-ameacas-terroristas>>. Acesso em 18 fev. 2016.

PORTAL RIO 2016 (Brasil) Disponível em: <<https://www.rio2016>>. Acesso em: 14 out. 2016.

PRADO, A. L.; BRESSAN, A. O Estigma da Mente: Transformando o Medo em Conhecimento. **Rev. Psicopedagogia**, v.33, n.100, p.103-9, 2016.

PRATES, W. C. As Lições Aprendidas na Prevenção e Combate ao Terrorismo em Londres 2012: Suas Aplicabilidades em Operações Interagências nas Olimpíadas de 2016. **PADECEME**, Rio de Janeiro, v.8, n.16, p.43-52, 01/2016.

PYSZCZYNSKI, T.; SOLOMON, S.; GREENBERG, J. **In The Wake of 9/11: The Psychology of Terror**. Washington, D.C.: APA Publications, 2003.

QI, C. X.; GIBSON, H. J.; ZHANG, J. J. Perceptions of Risk and Travel Intentions: The Case of China and the Beijing Olympic Games. **Journal of Sport & Tourism**, v.14, n.1, p. 43-67, 2009.

RANGEL, R.; COUTINHO, L. **Até onde vai o Terror: O atentado na França lança presságios nebulosos sobre a segurança na Olimpíada do Rio e mostra que a globalização do terrorismo é a praga mais nefasta do século XXI**. **Veja**, São Paulo, edição 2487, ano 49, n.29, p.58-63, 20 julho 2016.

RAPOPORT, David C. Fear and Trembling: Terrorism in Three Religious Traditions. **American Political Science Review**, v.78, n.3, p.658-677, 1984.

_____. The four waves of rebel terror and September 11. **Anthropoetics**, v. 8, n. 1, 2002.

REICH, W. **Origins of Terrorism: Psychologies, Ideologies, Theologies, States of Mind**. Washington D.C.: The John Hopkins University Press, 1998.

RICHARDSON, L. **What Terrorists Want: Understanding the Enemy, Containing the Threat**. New York: Random House, 2007. Resenha Paulo Edson Santa Barba. In: **Military Review**, Kansas, v.68, n.5, p.2-13, sep./oct. 2013.

RODRIGUES, A. ABIN admite autenticidade de ameaça terrorista contra o Brasil. **Agência Brasil**, Brasília, 14 abr. 2016. Disponível em:

<<http://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,fisico-deportado-e-vigiado-na-franca,10000063471>>. Acesso em 15 abr. 2016.

ROGERS, R.W. A protection motivation theory of fear appeals and attitude changed. **Journal of Psychology**, n. 91, p. 93-114, 1975.

_____. **Cognitive and physiological process in fear appeals and attitude change**: a revised theory of protection motivation. In: PETTY, R. E.; CACIOPPO, J. T. New York: Guilford, 1983.

ROSENFELD, J. E. (Ed.) **Terrorism, Identity and Legitimacy**. The Four Waves Theory and Political Violence. London: Routledge, 2011.

SAGEMAN, M. **Understanding Terrorist Networks**. Pennsylvania: Penn State University Press, 2004.

SÃO PAULO (Estado). Decreto nº 61.361, de 08 de julho de 2015. Institui o Comitê Paulista das Olimpíadas 2016. **Diário Oficial do Estado de São Paulo**, Poder Executivo, São Paulo, 09 jul. 2015. Seção 1, p.1.

SCHELP, D. O mundo depois de Bin Laden. **Veja**, São Paulo, edição 2216, ano 44, n.19, p.84-94, 11 maio 2011.

SCHMID, A. P. Academic Consensus Definition of Terrorism (1988). In: _____; JONGMAN, A. J. **Political Terrorism: A New Guide to Actors, Authors, Concepts, Databases, Theories, and Literature**. New Jersey: Transaction Books, 1988.

_____. The revised academic consensus definition of Terrorism. **Perspectives on Terrorism Journal**, v. 6, n.2, 2012.

_____. **The Routledge Handbook of Terrorism Research**. Abingdon, Oxon: Routledge, 2011.

_____.; DE GRAAF, J. **Violence as communication**. London: SAGE Publications, 1982.

_____.; JONGMAN, A. J. **Political Terrorism: A Research Guide to Concepts, Theories, Databases and Literature**. Amsterdam: North-Holland, 1984.

_____.; JONGMAN, A. J. **Political Terrorism: A New Guide to Actors, Authors, Concepts, Databases, Theories, and Literature**. New Jersey: Transaction Books, 1988.

SEMINÁRIO INTERNACIONAL TERRORISMO E GRANDES EVENTOS, 2014, Brasília, DF. **Anais eletrônicos...** Brasília, DF: Câmara dos Deputados, Comissão de Relações Exteriores e de Defesa Nacional, 2014. Disponível em: <<http://bd.camara.gov.br/bd/handle/bdcamara/18119>>. Acesso em: 2 fev. 2016.

SINAI, J. How to Define Terrorism. **Perspectives on Terrorism**, v.2, n.4, 2008.

SLOVIC, P. The Psychology of Risk. **Saúde Soc.**, São Paulo, v. 19, n. 4, p. 731-747, 2010.

SÖNMEZ, S.; GRAEFE, A. Influence of terrorism risk on foreign tourism decisions. **Annals of Tourism Research**, v.25, p.112-144, 1998a.

_____. Trust, emotion, sex, politics and science: Surveying the risk-assessment battlefield. In: BAZERMAN, M.H. et al. **Environment, ethics, and behavior**, San Francisco: New Lexington, 1997.

SPATA, A. V. **Métodos de Pesquisa: Ciência do Comportamento e Diversidade Humana**. Rio de Janeiro: LTC, 2005.

SPENCER, A. T. Basque Nationalism and the Spiral of Silence: An Analysis of Public Perceptions of ETA in Spain and France. **International Communication Gazette**, n. 70, p. 137-153, April 2008.

START. Background Report: 9/11, Ten Years Later. **National Consortium for the Study of Terrorism and Responses to Terrorism**, 2011. Disponível em: <https://www.start.umd.edu/sites/default/files/files/announcements/BackgroundReport_10YearsSince9_11.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2016.

_____. Terrorism and the Olympics: Sochi, Russia 2014. **National Consortium for the Study of Terrorism and Responses to Terrorism**, January 2014. Disponível em: <<http://www.start.umd.edu/start/publications/br/TerrorismAndOlympics.pdf>>. Acesso em: 14 fev. 2016.

STEPANOVA, E. **Terrorism in Asymmetrical Conflict: Ideological and Structural Aspects**. Oxford: University Press, 2008.

STEVENS, G. et al. **Alert but less alarmed: a pooled analysis of terrorism threat perception in Australia**. BMC Public Health, Sidney, v.11, n.797, 2011.

TAYLOR, T.; TOOHEY, K. Impacts of Terrorism Related Safety and Security Measures at a Major Sport Event. **Event Management**, v. 9, n. 1, p. 199–209, 2006.

_____. Mega Events, Fear, and Risk: Terrorism at the Olympic Games. **Journal of Sport Management**, v. 22, n; 1, p. 451-469, 2008.

_____. Perceptions of Terrorism Threats at the 2004 Olympic Games: Implications for sport events. **Journal of Sport & Tourism**, v.12, n.2, p.99-114, 2007.

_____. The FIFA World Cup 2002: the effects of terrorism on sport tourists. **Journal of Sport & Tourism**, v.8, n.3, p.167-185, 2003.

THOMPSON, A. **Terrorism and the 2000 Olympics**. Australian Defence Studies Centre. Canberra: ADFA, 1996.

TOMAZ, K.; MACEDO, L. Sete dos 28 países que estarão em SP terão segurança reforçada, diz PM. **G1 Globo.com**. São Paulo, 22 jul. 2016. Disponível em:

<<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2016/07/sete-dos-28-paises-que-estarao-em-sp-terao-seguranca-reforcada-diz-pm.html>>. Acesso em: 23 jul. 2016.

U.S. DEPARTMENT OF DEFENSE. **National Military Strategic Plan for the War on Terrorism**. 2006. Disponível em: <<http://archive.defense.gov/pubs/pdfs/2006-01-25-Strategic-Plan.pdf>>. Acesso em: 10 fev. 2016.

U.S. DEPARTMENT OF STATE. **Country Report on Terrorism 2015**. Disponível em: < <https://www.state.gov/j/ct/rls/crt/2015/>>. Acesso em: 10 fev. 2016.

UNIÃO EUROPEIA. Conclusões do Conselho da UE e dos Estados-Membros reunidos no Conselho sobre a luta contra o terrorismo. Comunicado de Imprensa, Bruxelas, 2015.

UNITED NATIONS. Security Council. **Resolução nº 1.566, de 8 de outubro de 2004**. Threats to international peace and security caused by terrorist acts. Disponível em :<[http://www.un.org/en/ga/search/view_doc.asp?symbol=S/RES/1566\(2004\)](http://www.un.org/en/ga/search/view_doc.asp?symbol=S/RES/1566(2004))> Acesso em: 11 mar. 2016.

VAN LEEUWEN, M. **Confronting Terrorism**: European Experiences, Threat Perceptions and Policies. The Hague: Kluwer Law International, 2003.

VAN ZUIJDEWIJN, J. R.; BAKKER, E. Analysing the Personal Characteristics of Lone-Actor Terrorists: Research Findings and Recommendations. **Perspectives on Terrorism Journal**, v. 10, n. 2, p. 23, 2016.

VIDALIS, S. E. Extinguishing the Torch of Terror: The Threat of Terrorism and the 2010 Olympics. **Journal of Strategic Security**. v.2, n.4, p. 53-60, 2010.

VIGEVANI, T.; CORREA, P. R.; CINTRA, R. **Globalização e Segurança Internacional**: a Posição do Brasil. Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <<http://www.iea.usp.br/publicacoes/textos/vigevanietalglobalizacao.pdf>>. Acesso em: 12 out. 2016.

VISACRO, A. **Guerra Irregular**: Terrorismo, guerrilha e movimentos de resistência ao longo da história. São Paulo: Contexto, 2009.

WALTON, R. Protecting Euro 2016 and the Rio Olympics: Lessons Learned from London 2012. **Combating Terrorism Center Sentinel**, New York, v.9, n.6, p.1-6, 2016.

WATKINS, N.; COUTINHO, L. Ameaça Nível 4: A inteligência nacional tenta minimizar os riscos, mas sabe que há pelo menos 32 brasileiros que se dizem seguidores do grupo terrorista Estado Islâmico. **Veja**, São Paulo, edição 2487, ano 49, n.29, p.64-68, 20 julho 2016.

WEINBERG, L.; PEDAHZUR, A.; HIRSCH-HOEFLER, S. The Challenges of Conceptualizing Terrorism. **Terrorism and Political Violence**, v.16, n.4, p.777-794, 2004.

WEISS, M.; HASSAN, H. **Estado Islâmico**: Desvendando o exército do terror. Tradução Jorge Ritter. São Paulo: Seoman, 2015.

WHISENANT, W. Using biometrics for sport management in a post 9/11 era. **Facilities**, v.21, n.5, p.134-141, 2003.

WHITTAKER, D. J. (Org.) **Terrorismo**: um retrato. Tradução Joubert de Oliveira Brízida. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 2005.

WILKINSON, S. Focus group methodology: a review. **International Journal of Social Research Methodology**. v.1, n.3, p.181-203, 1998.

WOOD, G. **A Guerra do Fim dos Tempos**: O Estado Islâmico e o mundo que ele quer. Tradução Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

WOLOSZYN, A. **Terrorismo Global**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 2010.

YIN, R. K. **Applications of case study research**. Thousand Oaks: SAGE Publications, 1993.

_____. **Case study research**: Design and Methods. London: Sage Publications, 2003.

_____. **Estudo de caso** - planejamento e métodos. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

ZIMMERMANN, D. **The Transformation of Terrorism**: The "New Terrorism", impact scalability and the dynamic of reciprocal threat perception. Zürcher Beiträge zur Sicherheitspolitik und Konfliktforschung, n. 67. Zurich, 2003.

ZUCKERMAN, M. Behavioral expressions and biosocial bases of sensation seeking. Cambridge: Cambridge University, 1994.

ANEXO A – PESQUISA PERCEPÇÃO DE AMEAÇA TERRORISTA

FICHA MODELO A

PESQUISA PERCEPÇÃO DE AMEAÇA TERRORISTA

Você está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa intitulada "Percepção de ameaça terrorista nos jogos olímpicos", realizada na cidade-sede São Paulo no âmbito das Olimpíadas Rio 2016. Trata-se de uma pesquisa associada ao Estágio de Percepção de Ameaça Terrorista (EPAT), cujos resultados ampliarão a base de dados existente nesse campo do conhecimento.

Você foi selecionado(a) em função de sua área de atuação profissional - segurança, transportes, hotelaria, turismo, dentre outros serviços essenciais. Sua participação não é obrigatória e consistirá apenas no preenchimento - individual e intuitivo - do questionário a seguir. O pesquisador assume o compromisso de preservar a identidade das pessoas e instituições participantes.

São Paulo, 25 de fevereiro de 2016.

Alexandre R. de Sousa
pesquisador responsável

I. PERFIL

Assinale, nos itens abaixo, a opção que melhor se enquadra em seu perfil.

1. Faixa etária (anos):

- ☐ até 24
☐ 25 a 34
☐ 35 a 44
☐ 45 a 54
☐ 55 a 64
☐ acima de 64

2. Gênero:

- ☐ masculino
☐ feminino

3. Escolaridade:

- ☐ ensino fundamental
☐ ensino médio
☐ ensino superior
☐ especialização
☐ mestrado
☐ doutorado

4. Área de atuação profissional:

- ☐ segurança pública
☐ segurança privada
☐ defesa
☐ infraestruturas críticas
☐ transportes
☐ comunicações
☐ tecnologia
☐ saúde
☐ hotelaria
☐ serviços
☐ outro: _____

5. Estado/cidade onde trabalha:

Estado: _____

Cidade: _____

6. Você desempenha função de chefia?

- ☐ sim
☐ não

Caso positivo, quantos profissionais você lidera?

- ☐ até 10 integrantes
☐ de 11 a 30 integrantes
☐ de 31 a 120 integrantes
☐ de 121 a 300 integrantes
☐ + de 300 integrantes

7. Você ou sua equipe trabalha em contato com o público?

- ☐ sim
☐ não

Caso positivo, qual a média diária de circulação de pessoas em seu local de trabalho?

- ☐ até 10 pessoas
☐ de 11 a 100 pessoas
☐ de 101 a 1.000 pessoas
☐ de 1.001 a 10.000 pessoas
☐ + de 10.000 pessoas

II. PERCEPÇÃO

8. Ameaça é tudo aquilo que tem potencial de causar algum tipo de dano. A percepção de uma ameaça varia de indivíduo para indivíduo. Enumere os elementos da coluna da esquerda de acordo com o grau de ameaça percebido.

(A) desastres naturais	() 1º lugar (maior ameaça percebida)
(B) desemprego	() 2º lugar
(C) doenças e epidemias	() 3º lugar
(D) drogas e crime organizado	() 4º lugar
(E) guerras	() 5º lugar
(F) terrorismo	() 6º lugar
(G) violência urbana	() 7º lugar (menor ameaça percebida)

9. Na sua opinião, o Brasil está imune a um ataque terrorista? Assinale a(s) alternativa(s) que julgar verdadeira(s).

- ☐ Sim, porque o Brasil está distante das regiões onde normalmente acontecem ataques terroristas.
- ☐ Sim, porque no Brasil não há extremismos religiosos.
- ☐ Sim, porque terroristas não têm interesse no Brasil.
- ☐ Sim, porque o Brasil não tem histórico de terrorismo.
- ☐ Não, porque nenhum lugar está imune a ataques terroristas.
- ☐ Não, porque brasileiros podem ser recrutados por grupos extremistas.
- ☐ Não, porque o Brasil é um país com crescente participação no mundo globalizado.
- ☐ Não, porque o Brasil pode se tornar um palco do terrorismo ao sediar eventos internacionais.
- ☐ Outros

10. Na sua opinião, que elemento(s) caracteriza(m) o terrorismo? Assinale a(s) alternativa(s) que julgar verdadeira(s).

- ☐ alternativa tática
- ☐ objetivos políticos
- ☐ atividade clandestina
- ☐ ação de grupos não-estatais
- ☐ intimidação, medo e incerteza
- ☐ uso intencional da violência física e/ou psicológica
- ☐ fanatismo e/ou extremismo religioso
- ☐ aleatoriedade na escolha das vítimas
- ☐ uso da imprensa e das redes sociais
- ☐ planejamento e coordenação
- ☐ ação de indivíduos isolados
- ☐ propaganda e marketing
- ☐ estratégia

Obrigado por sua participação.

ANEXO B – PESQUISA PERCEPÇÃO E POLÍTICAS PÚBLICAS

Ficha Modelo "B" PESQUISA PERCEPÇÃO DE AMEAÇAS E POLÍTICAS PÚBLICAS

I. PERFIL SÓCIO-DEMOGRÁFICO

Assinale, nos itens abaixo, a opção mais adequada ao seu perfil.

1.

Faixa etária (anos):

- ☐ até 24
- ☐ 25 a 34
- ☐ 35 a 44
- ☐ 45 a 54
- ☐ 55 a 64
- ☐ acima de 65

2.

Sexo:

- ☐ masculino
- ☐ feminino

3.

Nível de escolaridade:

- ☐ ensino fundamental
- ☐ ensino médio
- ☐ ensino superior
- ☐ especialização
- ☐ mestrado
- ☐ doutorado

4.

Estado onde mora:

5. Cidade onde mora:

Ficha Modelo "B"
PESQUISA PERCEPÇÃO DE AMEAÇAS E POLÍTICAS PÚBLICAS

II. PARTICIPAÇÃO EM PROGRAMAS DE PREVENÇÃO

O Estágio de Percepção da Ameaça Terrorista (EPAT) é uma ação de caráter preventivo que integra o programa de sensibilização contra ameaça terrorista, realizado nas cidades-sede participantes dos Jogos Olímpicos Rio 2016.

7.

Você concluiu o Estágio de Percepção da Ameaça Terrorista (EPAT)?

☐ NÃO

☐ SIM

8. Caso positivo, dê sua opinião sobre a assertiva a seguir:

"O EPAT é uma medida preventiva eficaz na diminuição das vulnerabilidades dos indivíduos, propriedades e estabelecimentos face à ameaça terrorista."

☐ discordo totalmente

☐ discordo parcialmente

☐ não discordo nem concordo

☐ concordo parcialmente

☐ concordo totalmente

9. Em sua opinião, ações preventivas contra a ameaça terrorista devem assumir um caráter permanente no Brasil?

☐ Não, devem permanecer como iniciativas temporárias e vinculadas à realização de grandes eventos no país.

☐ Sim, devem assumir um caráter permanente e integrar o rol de políticas públicas, com foco na segurança do país.

☐ Outro (especifique)

Ficha Modelo "B"
PESQUISA PERCEPÇÃO DE AMEAÇAS E POLÍTICAS PÚBLICAS

III. PERCEPÇÃO

10.

"Ameaça" é aquilo que tem potencial de causar algum tipo de dano e sua percepção varia de indivíduo para indivíduo. Ordene os elementos abaixo de acordo com o grau de ameaça percebido.

	1º lugar / maior ameaça percebida	2º lugar	3º lugar	4º lugar	5º lugar / menor ameaça percebida
desastres ambientais	☐	☐	☐	☐	☐
doenças e epidemias	☐	☐	☐	☐	☐
guerras	☐	☐	☐	☐	☐
terrorismo	☐	☐	☐	☐	☐
violência urbana e crime organizado	☐	☐	☐	☐	☐

* 11. De acordo com sua percepção, como você classifica o fenômeno Terrorismo? Assinale a(s) alternativa(s) que julgar adequada(s):

- ☐ fenômeno militar
- ☐ fenômeno político
- ☐ fenômeno econômico
- ☐ fenômeno psicossocial (inclui elementos como cultura e religião)
- ☐ Outro (especifique)

12.

Ataques terroristas têm acontecido, com relativa frequência, em diversas partes do mundo. De acordo com sua percepção, como se classificam os **IMPACTOS** do terrorismo?

- ☐ pouco severos, desprezíveis
- ☐ severos
- ☐ muito severos
- ☐ variáveis, não seguem um padrão
- ☐ não sei

13.

Você percebe o Brasil como um país **IMUNE** a um ataque terrorista? Assinale a(s) alternativas(s) que julgar verdadeira(s).

- ☐ Sim, porque o Brasil está distante das regiões onde normalmente acontecem ataques terroristas.
- ☐ Sim, porque no Brasil não há extremismos religiosos.
- ☐ Sim, porque terroristas não têm interesse no Brasil.
- ☐ Sim, porque o Brasil não tem histórico de terrorismo.
- ☐ Não, porque nenhum lugar está imune a ataques terroristas.
- ☐ Não, porque brasileiros podem ser recrutados por grupos extremistas.
- ☐ Não, porque o Brasil é um país com crescente participação no mundo globalizado.
- ☐ Não, porque o Brasil pode se tornar um palco do terrorismo ao sediar eventos internacionais.
- ☐ Outro (especifique)

* 14.

De acordo com sua percepção, que elemento(s) caracteriza(m) o **TERRORISMO**? Assinale a(s) alternativas(s) que julgar verdadeira(s).

- ☐ tática
- ☐ objetivos políticos
- ☐ atividade clandestina
- ☐ ação de grupos não-estatais
- ☐ intimidação, medo e incerteza
- ☐ uso intencional da violência física e/ou psicológica
- ☐ fanatismo e/ou extremismo religioso
- ☐ aleatoriedade na escolha das vítimas
- ☐ uso das redes sociais
- ☐ planejamento
- ☐ ação de indivíduos isolados
- ☐ propaganda
- ☐ estratégia
- ☐ Outro (especifique)

ANEXO C – ROTEIRO DO ESTUDO DE CASO

PERÍODO		AÇÕES	LOCAL
Semana 1	1 a 5 FEV	<p>Submissão do projeto de pesquisa à aprovação do CDA/SP;</p> <p>Composição da equipe de trabalho;</p> <p>Realização do planejamento detalhado das atividades das semanas 2 e 3;</p> <p>Elaboração do formulário de pesquisa.</p>	SÃO PAULO
Semana 2	8 a 12 FEV	<p>Padronização das instruções e da sistemática de aplicação da pesquisa;</p> <p>Impressão dos formulários de pesquisa;</p> <p>Preparação administrativa e logística para as atividades das semanas 3 e 4.</p>	SÃO PAULO
Semana 3	15 a 19 FEV	<p>Realização do 1º estágio de percepção de ameaça terrorista (São Paulo/Brasil), com credenciamento de instrutores, formação de multiplicadores e composição de turma-piloto;</p> <p>Público-alvo: integrantes dos setores de Segurança e Defesa, representantes de aeroportos, hotelaria, transportes, saúde pública, infraestrutura crítica, turismo, comércio e academia;</p> <p>Início da composição do grupo amostral;</p> <p>Aplicação do formulário de pesquisa;</p> <p>Aplicação de pesquisas de opinião;</p> <p>Retificação e reimpressão dos formulários de pesquisa;</p> <p>Preparação administrativa e logística para as atividades das semanas 4 e 5.</p>	SÃO PAULO
Semana 4	22 a 26 FEV	<p>Tabulação de resultados;</p> <p>Continuação da composição do grupo amostral;</p> <p>Realização do estágio;</p> <p>Público-alvo: transportes, infraestrutura crítica e turismo;</p> <p>Aplicação em turma-piloto;</p> <p>Aplicação do formulário de pesquisa;</p> <p>Aplicação de pesquisas de opinião;</p> <p>Preparação administrativa e logística para as atividades das semanas 5 e 6.</p>	SÃO PAULO
Semana 5	29 FEV a 4 MAR	<p>Tabulação de resultados;</p> <p>Continuação da composição do grupo amostral;</p> <p>Realização do estágio;</p> <p>Público-alvo: transportes, infraestrutura crítica e turismo;</p> <p>Aplicação do formulário de pesquisa;</p> <p>Aplicação de pesquisas de opinião;</p> <p>Preparação administrativa e logística para as atividades das semanas 6 e 7.</p>	SÃO PAULO

PERÍODO		AÇÕES	LOCAL
Semana 6	7 a 11 MAR	<p>Tabulação de resultados; Continuação da composição do grupo amostral; Realização do estágio; Público-alvo: integrantes dos setores de Segurança e Defesa, representantes de aeroportos e hotelaria; Aplicação do formulário de pesquisa; Aplicação de pesquisas de opinião; Preparação administrativa e logística para as atividades das semanas 7 e 8.</p>	SÃO PAULO
Semana 7	14 a 18 MAR	<p>Tabulação de resultados; Continuação da composição do grupo amostral; Realização do estágio; Público-alvo: integrantes dos setores de Segurança e Defesa, representantes de aeroportos e hotelaria; Aplicação do formulário de pesquisa; Aplicação de pesquisas de opinião; Preparação administrativa e logística para as atividades das semanas 8 e 9.</p>	SÃO PAULO
Semana 8	21 a 25 MAR	<p>Tabulação de resultados; Continuação da composição do grupo amostral; Realização do estágio; Público-alvo: integrantes dos setores de Segurança e Defesa, representantes de aeroportos e hotelaria; Aplicação do formulário de pesquisa; Aplicação de pesquisas de opinião; Preparação administrativa e logística para as atividades das semanas 9 e 10.</p>	SÃO PAULO
Semana 9	28 MAR a 1 ABR	<p>Tabulação de resultados; Continuação da composição do grupo amostral; Realização do estágio; Público-alvo: integrantes dos setores de Segurança e Defesa, representantes de aeroportos e hotelaria; Aplicação do formulário de pesquisa; Aplicação de pesquisas de opinião; Preparação administrativa e logística para as atividades das semanas 10 e 11.</p>	SÃO PAULO
Semana 10	4 a 8 ABR	<p>Tabulação de resultados; Continuação da composição do grupo amostral; Realização do estágio; Público-alvo: saúde pública, turismo e comércio; Aplicação do formulário de pesquisa; Aplicação de pesquisas de opinião; Preparação administrativa e logística para as atividades das semanas 11 e 12.</p>	SÃO PAULO

PERÍODO		AÇÕES	LOCAL
Semana 11	11 a 15 ABR	<p>Tabulação de resultados; Continuação da composição do grupo amostral; Realização do estágio; Público-alvo: saúde pública, transporte, turismo e comércio; Aplicação em turma-piloto; Aplicação do formulário de pesquisa; Aplicação de pesquisas de opinião; Preparação administrativa e logística para as atividades das semanas 12 e 13.</p>	SÃO PAULO
Semana 12	18 a 22 ABR	<p>Tabulação de resultados; Continuação da composição do grupo amostral; Realização do estágio; Público-alvo: saúde pública, turismo e comércio; Aplicação do formulário de pesquisa; Aplicação de pesquisas de opinião; Preparação administrativa e logística para as atividades das semanas 13 e 14.</p>	SÃO PAULO
Semana 13	25 a 29 ABR	<p>Tabulação de resultados; Continuação da composição do grupo amostral; Realização do estágio; Público-alvo: saúde pública, turismo e comércio; Aplicação do formulário de pesquisa; Ampliação da pesquisa para base digital; Aplicação de pesquisas de opinião; Preparação administrativa e logística para as atividades das semanas 14 e 15.</p>	SÃO PAULO
Semana 14	2 a 6 MAI	<p>Tabulação de resultados; Continuação da composição do grupo amostral; Realização do estágio; Público-alvo: transportes, infraestrutura crítica e turismo; Aplicação do formulário de pesquisa (<i>paper-based</i> e <i>online</i>); Aplicação de pesquisas de opinião; Preparação administrativa e logística para as atividades das semanas 15 e 16.</p>	SÃO PAULO
Semana 15	9 a 13 MAI	<p>Tabulação de resultados; Continuação da composição do grupo amostral; Realização do estágio; Público-alvo: transportes, infraestrutura crítica e turismo; Aplicação do formulário de pesquisa (<i>paper-based</i> e <i>online</i>); Aplicação de pesquisas de opinião; Preparação administrativa e logística para as atividades das semanas 16 e 17.</p>	SÃO PAULO

PERÍODO		AÇÕES	LOCAL
Semana 16	16 a 20 MAI	<p>Tabulação de resultados; Continuação da composição do grupo amostral; Realização do estágio; Público-alvo: transportes, infraestrutura crítica e turismo; Aplicação do formulário de pesquisa (<i>paper-based</i> e <i>online</i>); Aplicação de pesquisas de opinião; Preparação administrativa e logística para as atividades das semanas 17 e 18.</p>	SÃO PAULO
Semana 17	23 a 27 MAI	<p>Tabulação de resultados; Continuação da composição do grupo amostral; Realização do estágio; Público-alvo: integrantes dos setores de Segurança e Defesa, representantes de aeroportos e hotelaria; Aplicação do formulário de pesquisa (<i>paper-based</i> e <i>online</i>); Aplicação de pesquisas de opinião; Preparação administrativa e logística para as atividades das semanas 18 e 19.</p>	SÃO PAULO
Semana 18	30 MAI a 3 JUN	<p>Tabulação de resultados; Continuação da composição do grupo amostral; Realização do estágio; Público-alvo: integrantes dos setores de Segurança e Defesa, representantes de aeroportos e hotelaria; Aplicação do formulário de pesquisa (<i>paper-based</i> e <i>online</i>); Aplicação de pesquisas de opinião; Preparação administrativa e logística para as atividades das semanas 19 e 20.</p>	SÃO PAULO
Semana 19	6 a 10 JUN	<p>Tabulação de resultados; Continuação da composição do grupo amostral; Realização do estágio; Público-alvo: integrantes dos setores de Segurança e Defesa, representantes de aeroportos e hotelaria; Aplicação do formulário de pesquisa (<i>paper-based</i> e <i>online</i>); Aplicação de pesquisas de opinião; Preparação administrativa e logística para as atividades das semanas 20 e 21.</p>	SÃO PAULO
Semana 20	13 a 17 JUN	<p>Tabulação de resultados; Continuação da composição do grupo amostral; Realização do estágio; Público-alvo: integrantes dos setores de Segurança e Defesa, representantes de aeroportos e hotelaria; Aplicação do formulário de pesquisa (<i>paper-based</i> e <i>online</i>); Aplicação de pesquisas de opinião; Preparação administrativa e logística para as atividades das semanas 21 e 22.</p>	SÃO PAULO

PERÍODO		AÇÕES	LOCAL
Semana 21	20 a 24 JUN	<p>Tabulação de resultados; Continuação da composição do grupo amostral; Realização do estágio; Público-alvo: integrantes dos setores de Segurança e Defesa, representantes de aeroportos e hotelaria; Aplicação do formulário de pesquisa (<i>paper-based</i> e <i>online</i>); Aplicação de pesquisas de opinião; Preparação administrativa e logística para as atividades das semanas 22 e 23.</p>	SÃO PAULO
Semana 22	27 JUN a 1 JUL	<p>Tabulação de resultados; Continuação da composição do grupo amostral; Realização do estágio; Público-alvo: integrantes dos setores de Segurança e Defesa, representantes de aeroportos e hotelaria; Aplicação do formulário de pesquisa (<i>paper-based</i> e <i>online</i>); Aplicação de pesquisas de opinião; Preparação administrativa e logística para as atividades das semanas 23 e 24.</p>	SÃO PAULO
Semana 23	4 a 8 JUL	<p>Tabulação de resultados; Continuação da composição do grupo amostral; Realização do estágio; Público-alvo: saúde pública, turismo e comércio; Aplicação do formulário de pesquisa (<i>paper-based</i> e <i>online</i>); Aplicação de pesquisas de opinião; Preparação administrativa e logística para as atividades das semanas 24 e 25.</p>	SÃO PAULO
Semanas 24 e 25	11 a 22 JUL	<p>Tabulação de resultados; Continuação da composição do grupo amostral; Realização do estágio; Público-alvo: saúde pública, turismo e comércio; Aplicação do formulário de pesquisa (<i>paper-based</i> e <i>online</i>); Aplicação de pesquisas de opinião; Preparação administrativa e logística para as atividades das semanas 25 e 26.</p>	SÃO PAULO
Semana 26	25 a 29 JUL	<p>Tabulação de resultados; Continuação da composição do grupo amostral; Realização do estágio; Público-alvo: hotelaria, turismo e comércio; Aplicação do formulário de pesquisa (<i>paper-based</i> e <i>online</i>); Aplicação de pesquisas de opinião; Consolidar os resultados obtidos.</p>	SÃO PAULO